

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Mestrado em Educação e Formação de Adultos

ENTRE FRONTEIRAS E PERCURSOS UNIVERSITÁRIOS
PROTAGONISMO AFRODESCENDENTE - VIVÊNCIAS E VOZES PRETAS NA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Volume de Apêndice — Material Complementar
que documenta o percurso metodológico e interpretativo da pesquisa, oferecendo
materiais complementares que sustentam a dissertação — desde o contexto
institucional e a construção das entrevistas até a organização e a codificação dos
dados empíricos.

Ruth Barros Valadares
Outubro, 2025

Apêndice 1. Universidade do Porto em Sua Própria Voz: Apontamentos de Uma Análise Exploratória

Embora este estudo não se centre na análise institucional, a Universidade do Porto, como espaço das narrativas investigadas, justifica uma breve exploração das suas páginas oficiais. Assim, este Apêndice apresenta uma exploração sumária das possibilidades ligadas à inclusão, diversidade, integração académica e valorização de saberes prévios, a partir de portais de notícias, páginas de faculdades, centros de investigação e eventos culturais, com foco em iniciativas dirigidas a estudantes e comunidades negras afrodescendentes.

A análise das páginas institucionais da Universidade do Porto revela um compromisso formal com princípios amplos de igualdade, inclusão e diversidade, integrados à sua missão, valores e estratégias de atuação. Documentos como o *Plano para a Igualdade de Género* e os valores institucionais explicitam metas de promoção da pluralidade, eliminação de barreiras e participação de todos os membros da comunidade académica. No entanto, essas diretrizes se apresentam de forma genérica, sem recorte ou abordagem direcionada às questões étnico-raciais, apesar de mencionar a eliminação de “todos os fatores internos que constituam desvantagens” e de valorizar a “pluralidade e livre expressão”, a universidade não explicita políticas, programas ou iniciativas específicas de combate ao racismo ou de promoção da representatividade negra entre estudantes, docentes e gestores.

No **Regulamento Fundo de Apoio Social (FAS)** da Universidade do Porto, não existe qualquer medida específica direcionada a estudantes negros ou afrodescendentes. O documento estabelece critérios gerais de apoio financeiro para estudantes em comprovada situação de necessidade económica, sem diferenciação por origem étnico-racial. As únicas menções específicas a grupos são sobre estudantes internacionais, e mesmo aí não há referência a questões raciais — apenas a situações humanitárias. Assim, o apoio existente é universal, com foco na condição socioeconómica e académica, não contemplando programas, bolsas ou subsídios especialmente voltados para estudantes racializados ou afrodescendentes.

Sobre **Residências Universitárias** da Universidade do Porto (2023), o documento define critérios gerais para todos os residentes, priorizando estudantes bolseiros da DGES e de

outras entidades públicas, estudantes internacionais e deslocados, inclusive de programas de mobilidade, com atenção especial a necessidades educativas especiais (Art. 5.º, n.º 8, alínea a). Os direitos previstos (Art. 18.º) incluem respeito independentemente de etnia, identidade cultural, nacionalidade ou outras particularidades — mas essa proteção é genérica e não cria políticas afirmativas ou mecanismos específicos para combater desigualdades raciais ou culturais no alojamento universitário.

Na **página “Informações e Serviços Úteis”** da U.Porto apresenta orientações para circular na cidade, obter mapas, aceder a serviços de saúde e usufruir de outras infraestruturas, destacando a hospitalidade do Porto. Inclui links para saúde, segurança, transportes, bibliotecas, comércio, turismo e outros serviços, mas não faz referência a apoio específico para estudantes negros afrodescendentes.

A **homepage do site oficial** da Universidade do Porto apresenta uma organização visualmente atrativa e funcional, com destaque para notícias, eventos e informações institucionais. O layout privilegia o fácil acesso a áreas estratégicas, como cursos, investigação e vida académica, e utiliza imagens de alta qualidade para reforçar a identidade e o prestígio da instituição. No entanto, apesar de apresentar, no seu marketing institucional, iniciativas ligadas à inclusão e diversidade, a presença de imagens de estudantes negros é quase nula, o que limita a visibilidade e a representatividade desse grupo nas campanhas visuais e comunicacionais.

Figura 16

Diversidade evocada



*Fonte. SASUP
(2023)*

A análise do Plano de Responsabilidade Social (2023–2026) e de outros materiais institucionais disponibilizados pelos SASUP revela uma lacuna significativa: embora os documentos sublinhem valores como inclusão, equidade e integração, não se encontram ações ou programas explicitamente voltados para estudantes negros. A diversidade é evocada de forma genérica, remetendo a “grupos vulneráveis” ou à “comunidade local”, mas sem nomear nem contemplar as desigualdades raciais que atravessam o contexto académico. Mesmo as representações visuais, já raras e quase inexistentes, não se convertem em medidas concretas de equidade racial. Essa ausência evidencia um padrão de **universalismo**

abstrato, em que princípios de responsabilidade social são apresentados como abrangentes, mas acabam por diluir especificidades e invisibilizar as necessidades de populações racializadas. Ao não incorporar a dimensão racial em seus programas de apoio social, os SASUP correm o risco de manter a diversidade apenas como enunciação formal, sem mecanismos efetivos de reparação ou de promoção da equidade racial no ensino superior.

Atualmente, as iniciativas divulgadas no **Corredor Cultural** têm sido marcadas, sobretudo, por eventos de matriz europeia e lusófona. Embora essas atividades desempenhem um papel importante na valorização da cultura local e nacional, a ausência de manifestações de outras regiões do mundo — especialmente do continente africano, que tem forte presença estudantil na U.Porto — limita o potencial do programa em promover uma verdadeira experiência intercultural.

A análise da **secção “Estudar” do site oficial** da Universidade do Porto revela uma ampla oferta de serviços e recursos para estudantes, abrangendo desde apoio académico até programas de mobilidade e reconhecimento de diplomas e apresenta iniciativas de inclusão voltadas a estudantes com necessidades educativas especiais. No entanto, não há qualquer referência a projetos, laboratórios ou serviços específicos não mencionando nenhuma ação específicas voltados para estudantes negros, ou outros grupos racializados.

No campo dos **projetos, eventos e programas de inclusão**, a reduzida quantidade de resultados evidencia limitações institucionais; entre os poucos registros encontrados, merece destaque, por exemplo a Conferência e exposição “E Tu Por Que És Negro?”, realizada em outubro de 2023 na Faculdade de Belas Artes (FBAUP) e na RAMPA Porto, centrada em questões de identidade e representação negra; o evento cultural “Mês da Identidade Africana (MIA)”, promovido em novembro e dezembro de 2024 no UPTEC, com a exposição *Caleidoscópio*, que celebrou a diversidade afrodescendente em Portugal; o dossiê temático “Universidade e Antirracismo”, publicado em 2022 pelo Instituto de Sociologia da U.Porto (IS-UP), acompanhado de debates e iniciativas pontuais sobre racismo estrutural e produção de conhecimento em espaços marcados pela branquitude; Seminário Internacional sobre Raça, Racismo e Género, realizado em março de 2025 na FPCEUP, que reuniu investigadoras de Portugal e do Brasil para aprofundar debates sobre racismo, género e universidade; Projeto em curso LED-EAR – Laboratório de Educação para o Desenvolvimento e Antirracismo, sediado na FPCEUP/CiIE desde 2024, que procura

articular cidadania global e práticas antirracistas através de seminários, laboratórios docentes e produção de recomendações para políticas institucionais e Apoio à integração acadêmica e profissional.

FIGURA 17

Representação estudantil institucional



REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL E INSTITUCIONAL

Fonte. FAP - 2025

Nesta varredura pelas Associações de Estudantes e pelos órgãos de gestão das faculdades da Universidade do Porto — em especial os Conselhos de Representantes e os Conselhos Pedagógicos — não foram encontrados registos que identifiquem explicitamente estudantes negros afrodescendentes no elenco de representantes estudantis.

FIGURA 18

Representação estudantil institucional



REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL E INSTITUCIONAL

Fonte. FAP - 2025

Este resultado, ainda que não permita concluir pela ausência absoluta, sinaliza um quadro de invisibilidade institucional: a maioria dos sítios não apresenta fotografias, minibiografias ou quaisquer campos de autodeclaração. Além disso, algumas listas mostraram-se inacessíveis ou careciam de histórico e, metodologicamente, não é aceitável inferir identidade racial por nome ou aparência. Assim, a falta de evidências

públicas não equivale à inexistência, mas revela fragilidades no registo, documentação e comunicação sobre quem ocupa lugares de representação — precisamente onde a diversidade deveria ser mais visível.

A implicação sociológica é dupla. Por um lado, a escassez de sinais públicos de presença negra em espaços decisórios pode produzir efeitos simbólicos sobre pertença e reconhecimento, tensionando o discurso institucional de multiculturalidade e igualdade. Por outro, a opacidade informacional dificulta avaliações rigorosas sobre a evolução da participação e sobre eventuais barreiras de acesso à representação.

Os regulamentos consultados para a Universidade do Porto indicam que a candidatura a órgãos de representação discente e às Associações de Estudantes é, em princípio, aberta a todo o corpo discente, independentemente de raça, etnia, género ou classe social. Em termos gerais, exige-se estar regularmente inscrito, apresentar uma lista (com declarações de aceitação dos membros) e recolher subscrições mínimas, dentro de um calendário eleitoral público. Não há, em regra, exigência de média nem triagem por desempenho académico. À primeira vista, trata-se de um campo participativo de baixo custo formal e com barreiras administrativas modestas. Contudo, persiste a questão: se o acesso formal é aberto, por que é que quase não vemos estudantes negros afrodescendentes em posições de representação? Uma leitura exploratória aponta para um défice de participação que não decorre apenas das regras, mas de dinâmicas estruturais, organizacionais e simbólicas que se sobrepõem à abertura normativa.

No que diz respeito ao **portal de Formação ao Longo da Vida** da U.Porto, observa-se um discurso institucional que anuncia a valorização de percursos prévios, a reconversão profissional e a aprendizagem contínua. Essa oferta formativa, em teoria, permitiria integrar saberes diversos e promover trajetórias mais flexíveis e inclusivas. Contudo, nas entrevistas realizadas, os estudantes negros afrodescendentes relatam frustração pela ausência de reconhecimento efetivo dos conhecimentos adquiridos nos países de origem. Referente ao reconhecimento de graus e diplomas estrangeiros, embora a U.Porto disponibilize mecanismos formais para tal, o processo mostra-se distante de uma inclusão plena. As dificuldades financeiras associadas às taxas e os entraves burocráticos — como traduções certificadas — Este descompasso entre o discurso institucional e a experiência vivida reforça sentimentos de desvalorização e limita o potencial inclusivo da universidade, perpetuando desigualdades no acesso ao ensino superior.

Apêndice 2. Análises de Imagens e Eventos de Inclusão na U.Porto

As imagens e eventos analisados revelam tanto iniciativas institucionais de valorização da diversidade quanto os limites de uma abordagem ainda fragmentada. Embora este trabalho destaque as ausências institucionais, também reconhece e parabeniza as iniciativas já em curso, valorizando o impacto que possuem.

FIGURA 19

Divulgação de doutoramentos



Nesta imagem, destaca-se uma mão negra a apontar para um quadro analítico. Esse detalhe, ainda que discreto, sugere uma presença racializada no marketing do curso de doutoramento, que aparece de forma parcial e fragmentada.

Fonte. FLUP 2025

FIGURA 20

Representação da pluralidade estudantil



Fonte. Universidade do Porto 2025

Aqui vemos um grupo diverso de estudantes, de diferentes origens e pertencas culturais, ocupando em conjunto a escadaria da universidade. Os rostos, corpos e expressões estão plenamente visíveis, e a pluralidade é explicitamente valorizada. A fotografia transmite convivência, pertença e representatividade, projetando a universidade como espaço aberto e multicultural. Colocadas em diálogo, as duas imagens revelam tanto os limites quanto as potencialidades da comunicação institucional. Enquanto a primeira sugere uma presença negra parcial e

fragmentada, a segunda celebra a diversidade de forma mais completa e afirmativa, mesmo não sendo das primeiras imagens que se veem ao acessar o portal.

FIGURA 21

Cultura em ação



A exposição arranca no dia 20 de novembro e poderá ser visitada nas instalações do UPTEC Baixa até 7 de dezembro.

Fonte. UPTEC 2024

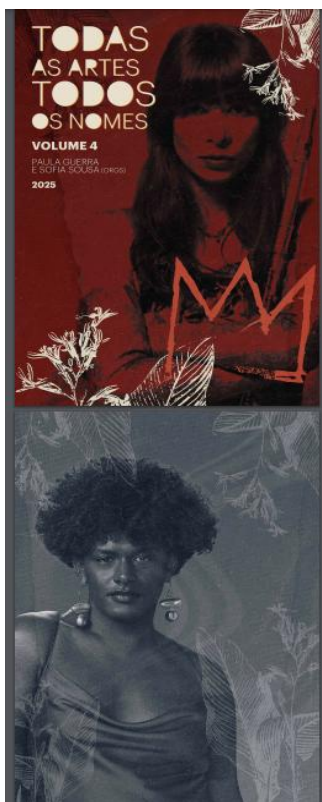
A divulgação do evento no UPTEC, em alusão ao Mês da Identidade Africana, coloca no centro uma obra artística que retrata uma criança negra, observada por duas pessoas negras de costas. Essa escolha visual é potente: desloca o olhar eurocentrado e reconhece a produção estética e simbólica africana como digna de espaço institucional. Esse evento sinaliza movimentos institucionais para reconhecer e valorizar a diversidade. No entanto, a

divulgação do evento no UPTEC ainda se apresenta de forma pontual e restrita, circunscrita a um recorte temporal (novembro/dezembro) e espacial (instalações do UPTEC), sem integração efetiva com o quotidiano académico. Dessa forma, embora significativa, a ação corre o risco de permanecer como atividade cultural periférica, em vez de consolidar-se como prática central da universidade.

O Volume 4 de Todas as Artes, Todos os Nomes (retratado na figura 22) apresenta a cultura como um espaço de encontros e interações, resultante da articulação entre matrizes africanas, indígenas, europeias e orientais. O livro evidencia como esses cruzamentos transnacionais e multiétnicos se manifestam em práticas artísticas diversas, construindo identidades plurais e dinâmicas. Nesse contexto, as artes são entendidas não apenas como manifestações estéticas, mas também como territórios de resistência, diálogo e transformação social. Eventos culturais e publicações deste género, pela sua relevância académica e social, deveriam ter maior visibilidade e ser amplamente divulgados em todas as faculdades da Universidade do Porto, de modo a estimular o contacto intercultural, a consciência crítica e a valorização da diversidade no espaço universitário.

FIGURA 22

Arte e diversidade



Fonte. Guerra & Sousa (2025)

FIGURA 23

Um eco em meio a muitos.



Fonte. FCUP 2020

A reportagem sobre Navváb Danso representa um avanço ao dar visibilidade a uma estudante negra e ao debate sobre o racismo, fugindo ao padrão tradicional de notícias institucionais centradas em feitos académicos. No entanto, essa abertura ainda é pontual. O portal poderia ampliar o espaço para que estudantes comuns partilhem suas vivências, desafios e resistências, trazendo à tona histórias silenciadas e enriquecendo a narrativa institucional com maior pluralidade e representatividade.

FIGURA 24

Escrita abrindo portas da inclusão.



Fonte. Cadernos IS-UP_N2.

O dossiê *Universidade e Antirracismo: resistências na produção de conhecimento e políticas públicas num espaço branco*, publicado nos **Cadernos do Instituto de Sociologia**, reúne reflexões críticas sobre como a universidade lida com a hegemonia branca e os desafios de construir conhecimento e políticas públicas antirracistas. Este é apenas **um exemplo entre outros cadernos** igualmente relevantes, que merecem maior divulgação e integração nos currículos. Embora circulem sobretudo em **nichos de pesquisa** e na

própria **Faculdade de Sociologia**, devem ser **expandidos a todas as faculdades** e usados de forma sistemática, de modo a tornar-se parte central do debate académico.

Apêndice 3. Conclusão geral sobre os Apêndices [1 e 2]

Baseada nas entrevistas e no projeto que realizei em 2023, pode-se criar algumas hipóteses explicativas sobre o não achado de representação negra estudantil na Associações de Estudantes e pelos órgãos de gestão das faculdades da Universidade do Porto, tais como: informação e incentivo insuficientes; custo de oportunidade e precariedade, a participação implica tempo (reuniões, preparação, deslocações e, em alguns casos, despesas de campanha/comunicação); Para quem acumula trabalho remunerado, cargas familiares ou deslocação internacional, o custo relativo é maior; capital social, processos de mobilização assentam em patrocínio/mentoria e em redes de confiança. A sub-representação histórica reduz a probabilidade de convites e apoios estratégicos; Clima institucional e experiências de racialização, contatos anteriores com microagressões, tokenismo ou deslegitimação podem desincentivar a exposição pública; A percepção de “ter de provar o dobro” também pesa; Horários, linguagem e desenho do processo [reuniões em horários pouco inclusivos, linguagem jurídico-burocrática nos editais e assinaturas mínimas (mesmo pequenas) funcionam como barreiras acumulativas; Baixa visibilidade de referências, a ausência de rostos negros em cargos anteriores alimenta um ciclo de não-identificação com esses espaços etc.

A ausência de referências concretas à dimensão racial — presente na UP, por meio de estratégias antirracistas — limita a capacidade de responder de forma estruturada e contínua às desigualdades vividas por negros afrodescendentes no meio acadêmico. A abordagem ampla e não segmentada da diversidade pode, assim, contribuir para invisibilizar demandas específicas desse grupo, reforçando a necessidade de políticas públicas e institucionais que contemplem recortes interseccionais entre raça, gênero, nacionalidade e condição socioeconômica. Em suma, os achados preliminares apontam para uma baixa visibilidade pública de estudantes negros afrodescendentes na representação estudantil, sendo necessário aprofundar a investigação antes de qualquer julgamento precipitado sobre a Universidade do Porto, de modo a permitir que cada leitor formule as suas próprias conclusões quanto à coerência (ou descompasso) entre o discurso institucional e as práticas efetivas de inclusão e diversidade.

As iniciativas analisadas mostram avanços na valorização da diversidade e da representatividade, mas ainda ocorrem de forma pontual e fragmentada, sem plena integração no quotidiano académico.

Apêndice 4. Criando possibilidades (Universidade do Porto mais Justa e Plural)

- Os serviços de Formação ao Longo da Vida e de Reconhecimento de Diplomas carecem de maior divulgação pelas diferentes faculdades da U.Porto. Além disso, as taxas associadas deveriam considerar desigualdades racializadas, sob pena de transformar direitos em privilégios restritos a quem possui melhores condições económicas. A universidade poderia ainda desenvolver estratégias de ampliação de oportunidades para estudantes internacionais de mestrado e doutoramento, tendo em conta que, ao serem admitidos, já comprovaram a autenticidade dos seus diplomas de licenciatura.

- Propõe-se, em cada Faculdade da Universidade do Porto, a criação de um Núcleo de Estudantes Racializados, aberto a estudantes negros, ciganos/roma, indígenas e demais grupos racializados. Complementado a Associação de Estudantes existente — não a substitui — e tem por missão promover pertença, participação e igualdade na vida académica local. Com solicitação mínima à Faculdade/AE: reconhecimento formal do Núcleo de Estudantes como interlocutor consultivo em matéria de diversidade, com acesso a espaço e canais de comunicação e inclusão no calendário académico para iniciativas de participação estudantil. Tendo como prioridade a — Participação, incentivar candidaturas de estudantes racializados a órgãos e comissões da própria faculdade; Prevenção e resposta — colaborar com a direção/serviços na prevenção de discriminações e no encaminhamento de casos; Apoio e visibilidade: promover ações de acolhimento, mentoria e valorização de produções científicas e culturais; Articulação: cooperar com a Associação de Estudantes e estruturas da U.Porto em iniciativas de diversidade e antirracismo.

- No campo da representação estudantil, propõem-se medidas operacionais como campanhas de divulgação multicanal e prazos destacados. — Sessões “Como candidatar-me?” antes do período eleitoral, com checklists e modelos de lista/documentos; Apoio material e reconhecimento — bolsa/apoio de participação para dirigentes estudantis em situação de vulnerabilidade (ajuda-de-custo para transporte/ alimentação; Mentoria e patrocínio [Programa de mentoria entre pares (representantes atuais apadrinham novas listas), com atenção a candidaturas de estudantes negros afrodescendentes]; Gabinete de apoio às listas (calendarização, verificação documental, comunicação); Desenho institucional inclusivo [Flexibilização de horários de reuniões (rodízio, híbrido/presencial-online)]; Revisão das subscrições mínimas quando desproporcional ao número de eleitores ativos; Formação antirracista para mesas eleitorais e órgãos, com protocolos contra assédio e discriminação durante campanhas e mandatos; Canais de denúncia confidenciais e

resposta rápida a incidentes; Compromisso público de diversificar painéis e grupos de trabalho ligados à vida estudantil; Monitorização ética: Levantamento voluntário e anónimo de dados de diversidade (com salvaguardas e finalidade clara) para monitorizar participação e ajustar políticas etc. Ressalta-se que a abertura formal não garante acesso substantivo. Para transformar a possibilidade jurídica em participação efetiva e plural, é preciso atuar nos incentivos, na informação, no apoio material, nas redes e no clima institucional.

- A presença digital da Universidade do Porto também desempenha papel relevante. Ao analisar a *homepage* do site oficial de notícias da Universidade do Porto, constatou-se a ausência de referências explícitas a estudantes negros afrodescendentes, tanto nas imagens de destaque como nos títulos das notícias. Essa ausência reforça, no plano visual e textual, o carácter genérico da comunicação institucional no que se refere à diversidade racial. Propõe-se, assim, que o espaço “Seja um de nós!”, incluam convites direcionados à partilha de experiências de estudantes negros e afrodescendentes. Esse espaço poderia ganhar maior impacto se incluísse um convite direcionado, como: *“A tua história importa! Se és estudante negro ou afrodescendente na U.Porto, partilha as tuas experiências, conquistas e desafios. A tua voz ajuda a construir uma universidade mais diversa e representativa.”*

- Na seção “Agenda” do site oficial da Universidade do Porto, que apresenta eventos e exposições em destaque, é essencial que a programação inclua de forma contínua iniciativas voltadas à discussão racial e ao combate ao racismo. A inserção regular de debates, palestras, formações e encontros culturais sobre o tema contribui para manter viva a reflexão, fortalecer a representatividade negra e integrar a diversidade também na vida cultural da universidade.

- O quadro “Pessoas da U.Porto” apresenta, majoritariamente, perfis de pessoas brancas, sendo a presença de pessoas negras bastante reduzida e posicionada em áreas mais inferiores da listagem, exigindo maior deslocamento na página para serem visualizadas. A visibilidade restrita de pessoas negras nesse espaço virtual contrasta com a importância de promover, de forma contínua e estratégica, a representatividade racial, garantindo que vozes, trajetórias e conquistas negras também ocupem lugares de destaque na vitrine oficial da universidade.

Figura 25

Corredor cultural



Tipo de oportunidades: Corredor Cultural

Esta semana o Corredor Cultural leva-te ao... Teatro Municipal Constantino Nery

Fonte. Universidade do porto 2024

O **Corredor Cultural** poderia assumir um formato diferente, ao incluir eventos de diversas culturas — especialmente africanas — como música, dança e gastronomia. Dessa forma, promoveria maior interculturalidade.

Figura 26

Representação fora dos muros



Black Hills Events 2023

A título ilustrativo, apresenta-se o cartaz do evento *Afro Beats N Brunch*, realizado em Vila Nova de Gaia, que celebra a música e a cultura africana contemporânea. Iniciativas deste tipo demonstram o potencial de parcerias culturais que poderiam ser valorizadas e divulgadas pela Universidade do Porto junto da sua comunidade académica, fortalecendo a representatividade, o diálogo intercultural e o sentimento de pertença dos estudantes africanos.

Nota de aplicação: *A reflexão desenvolvida não resulta de um plano consolidado, mas de um exercício interpretativo construído a partir das vozes recolhidas nas entrevistas. Foi organizada de forma ampla e sintética, buscando apreender aspirações, inquietações e sugestões partilhadas pelos estudantes. Ao mesmo tempo, incorpora a minha própria leitura crítica, atravessada por doses de ingenuidade, criatividade e sonho. Pretende, assim, abrir horizontes possíveis para uma Universidade do Porto mais inclusiva e representativa, sem a pretensão de esgotar o tema. Os Apêndices 1 a 4 reiteram e complementam as entrevistas, funcionando como reflexão interpretativa adicional que reforça a análise crítica desenvolvida. Desta forma, todas as propostas aqui apresentadas apontam para a criação de possibilidades de políticas e programas de combate ao racismo e de promoção da diversidade étnico-racial que sejam visíveis e permanentes na comunicação institucional.*

Apêndice 5. Biblioteca da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Figura 27

Biblioteca.



Fonte. https://sigarra.up.pt/reitoria/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1026347

A Biblioteca da FPCEUP revelou-se um espaço fundamental ao longo da realização desta dissertação. Foi neste ambiente que desenvolvi a maior parte da minha pesquisa bibliográfica, encontrando não apenas um acervo vasto e atualizado, mas também condições favoráveis de estudo, com computadores de acesso livre e internet disponível. Mais do que a infraestrutura, destaco o apoio contínuo e atencioso dos bibliotecários, sempre disponíveis para auxiliar na localização de obras, no esclarecimento de dúvidas e na orientação sobre recursos digitais e bases de dados.

A mediação exercida por estes profissionais foi essencial para que o processo de investigação se desenvolvesse com rigor e fluidez. A relevância da biblioteca, porém, ultrapassa a dimensão individual desta pesquisa. Trata-se de um espaço de aprendizagem e encontro, que merece maior divulgação entre os estudantes da Universidade do Porto como recurso central para apoiar percursos académicos de diferentes áreas. A valorização do acervo, a acessibilidade tecnológica e o acompanhamento prestado configuram a biblioteca como um dos pilares da vida universitária e da democratização do conhecimento.

Apêndice 6. Guião da entrevista, consentimento informado e procedimentos de construção

Figura 28

Página 1 integral do guião de entrevista



Guião: Entrevista Individual

Entrevistadora: Ruth Valadares

Entrevistado: _____ Apelido: _____ Datas: ____/____/____. ____/____/____.

Recurso: _____ Local: _____ N. sessões: _____ Duração: ____/____.

Vidas em Construção: Estudantes Negros Afrodescendentes no Ensino Superior português.

Pergunta da investigação	Objetivos Gerais	Problemática
Quais são as reflexões e os desafios enfrentados por estudantes negros afrodescendentes, nacionais e internacionais, no acesso e na permanência no Ensino Superior em Portugal?	- Compreender as trajetórias e vivências de estudantes negros afrodescendentes, nacionais e internacionais, no contexto do Ensino Superior. - Analisar as estratégias de enfrentamento adotadas por esses estudantes diante das diversas realidades vividas, considerando fatores de inclusão, equidade e representatividade.	- Os obstáculos enfrentados, incluindo barreiras académicas, dificuldades de integração e a falta de representatividade nos espaços institucionais. Além disso, explorar as estratégias adotadas pelos estudantes diante dos possíveis desafios que impactam suas trajetórias, condicionando o sucesso ou insucesso académico e pessoal. - As experiências que influenciam o processo de inclusão e equidade, tanto no ambiente universitário quanto em suas relações com a comunidade mais ampla. Examinar como essas vivências refletem na construção identitária, bem como no crescimento pessoal e profissional dos estudantes negros afrodescendentes.

Figura 29

Página 2 integrais do guião de entrevista

Blocos	Objetivo	Perguntas
1: Legitimar a entrevista	Descrever toda a situação da entrevista, além de apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, criando um ambiente afetivo e de confiança	Posso gravar a entrevista? Quer de criar um codinome? Deseja manter o anonimato? Posso inserir uma foto sua neste estudo (no relatório final da dissertação)?
2. Experiência no Ensino Superior	Coletar dados sobre a trajetória estudantil. Memórias que se destacam ao longo dos anos. Cruzando com experiências diversas que podem ter influenciado nessa trajetória da académica.	• Fale-me da sua trajetória pessoal e escolar até chegar ao ensino superior. • Aborde mais explicitamente como tem sido a sua experiência no ensino superior. • Quais fatores considera que influenciaram sua trajetória pessoal e académica? Por exemplo, a família, o contexto de origem, a condição socioeconómica, o gênero ou a etnia/cor da pele? (Caso seja relevante, pode abordar os desafios vividos na Universidade do Porto.)

Figura 30

Página 3 integrais do guião de entrevista

3. Percepções sobre Representatividade e Identidade:	Obter dados sobre a percepções do entrevistado(a) sobre representatividade e identidade racial no ensino superior, explorando experiências de preconceito, discriminação e pertencimento.	• Para si, a cor da sua pele é um elemento importante da sua identidade pessoal e social? Por quê? • Acredita que a cor da sua pele, junto a possíveis experiências de discriminação, racismo ou falta de reconhecimento da sua identidade, já foi um fator decisivo para sua exclusão social ou académica? Poderia descrever em que circunstâncias isso ocorreu? • Você se sente representado(a) no ambiente universitário, seja por colegas, professores ou pela forma como a universidade se apresenta (como no marketing, por exemplo)? Poderia compartilhar como percebe essa representatividade?
4. Inclusão, integração e equidade	Captar as percepções dos entrevistados sobre sua inclusão e integração na comunidade universitária e na cidade do Porto, identificando a existência ou não de barreiras à equidade no ensino superior.	• Sente-se incluído na comunidade mais alargada da cidade do Porto? Por quê? • Poderia nos falar sobre seus sentimentos de pertença social na faculdade? Houve momentos em que você se sentiu menos incluído ou até excluído? Em quais circunstâncias isso aconteceu, e por que acredita que ocorreu? • Se respondeu sim à questão anterior, e pudesse mudar, o que você faria ou considera que poderia ser feito institucionalmente para promover esse processo de inclusão e equidade?

Figura 31

Página 4 integrais do guião de entrevista

		• Sente-se incluído/integrado na Faculdade e a realizar um percurso académico em condições de equidade?
5. Experiência Profissional e Vida Acadêmica:	Entender como a vida profissional do participante impacta sua trajetória académica e como suas experiências são (ou não) valorizadas.	• Fale sobre sua ocupação atual, caso tenha uma? Como essa atividade influencia sua disponibilidade para se dedicar à vida académica? • De que forma suas experiências profissionais anteriores têm sido (ou não) reconhecidas e valorizadas em Portugal? Você pode compartilhar exemplos que ilustrem sua vivência nesse aspecto?
6. Reflexões pessoais:	Captar sentimentos, expectativas e recomendações para futuros estudantes, além de explorar como as vivências impactam o futuro.	• Como você imagina que sua experiência na universidade impactará seu futuro profissional e pessoal? • Que recomendações você daria a alguém que esteja pensando em viver e/ou estudar em Portugal? • Sentimentos e perspectivas: pedir ao entrevistado para completar as frases: Eu me sinto incluído(a) na universidade quando... / Gostaria de ver mais representatividade na universidade por meio de... / A integração social entre estudantes de diferentes origens pode ser fortalecida através de... / As estratégias que tenho utilizado para enfrentar os desafios no contexto do ensino superior são...

■ Perceber se o entrevistado já evidenciou um desses pontos na pergunta anterior. ■ Observar se é coerente fazer esta pergunta. Pois ela depende da resposta à pergunta anterior.

Figura 32

Termo de consentimento informado assinado



Consentimento informado

Eu, _____ declaro que estou de acordo em colaborar num estudo conduzido por RUTH VALADARES estudante do Mestrado em Educação e Formação de Adultos, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto sob orientação do Prof. Doutor João Caramelo. O objetivo do estudo passa por compreender as vivências dos estudantes negros afrodescendentes, nacionais e internacionais, no Ensino Superior, procurando destacar os processos de inclusão, equidade e representatividade que marcam suas trajetórias académicas e sociais. Estou ciente de que a participação neste estudo consistirá em conceder duas entrevistas que será áudio gravada e posteriormente transcrita. Concordo que os dados desta entrevista sejam utilizados para efeitos de análise como material informativo sem referência às respostas de qualquer pessoa específica e que a informação recolhida será exclusivamente usada para elaborar o trabalho final do ciclo de estudos [Dissertação].

Estou ciente de que o tratamento dos dados obtidos garantirá o anonimato dos/as participantes, nunca sendo feito qualquer tipo de uso que possa revelar a identidade dos/as participantes e sou inteiramente livre de participar ou não neste estudo, podendo-me retirar a qualquer momento sem consequências de qualquer tipo. Sou igualmente livre de recusar a responder a qualquer tipo de pergunta.

Mais confirmo que tomei conhecimento de que o estudo não envolve qualquer risco potencial, sociais, legais ou financeiros.

Para qualquer questão adicional, poderá, em qualquer altura, contactar a responsável e o orientador do estudo, através dos seguintes meios:

caramelo@fpce.up.pt

_____, ____ de _____ de 2025

Assinatura do/a participante: _____

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quadro 14

Agenda das entrevistas realizadas

Pseudônimo	Data	Duração (hora/minutos)	Local (online/presencial)
JABARI	22/11/24 29/11/24	50min16s 1hora16m	Presencial
AYO	06/03/25	1hora 16m	Presencial
ANGELINA	07/03/25	1hora 13m	Online
BEA	25/03/25	48min 51s	Online
TANASHA	25/02/25	36m 37s	Presencial
NANTH	01/04/25	43min 45s	Presencial
BARAKA	03/04/25	1hora 5m	Presencial
KIONI	05/05/25	1hora 4m	Online

Apêndice 7. Amostra Exploratórias das Entrevistas (Pré-codificação NVivo)

Este Apêndice apresenta o primeiro momento de sistematização analítica das entrevistas os resultados iniciais da análise lexical das entrevistas, realizados como um teste de codificação no NVivo — Quadro funciona como um referencial de origem da codificação — um “primeiro esboço” que orientaram a construção das categorias analíticas apresentadas no Apêndice seguinte.

A fonte de todas as imagens é o NVIVO, exceto das tabelas categorias e subcategoria, que são da autora.

Quadro 15

Consulta de frequência de palavras

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras simil
equida	8	5	0,09	equidade
história	8	4	0,07	história, histó
raça	4	4	0,07	raça
racista	7	4	0,07	racista, racist
teatro	6	4	0,07	teatro
afrodes	16	4	0,07	afrodescende
bullying	8	4	0,07	bullying
cabover	12	4	0,07	caboverdianc caboverdianc
pardo	5	4	0,07	pardas, pardo pardos
perspec	12	4	0,07	perspectiva, perspectivas
refletir	8	4	0,07	refletir
resiliên	11	4	0,07	resiliência, resiliente
validaç	9	4	0,07	validação, va
acesso	6	3	0,05	acesso
crioulo	7	3	0,05	crioulo
liberda	9	3	0,05	liberdade
psiquiat	11	3	0,05	psiquiatra, psiquiatria
realida	10	3	0,05	realidades
sucesso	7	3	0,05	sucesso
diversid	11	3	0,05	diversidade
moçam	10	3	0,05	moçambique
obstácu	10	3	0,05	obstáculos

Quadro 16

Consulta de frequência de palavras

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
língua	6	19	0,34	língua, língua
adaptar	7	17	0,30	adaptar
angelin	8	16	0,29	angelina
gênero	6	15	0,27	gênero
origem	6	14	0,25	origem
visto	5	14	0,25	cenário, cenário, visto, visto, visto
áfrica	6	14	0,25	áfrica
valoriza	11	13	0,23	valorização, valorizada, valorizadas, valorizados
apoio	5	20	0,22	apoio, suporte, suportes, sustentando, sustentar, sustento
estrutur	10	12	0,21	estrutural, estruturalmente
pertenç	8	12	0,21	pertença, pertencas, pertence, pertencimento
discrimi	13	11	0,20	discriminação
mudan	7	11	0,20	mudança, mudanças, transforma, transformação, transformar
visão	5	11	0,20	visão
amizad	8	11	0,20	amizades
estraté	11	11	0,20	estratégias

Figura 34

Dendrograma (clusters lexicais)

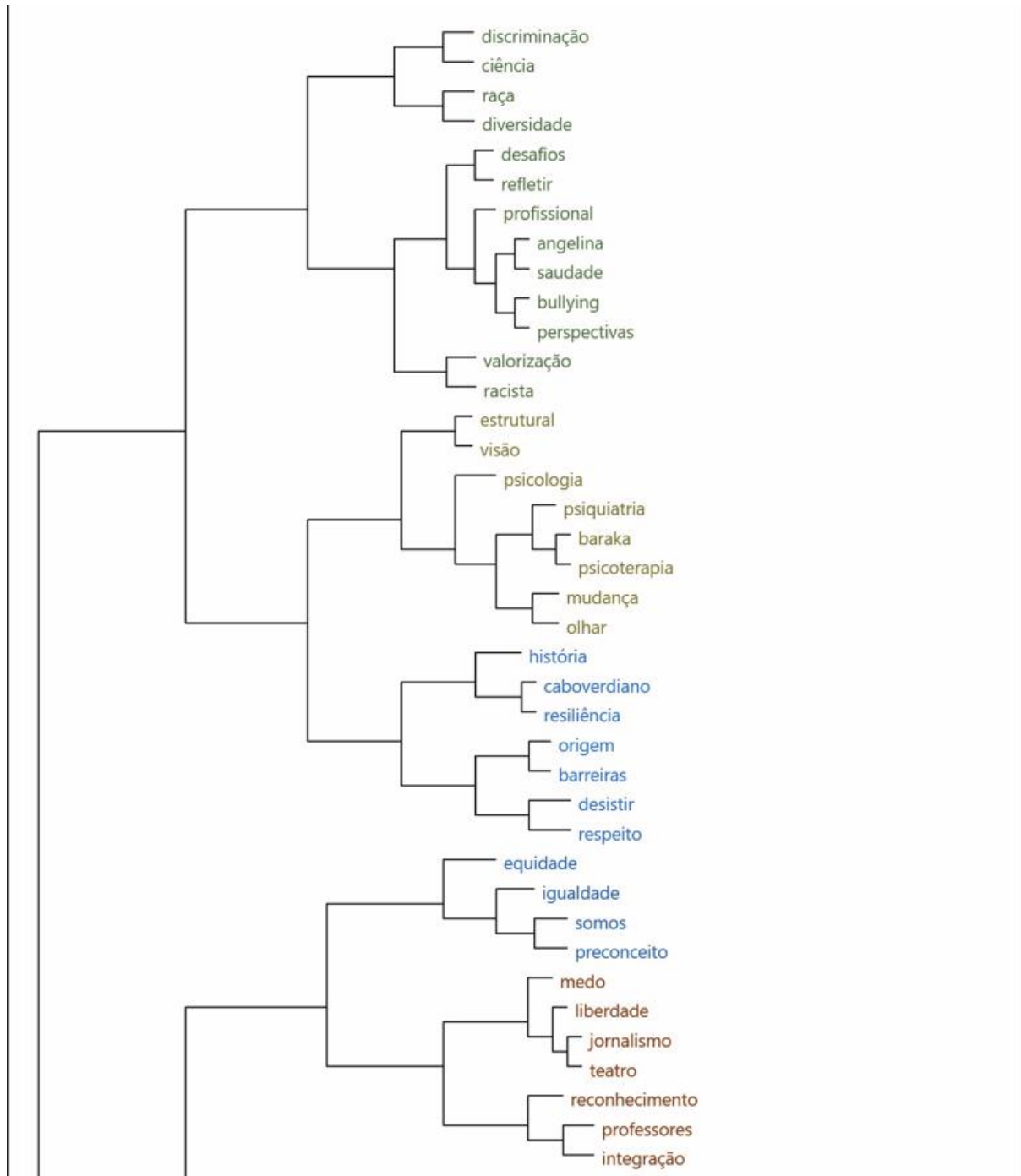


Figura 35

Dendrograma (clusters lexicais)

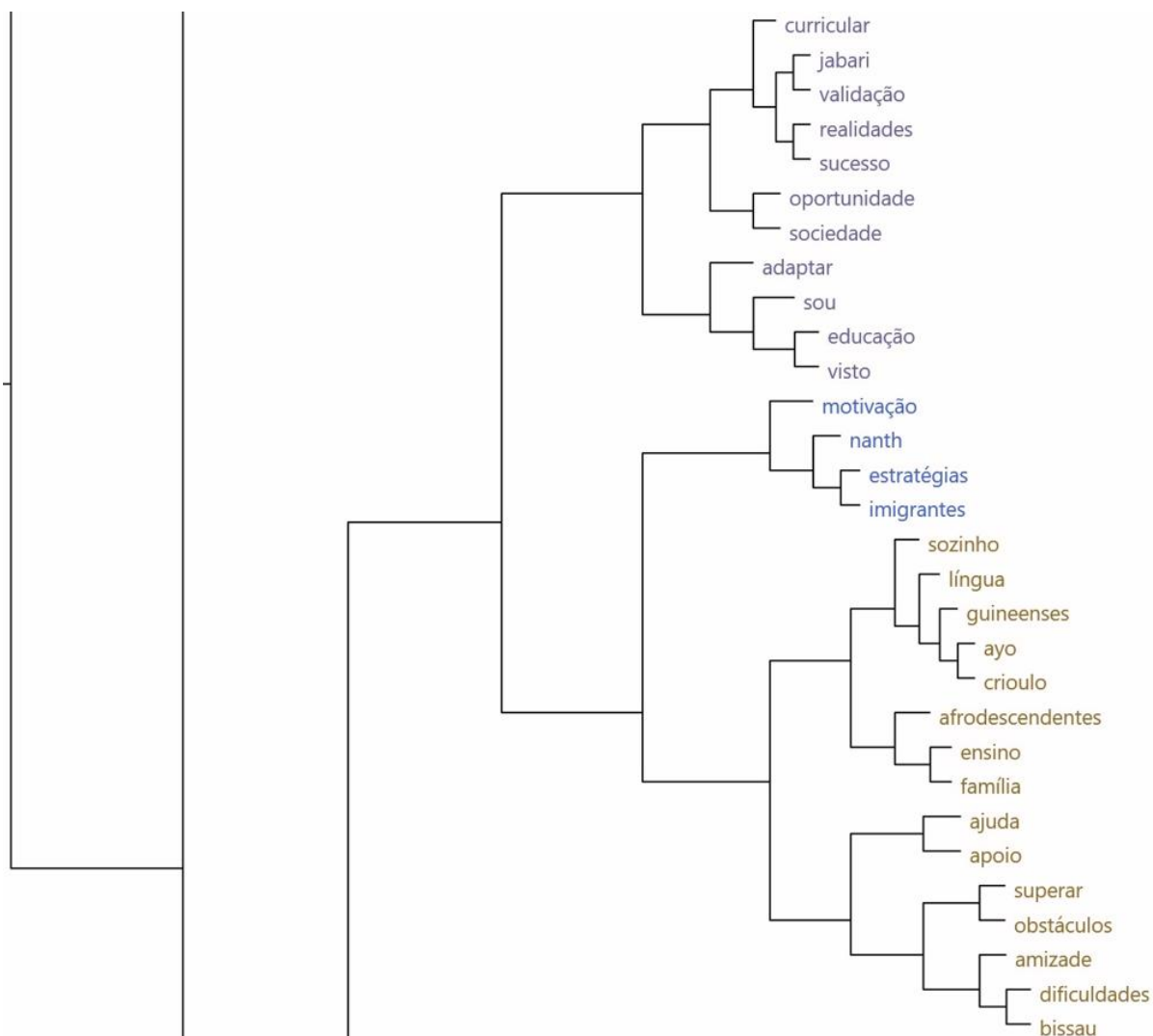


Figura 36

Dendrograma (clusters lexicais)

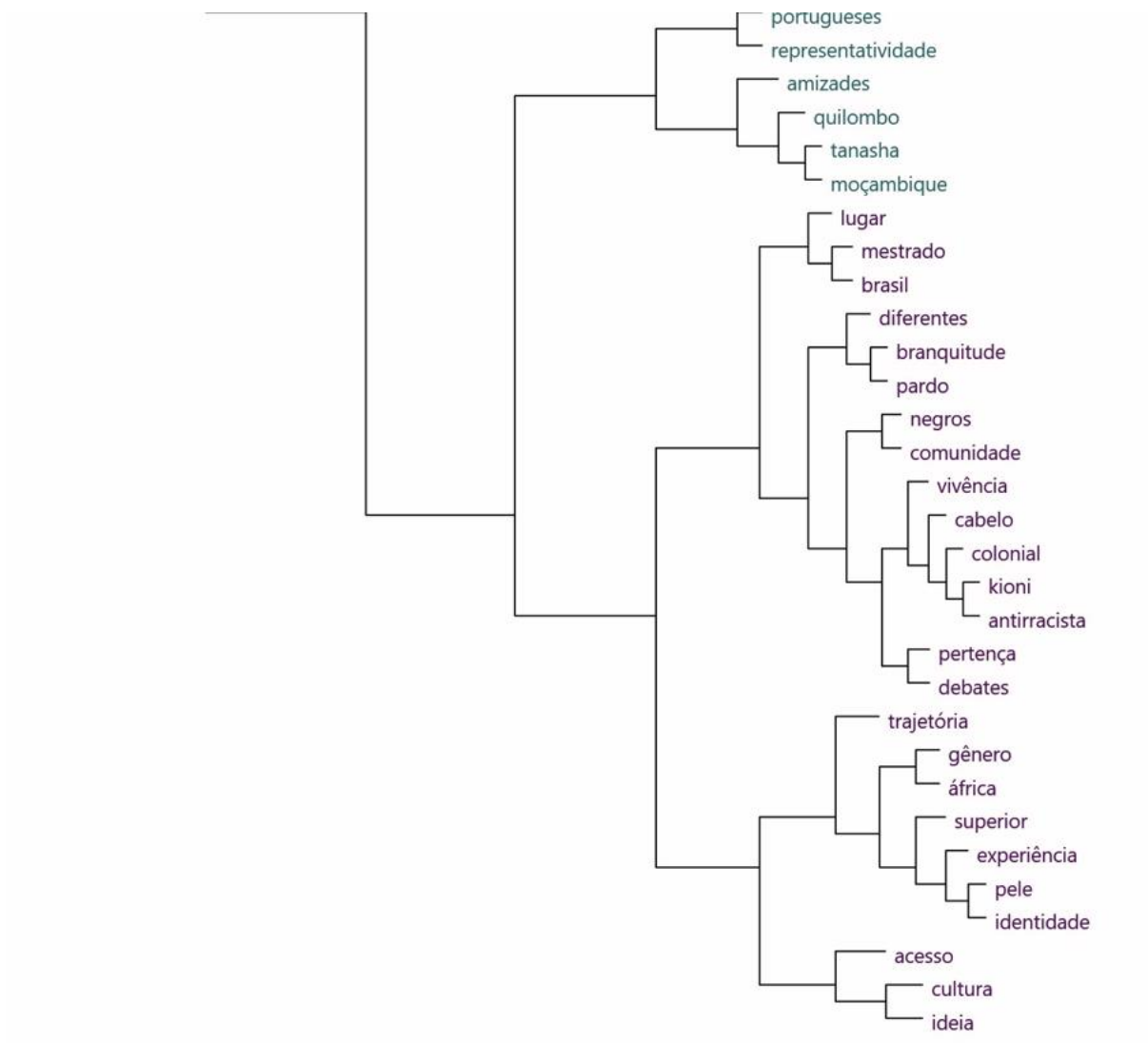


Figura 37

Primeiro ensaio de categorização – exemplo de treinamento

Pasta	Nome	Descrição	Arquivos	Referências
Códigos	A Cor da Pele Resistência e Ponderamento	Regista estratégias de resistência ao racismo e de permanência/sucesso no ensino superior, junto a reflexões íntimas sobre a cor da pele. Inclui: redes de pares, tutorias, gestão de tempo, autocuidado, humor, militância, espiritualidade, excelência acadêmica e decisões de silenciar ou confrontar. Exclui o ato discriminatório (Dinâmicas de Exclusão), reivindicações institucionais (Justiça Social) e sentimentos de pertença (Dinâmicas de Pertencimento). Contribui à RQ3.	0	0
Códigos	A Cor da Pele Resistência e Ponderamento/Construção da Identidade Racial	Examina reflexões individuais sobre ser negro — brasileiros, PALOP ou outros afro-descendentes — e como a vivência universitária molda a identidade racial. Inclui descoberta ou reforço da negritude, questionamento de estereótipos e autoimagem e orgulho (declarações de orgulho, uso de símbolos culturais, identificação racial). Exclui eventos discriminatórios (Dinâmicas de Exclusão), estratégias de ressignificação estética — tratadas em Resistência — e dinâmicas de pertença grupal (Dinâmicas de Pertencimento).	1	1
Códigos	A Cor da Pele Resistência e Ponderamento/Estratégias de Resistência e Superação	Regista táticas pessoais e coletivas para resistir ao racismo, garantir permanência e conquistar espaço na academia, incluindo ressignificações de falas e atitudes racistas. Inclui: redes de pares/tutorias, bolsas e serviços, gestão estudo-trabalho, autocuidado/terapia, reinterpretação de ofensas, excelência acadêmica, militância e uso estratégico de normas institucionais. Exclui os atos discriminatórios em si (Dinâmicas de Exclusão) e reivindicações político-institucionais (Justiça Social).	1	2
Códigos	A Cor da Pele Resistência e Ponderamento/Obstáculos	Regista barreiras ligadas à cor da pele que travam acesso, permanência e crescimento acadêmico. Inclui: baixo rendimento por burocracias (visto, matrículas), sobrecarga estudo-trabalho, solidão, discriminação aberta/velada, dificuldades econômicas e exclusão social. Exclui: preconceito nas notas, ausência de docentes-modelo, custos acrescidos e invisibilidade de autores negros (ver outros nós). Contribui à RQ1.	1	7
Códigos	A Cor da Pele — Vivências e Demandas de Mudança	Regista percepções sobre como a cor da pele molda a vida acadêmica e fundamenta exigências de mudança institucional ou social. Inclui: consciência do privilégio/estigma racial, críticas a currículos eurocêntricos, propostas de políticas antirracistas, reflexões sobre representatividade.	0	0

Figura 38

Proposta 1 de categorização

Categoria	Subcategorias Nível 1	Subcategorias Nível 2
1. Vivência Acadêmica e Familiar	1.1 Contexto Familiar	• Apoio financeiro• Suporte emocional• Expectativas dos pais• Mentoria familiar
	1.2 Dinâmica Acadêmica	• Mudança de curso• Adaptação inicial às aulas• Repetição de ano
	1.3 Mobilidade e Chegada	• Processo de visto• Atraso na chegada• Regime PALOP
	1.4 Interrupções e Pausas	• Desejo de desistir• Trabalho ou voluntariado paralelo• “Lista negra”
	1.5 Decisões Vocacionais	• Escolha de área• Influência de modelos (familiares/professores)• Redirecionamentos de carreira
2. Consciência e Experiências Raciais	2.1 Autoimagem e Orgulho	• Declarações de orgulho• Uso de símbolos (cabelo, <u>vestimenta</u>)• Afirmação de raça
	2.2 Racismo Estrutural	• Barreiras institucionais• Preferência por estudantes brancos• Políticas de exclusão
	2.3 Microagressões e Preconceitos	• Comentários discriminatórios• Olhares enviesados• Toques indevidos
	2.4 Estereótipos Culturais	• Suposições sobre comportamento• Julgamentos por sotaque• Expectativas ligadas à origem
	2.5 Resistência e Enfrentamento	• Confronto de situações injustas• Uso de voz ativa para correção• Negociação de respeito
3. Experiências e Aprendizagens Moldando o Presente/Futuro	3.1 Aprendizagens Acadêmicas	• Desenvolvimento de competências• Novas metodologias de estudo• Leitura crítica
	3.2 Aprendizagens Sociais/Emocionais	• Resiliência emocional• Autocuidado e bem-estar• Rede de apoio afetivo
	3.3 Projetos e Metas Futuras	• Planos de carreira• Intenções de pesquisa/ inovação• Objetivos de mobilidade internacional
	3.4 Impactos Pessoais	• Crescimento de autoestima• Visão ampliada de mundo• Definição de propósito
	3.5 Referências Teóricas e Inspirações	• Citações de <u>Fanon/Freire/Bauman</u> • Influência de <u>autores negros</u> • <u>Princípios de educação emancipatória</u>
4. Protagonismo e Demandas de Mudança	4.1 Autoafirmação e Autodefesa	• Questionamento de autoridades• Defesa de direitos acadêmicos• Uso da voz coletiva
	4.2 Propostas Institucionais	• Cotas e bolsas específicas• Criação de disciplinas decoloniais• Formação continuada de docentes
	4.3 Ações Coletivas	• Organizações estudantis• Movimentos de apoio a negros• Participação em conselhos pedagógicos
	4.4 Mobilização Cultural	• Eventos, oficinas e seminários sobre <u>raça/gênero</u> • Festas e coletivos (e.g. Quilombo)
	4.5 Voz e Representatividade	• Participação em materiais de divulgação• Atenção da mídia institucional• Visibilidade dos corpos negros
5. Desafios e Estratégias de Superação	5.1 Desafios Disciplinares e Metodológicos	• Choque curricular• Diferenças entre teoria e prática• Exigência de leituras acadêmicas
	5.2 Desafios Burocráticos	• Vistos e processos de imigração• Matrícula e pagamento de propinas• Uso de plataformas acadêmicas (<u>Sigara</u>)
	5.3 Conciliação Trabalho–Estudo	• Negociação de horários• Uso dos finais de semana• Cansaço e impacto no rendimento
	5.4 Estratégias de Estudo	• Leitura domiciliar• Busca de materiais extras• Envio de e-mails a professores
	5.5 Redes de Apoio e Mentoria	• Grupos de estudo• Mentoria informal• Apoio de coletivos e familiares

Figura 39

Proposta 2 de categorização

Categoria	Subcategoria (1º nível)	Subcategoria (2º nível)
1. Vivência Acadêmica e Familiar	1.1 Contexto Familiar	Apoio financeiro; Suporte emocional; Expectativas familiares
	1.2 Dinâmica Acadêmica	Mudança de curso; Adaptação às aulas; Repetição curricular
	1.3 Mobilidade e Chegada	Processo de visto; Chegada atrasada; Vagas PALOP
	1.4 Interrupções e Pausas	Pensamento de desistir; Trabalho paralelo; Pausa voluntária
	1.5 Decisões Vocacionais	Escolha de área; Influência de mentor; Redirecionamento profissional
2. Consciência e Experiências Raciais	2.1 Autoimagem e Orgulho	Declaração de orgulho; Uso de símbolo cultural; Identificação racial
	2.2 Racismo Estrutural	Discriminação institucional; Barreiras no acesso; <u>Política</u> de cotas
	2.3 Microagressões e Preconceitos	Comentários discriminatórios; Olhares hostis; Microagressões verbais
	2.4 Estereótipos Culturais	Suposições de capacidade; Preconceitos geográficos; Estereótipos físicos
	2.5 Resistência e Enfrentamento	Confrontação de injustiças; Reclamação formal; Assertividade
3. Experiências e Aprendizagens → Presente/Futuro	3.1 Aprendizagens Acadêmicas	Desenvolvimento de habilidades; Leitura crítica; Métodos de estudo
	3.2 Aprendizagens Sociais/Emocionais	Resiliência; Autocuidado; Rede de apoio
	3.3 Projetos e Metas Futuras	Planos de carreira; <u>Objetivos</u> de pesquisa; Mobilidade internacional
	3.4 Impactos Pessoais	Aumento de autoestima; Perspectiva global; Propósito de vida
	3.5 Referências e Inspirações	Citações fundamentais; Autores influentes; Princípios de Freire/ <u>Bauman</u>
4. Protagonismo e Demandas de Mudança	4.1 Autoafirmação e Autodefesa	Questionamento de autoridade; Defesa de direitos; Voz ativa
	4.2 Propostas Institucionais	Sugestão de cotas; Disciplinas decoloniais; Treinamento docente
	4.3 Ações Coletivas	Participação em grupos; Mobilizações estudantis; Conselhos pedagógicos
	4.4 Mobilização Cultural	Eventos temáticos; Oficinas de cultura; Seminários sobre raça/gênero
	4.5 Voz e Representatividade	Inclusão em marketing; Visibilidade institucional; Participação midiática
5. Desafios e Estratégias de Superação	5.1 Desafios Disciplinares	Choque curricular; Avaliações rigorosas; Métodos distintos
	5.2 Desafios Burocráticos	Vistos e imigração; Propinas e matrícula; Acesso a sistemas digitais
	5.3 Conciliação Trabalho-Estudo	Horários flexíveis; Uso de finais de semana; Gestão do cansaço
	5.4 Estratégias de Estudo	Leitura domiciliar; Materiais complementares; Contato com docentes
	5.5 Redes de Apoio e Mentoria	Grupos de estudo; Mentoria informal; Apoio familiar

A partir dos quadros 36, 37 e 38 foram realizadas sucessivas revisões e reorganizações, culminando em outras versões das categorias, exemplo:

Figura 40

Nova proposta de categorização

Arquivo Início Importar Criar Explorar Compartilhar Módulos								
Códigos								
Nome	Arquivos	Referências	Criado em	Criado por	Modificado e	Modificado po	Pesquisar Projeto	
○ Vivência Acadêmica e Familiar	1	1	26/05/2025	RUTH V	29/05/2025	RUTH V		
○ Processos de Mobilidade	6	11	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ Itinerários educativos e de carreira	6	14	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ Dinâmicas de Exclusão	8	37	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ Contexto Familiar	8	16	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ Experiências e Aprendizagens Moldando o Presente Futuro	0	0	26/05/2025	RUTH V	26/05/2025	RUTH V		
○ Impactos e Experiências Sociais e Emocionais	8	20	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ Dinâmicas Acadêmicas	7	19	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ (Re) Conhecimento de Aprendizagens ao longo da vida	7	11	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ A Cor da Pele — Vivências e Demandas de Mudança	0	0	26/05/2025	RUTH V	26/05/2025	RUTH V		
○ Reflexões e Vivências sobre pertencimento e representativ	7	27	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ Orientações para Futur@s Estudantes	4	5	29/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ Mudanças para alcançar a Justiça Social	7	25	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ A Cor da Pele Resistência e Ponderamento	0	0	26/05/2025	RUTH V	26/05/2025	RUTH V		
○ Estratégias de Resistência e Superação	8	17	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ Desafios Intra e Extra-Acadêmicos	8	49	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		
○ Construção da Identidade Racial	8	11	26/05/2025	RUTH V	31/05/2025	RUTH V		

Figura 41

Exercício de Reorganização das Categorias e Subcategorias.

A	B	C	D	E	F
Nº	CATEGORIAS NO GUIÃO	CATEGORIAS NA ENTREVISTA	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO (excertos das entrevistas)	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO
1	Experiência no Ensino Superior	Vivência Acadêmica e Familiar	Contexto Familiar Dinâmica Acadêmica e Mobilidade Dinâmicas de Exclusão Decisões Vocacionais		
2	Experiência Profissional e Vida Acadêmica	Experiências e Aprendizagens Moldando o Presente/Futuro	Aprendizagens Acadêmicas (Re) Conhecimento de Aprendizagens ao longo da vida		
3	Experiência Profissional e Vida Acadêmica	Experiências e Aprendizagens Moldando o Presente/Futuro	Aprendizagens Acadêmicas (Re) Conhecimento de Aprendizagens ao longo da vida Experiências Sociais/Emocionais Impactos Pessoais Projetos e Metas Futuras Justiça Social		
4	Reflexões pessoais	A Cor da Pele — Vivências e Demandas de Mudança	Dinâmicas de Pertencimento Voz e Representatividade		
5	Reflexões pessoais	A Cor da Pele — Resistência e Ponderamento	Obstáculos Construção da Identidade Racial Estratégias de Resistência e Superação		

Fonte: Professor e Doutor João Caramelo

Após o envio das primeiras codificações, o meu orientador sugeriu que eu realizasse um exercício de reorganização para verificar a coerência entre as categorias previstas no guião de entrevista e aquelas que emergiram das análises iniciais, apresentada nesta Figura 40, que representa uma etapa intermediária de revisão, na qual procurei ajustar, reagrupar e alinhar a estrutura inicial às dimensões teóricas e empíricas que sustentaram a codificação final apresentada no Capítulo 5 — especificamente nos quadros correspondentes à Dimensão 1 e à Dimensão 2. Em seguida apresento um espelho final (Tabelas 10 a 14) com as cinco categorias e suas respectivas subcategorias.

As tabelas a seguir foram construídas a partir de espelhos do NVIVO

Tabela 10

Categoria 1 e subcategorias

Nome	Descrição
1. Vivências de Acolhimento e Formação	Reúne excertos em que os estudantes relatam as experiências iniciais de chegada à Universidade do Porto, abordando o primeiro contacto com professores, colegas, serviços e espaços institucionais. Inclui percepções de adaptação; recepção e desafios do ingresso no contexto académico português; bem como as questões relevantes à mobilidade do lugar de origem até a chegada a Portugal e às aprendizagens académicas especificamente vividas na Universidade do Porto. Exclui menções ao reconhecimento de aprendizagens prévias e às transformações subjetivas ou desenvolvimentos pessoais decorrentes da experiência universitária.

Nome	Descrição
1.1. Processos de Mobilidade	Agrupa excertos em que os/as entrevistados/as relatam o impacto da migração, da chegada e da adaptação ao funcionamento académico português. Inclui processo de visto; chegada tardia; adaptação às aulas; metodologias e calendário; navegação em plataformas e procedimentos burocráticos; diferenças curriculares e exigências de equivalência. Exclui: apoio familiar; episódios de discriminação ou autoexclusão e reflexões identitárias.
1.2. Dinâmicas de Acolhimento	Agrupa menções diretas ou implícitas às formas de acolhimento institucional, social e humano vividas pelos estudantes no início do percurso universitário. Inclui referências a programas de mentoria, integração, apoio entre pares e atitudes docentes. Exclui menções a relações pessoais desvinculadas do contexto de recepção académica.
1.3. Aprendizagens Acadêmicas	Reúne conhecimentos, competências e métodos adquiridos dentro do percurso curricular (disciplinas, seminários, projetos, investigação). Inclui domínio de conceitos teóricos; técnicas laboratoriais; escrita académica; pensamento crítico e reflexões sobre como esses saberes influenciam projetos futuros. Exclui aprendizagens no trabalho, voluntariado ou vida quotidiana e episódios de exclusão.

Tabela 11

Categoria 2 e subcategorias

Nome	Descrição
2. Experiência – Tecendo o Presente e Futuro	Abarca saberes, competências e experiências (acadêmicas, profissionais ou comunitárias) que moldam a identidade presente e projetam o futuro do estudante. Inclui aprendizagens curriculares; estágios; voluntariado; trabalho remunerado; soft-skills adquiridas na migração e conhecimentos trazidos do contexto de origem (formação prévia, cultura, línguas), avaliando se são reconhecidos ou desvalorizados pela universidade/mercado. Exclui relatos que enfatizam situações de exclusão ou discriminação sem articulação com experiências educativas e profissionais.
2.1. (Re) Conhecimento de Aprendizagens ao longo da vida	Reúne trechos em que o/a entrevistado/a reconhece saberes adquiridos antes ou fora da universidade — trabalho prévio; cultura de origem; línguas; voluntariado; cuidados familiares — e reflete se tais aprendizagens são valorizadas, ignoradas ou formalmente creditadas (Validação). Inclui relatos de validação ou invisibilidade desses conhecimentos no mercado ou na instituição. Exclui competências aprendidas nas disciplinas atuais (Aprendizagens Acadêmicas).
2.2 Transformações subjetivas e Desenvolvimento Pessoal	Reúne reflexões sobre efeitos pessoais (emocionais, cognitivos, físicos ou identitários) decorrentes das experiências académicas, laborais, migratórias e sociais. Inclui ganhos de autoestima; autonomia; sentido de propósito; bem-estar ou, pelo reverso, stress; exaustão; ansiedade e crises de identidade. Exclui a descrição factual de eventos externos e aquisições de competências técnicas (Aprendizagens Acadêmicas).

Tabela 12***Categoria 3 e subcategorias***

Nome	Descrição
3. Sentindo na Pele o Reflexo da Minha Cor	Inclui relatos em que os estudantes descrevem situações de discriminação racial, preconceito, invisibilidade ou tratamento desigual vividas na Universidade do Porto, bem como percepções de silenciamento e ausência de representatividade. Excluem-se referências a dificuldades genéricas de adaptação; questões linguísticas ou económicas e experiências de pertença ou transformação pessoal que não envolvem explicitamente a dimensão racial.
3.1. Presença ou Ausência de Inclusão	Reúne episódios de racismo, xenofobia e outras práticas que afastam o estudante do convívio pleno. Inclui microagressões verbais/olhares; isolamento em trabalhos de grupo; estereótipos académicos; procedimentos institucionais que discriminam por cor ou nacionalidade (bolsas, alojamento, propinas). Exclui dificuldades burocráticas neutras e fatores familiares (ver Contexto Familiar).
3.2. Sentimento (ou não) de Pertencimento e Representatividade	Abrange sentimentos e práticas que reforçam /ou fragilizam o senso de pertença racial-comunitária de estudantes negros — brasileiros, PALOP ou outros afrodescendentes — na universidade. Inclui identificação com coletivos negros/brasileiros; tutorias de pares; valorização da cor da pele e da herança africana em eventos culturais ou em aula; reconhecimento de referências positivas em docentes e conteúdos. Exclui insultos, atos de exclusão e estratégias individuais de enfrentamento.

Tabela 13

Categoria 4 e subcategorias

Nome		Descrição
4. Resistência e Ponderamento	e	Regista estratégias de resistência ao racismo e de permanência/sucesso no ensino superior, junto a reflexões íntimas sobre a cor da pele. Inclui redes de pares; tutorias; gestão de tempo; autocuidado; humor; militância; espiritualidade; excelência acadêmica e decisões de silenciar ou confrontar. Exclui o ato discriminatório, reivindicações institucionais (Justiça Social) e sentimentos de pertença.
4.1. Obstáculos e Desafios na trajetória Acadêmica		Regista barreiras ligadas à cor da pele que travam acesso, permanência e crescimento acadêmico. Inclui baixo rendimento por burocracias (visto, matrículas); sobrecarga — estudo-trabalho; solidão; discriminação aberta/velada; dificuldades econômicas e exclusão social. Exclui preconceito nas notas; ausência de docentes-modelo; e invisibilidade de autores negros (ver outros nós).
4.2. Construção da Identidade Racial	da	Examina reflexões individuais sobre ser negro — brasileiros, PALOP ou outros afro-descendentes — e como a vivência universitária molda a identidade racial. Inclui descoberta ou reforço da negritude, questionamento de estereótipos e autoimagem e orgulho (declarações de orgulho, uso de símbolos culturais e identificação racial). Exclui eventos discriminatórios, estratégias de ressignificação estética — tratadas em Resistência — e dinâmicas de pertença grupal.
4.3. Estratégia de Resistência e Superação		Regista táticas pessoais e coletivas para resistir ao racismo, garantir permanência e conquistar espaço na academia, incluindo ressignificações de falas e atitudes racistas. Inclui redes de pares/tutorias; bolsas e serviços; gestão estudo-trabalho; autocuidado/terapia; reinterpretação de ofensas; excelência acadêmica; militância e uso estratégico de normas institucionais. Exclui os atos discriminatórios em si.

Tabela 14

Categoria 5 e subcategorias

Nome	Descrição
5. Agenda Estudantil Afro – Vozes que Projetam	Regista reivindicações político-institucionais (Justiça Social) — Percepções sobre como a cor da pele molda a vida acadêmica e fundamenta exigências de mudança institucional ou social. Inclui consciência do privilégio/estigma racial; críticas a currículos eurocêntricos; propostas de políticas antirracistas; reflexões sobre representatividade docente e histórica. Exclui episódios específicos de discriminação (Presença ou Ausência de Inclusão) e respostas individuais de (Estratégias de Resistência e Superação).
5.1. Visão de Educação	Compreensão da educação como instrumento de transformação; Reflexões críticas sobre o papel da universidade; Aspirações formativas e de construção de conhecimento; Reinterpretação da universidade como espaço político-pedagógico; Compreensão da educação como prática de liberdade e cidadania; Defesa de abordagens críticas e participativas e decoloniais.
5.2. Efetiva Justiça Social	Registra propostas e reflexões sobre equidade racial; redistribuição de oportunidades; reconhecimento e visibilidade dos saberes afro-descendentes dentro e fora da universidade. Inclui defesa de cotas; bolsas ou taxas diferenciadas; críticas a currículos eurocêntricos; pedidos de metodologias decoloniais/antirracistas; organização ou apoio a eventos culturais e científicos afro-descendentes; reivindicação de representatividade em órgãos decisórios e noções de reparação histórica. Exclui relatos de racismo.
5.3. Aos Futur@s Estudantes	Agrupar todos os excertos em que entrevistados oferecem orientações práticos a quem pretende vir estudar em Portugal ou migrar para fins académicos.

Apêndice 8. Excertos Selecionados das Entrevistas Individuais: Sistematização nas Categorias e Subcategorias

O NVivo organiza as codificações em ordem alfabética e identifica, de forma clara, o entrevistado a quem pertence cada discurso. O software também apresenta os microtextos recortados das entrevistas sem inserir pontuação final ou sinais gráficos (como aspas, chaves ou parênteses), de modo que o fragmento aparece diretamente como fala contínua. Essa formatação foi mantida integralmente.

Nas categorias e subcategorias em que realizei reajustes manuais, preservei as principais características do modelo original — **ordem alfabética, número de referências e formato textual** —, intervindo apenas nos casos em que um microtexto se sobrepunha a outra categoria ou subcategoria. Tais ajustes tiveram o único propósito de **assegurar clareza, coerência e fidelidade interpretativa**, sem alterar o conteúdo nem o sentido das falas. A subcategoria **(4.3. Estratégia de Resistência e Superação)** foi mantida **na forma original de codificação do NVivo**, a fim de **demonstrar o modo como o software realiza o processo automático de codificação**.

Ressalta-se que, ao longo deste processo de organização do material, nem todas as referências codificadas foram transcritas na íntegra. Optou-se por destacar apenas aquelas que dialogam de forma mais direta com as categorias e subcategorias em foco, assegurando a pertinência e a coerência interpretativa. As demais codificações, ainda que registradas, não foram incorporadas à redação final por não apresentarem relevância imediata para a discussão proposta.

Em algumas entrevistas, **foi necessário inserir as perguntas centrais do guião e realizar intervenções complementares**, com o objetivo de contextualizar e estimular as respostas, assegurando a coerência e a profundidade das informações recolhidas.

Este Apêndice reúne, portanto, a codificação das entrevistas, organizada em resumos por categorias e subcategorias, sem interpretações, uma vez que a análise e discussão dos resultados se encontram no Capítulo 5.

1.1. Processos de Mobilidade

Arquivos e Textos

***ANGELINA* 1 referência codificada**

1 Quando eu cheguei, cheguei já atrasada e não estava adaptada a entender bem as matérias, tanto da metodologia, quanto da política, aí por isso que eu disse ao meu marido e até a minha irmã, eu vou desistir porque eu vou voltar para Cabo Verde, porque não estou adaptada, porque eu já tinha ficado na política, até eu disse, se eu ficasse na metodologia, porque as coisas não estavam lá muito bem, porque eu cheguei atrasada.

***AYO* 1 referência codificada**

1 E uma coisa, por exemplo, que a universidade e a faculdade podiam fazer não sei se isto faria sentido, mas um ano zero para consolidar muitas coisas antes do primeiro ano. Ou seja, um ano preparatório, não obrigatório. Para quem se achar, quem quisesse. Mas acho que isto seria muito importante. Porque nós chegamos cá, em muitos casos chegamos atrasados. Eu nunca conheci guineense que veio estudar cá no Porto. Deve haver, mas eu não conheço que chegou na hora e começou as aulas na hora. Porque na Guiné, os vistos é um problema. Nós ainda tivemos a sorte porque foi o Estado português, né? Mas a Embaixada de Portugal na Guiné, desculpa a minha expressão, é uma porcaria. Aquilo não funcionou nada. É uma burocracia total. Nós, com a bolsa do Estado português, tivemos o visto depois de dois meses. Mas há pessoas que duram um ano, seis meses, dois anos. Com a bolsa eles agilizam. Até porque o pessoal da bolsa trata do nosso processo. Nós não temos de acordar cedo para ir pegar a bicha, a fila para entregar os documentos e tudo. Pelo menos nesse sentido. Mas acaba por demorar na mesma, nós chegamos atrasados

***BARAKA* 4 referências codificadas**

1 meu pai e minha mãe faleceram, assim, um ano consecutivo, um ano que um foi e o outro foi.

2 eu cheguei cá em outubro, 2 de outubro de 2005, início de 2005, dois ou três meses antes de eu vir pra cá, perdi os dois, um consecutivo, um ano assim, atrás do outro, e estava no trabalho e já não estava muito concentrado no trabalho, porque ainda estava vivenciando aquele...

3 Esse processo, eu acho que eu não cheguei a fazer o luto, não, não cheguei a fazer o luto, então a minha amiga já andava cá já há seis anos, ela é uma missionária e eu conheci ela quando era garoto e ela me convidou pra vir passar uns dois, três meses cá, e nesses dois, três meses eu acabei que por gostar e ficando, já tô esse tempo todo cá, né, e essa questão...

4 Devido ao falecimento, eu vim pra poder aliviar um pouquinho a cabeça, ficar, esquecer um pouquinho o que tinha acontecido, no entanto acabei que gostando e ficando, resolvi estudar e tudo aí pronto

***BEA* 2 referências codificadas**

1 E aí eu falei, pronto, é isso, eu vou falar sobre games em Portugal estudando indústria criativa. E me inscrevi, passei e aí pronto. Chegou no ponto de vir para Portugal, que foi que eu não tinha dinheiro. Eu não tinha dinheiro e aí um jornalista chamado Chico Felice falou assim, você não pode desistir, não é porque você não tem dinheiro que você não vai. E ele criou uma vaquinha e os seguidores dele me doaram o dinheiro e eu vim. E pronto, foi assim que eu cheguei até aqui. Esse é mais ou menos o meu percurso acadêmico e profissional.

2 Então, eu vou chegar atrasada, espero que compreendam e ele falou assim, e os professores, ah, olha, vê lá no Cigarra o e-mail dos seus colegas, manda e-mail, pede matéria, não sei o que, e esse professor simplesmente falou assim, ok, tudo bem que você vai chegar atrasado, mas o curso é presencial, mas assim, nós não vamos contar a presença, tá bom? A gente aqui não conta a presença nessa disciplina. Aí eu falei, ok, simplesmente no último dia de aula, quando ele estava falando sobre a média e tal, ele virou assim, olha, nesse trabalho aí vocês tiraram 17, mas a Bea tirou 15, porque eu só vi a cara dela agora, agora ela só chegou agora, aí eu falei, professor, mas eu te enviei e-mail, eu não vou discutir com você sobre isso.

***JABARI* 2 referências codificadas**

1 Bom, eu tinha algumas informações através dos colegas. Cheguei um pouco atrasado, devido a questões de concessão de visto. Quando conseguia visto. O problema era a questão do alojamento, também perdi o 1º semestre – Cheguei em dezembro. Eu estava muito desmotivado, cheguei pensar em desistir, mas como o meu objetivo era vim fazer o mestrado, sou um tipo de pessoa muito determinado, que não gosto de desperdiçar tempo e quando tenho objetivo faço tudo o que custar para atingir. Então, eu troquei alguns e-mails com a diretora do nosso domínio, até pedi pra se possíveis aulas online ou aulas gravadas, mas ela disse não, que não é possível, não se faz. Ela pediu-me para entrar em contato com os professores, sentir receios, porque nunca tinha visto, não conheço nenhum professor, é algo muito novo, não é algo comum na Guiné. Quando cheguei em dezembro, já na época de quase encerramento, cheguei cá dia 20

2 uma reclamação que eu tenho é que, devido a atraso de visto, perdi o primeiro semestre do meu primeiro ano

***KIONI* 1 referência codificada**

1 eu fui procurando opções, aí me deparei com Portugal, que era relativamente mais fácil em termos burocráticos e mais barato também, era uma migração mais barata e mais conveniente porque, entretanto, na altura eu estava com um companheiro que tinha dupla nacionalidade, brasileiro e português, isso em termos burocráticos também poderia ser mais fácil para a gente. Então, eu decidi migrar para cá, me inscrevi em dois mestrados diferentes, um em Braga e um na Universidade do Porto

***NANTH* 1 referência codificada**

1 lá na Guiné-Bissau, portanto lá eu estive a fazer um curso técnico superior de farmácia, onde estudei também dois anos e meio, e aos três anos eu consegui vaga para vir estudar cá, e dali deixei de terminar e vim cá para vir fazer a licenciatura, portanto cheguei também aqui, eu consegui vaga numa universidade em Covilhã, mas só não que fui lá devido à dificuldade, essas coisas todas, eu não consegui, e fiz uma nova candidatura e consegui a

faculdade de psicologia. E hoje cá estou a fazer esse curso. Isso é mais ou menos a minha trajetória.

Nota explicativa: “essas coisas todas” – o entrevistado estava se referindo aos atrasos de vistos e situações econômicas.

***TANASHA* 2 referências codificadas**

1 No décimo segundo ano, já estávamos a ver as universidades, já tinha que organizar os documentos para vir até cá. E foi-me muito mais facilitado. Existe um regime, chama-se regime especial para os PALOP, e eles têm vagas específicas dentro das faculdades. Só que é uma bolsa e nós pagamos como se fôssemos portugueses. Então, ajuda muito, facilita muito. E por eu estar no sistema português, foi-me muito facilitada essa entrada aqui. Que há muitos homologamentos, equivalências que eu não tive que fazer, porque já estou inserida. Não tive que fazer os exames nacionais portugueses, foi só com a nota do secundário. E inscrevi-me cá para o Porto, era aqui que eu queria vir, e entrei.

2 Os resultados do regime especial saem muito tarde. Cheguei aqui com duas semanas de atraso. Até era uma das sortudas que fizeram parte desse regime. Cheguei aqui e estava meio perdida. Perdi semana de orientação, perdi as primeiras duas aulas

1.2. Dinâmicas de Acolhimento

Arquivos e Textos

***ANGELINA* 0 referências codificadas**

Nota explicativa: Apesar da riqueza da sua narrativa em outras dimensões, não emergiram referências ligadas diretamente às dinâmicas de acolhimento. O silêncio nesse campo pode indicar que o acolhimento não foi vivido como elemento marcante em sua trajetória inicial na Universidade do Porto.

***AYO* 0 referências codificadas**

Nota explicativa: Na entrevista de Ayo, não houve menção explícita a práticas ou experiências de acolhimento. Essa ausência pode estar relacionada ao facto de ele ter chegado à Universidade do Porto **em pleno período da pandemia de COVID-19**, contexto em que muitas iniciativas presenciais estavam suspensas ou limitadas. Além disso, o **choque cultural** vivenciado no novo país parece ter ocupado um lugar de maior destaque na sua adaptação inicial, conjugando-se às exigências de resiliência e persistência diante das dificuldades. Assim, o acolhimento institucional ficou em segundo plano, pouco visível na sua narrativa.

***BARAKA* 0 referências codificadas**

Nota explicativa: No caso de Baraka, também não foram identificadas passagens relacionadas ao acolhimento. Essa ausência pode ser compreendida pelo facto de que a sua vinda para Portugal não teve como objetivo inicial a entrada imediata na universidade. Baraka chegou com a intenção de conhecer o país e atravessar o processo de luto pela perda dos pais, o que pode ter deslocado a relevância do acolhimento institucional para outras experiências de ordem pessoal e emocional.

***BEA* 1 referência codificada**

1 Que bolsa você como estrangeiro pode se inscrever? Olha, é assim que se inscreve, é assim que faz, é assim que isso. Pronto, de uma forma assim, é... Consistente. O excelente é fazer uma integração consistente. Fazer uma integração dos alunos. Não dizer da boca para fora — “olha, a gente faz uma integração aqui dos alunos”. Olha, vou separar aqui, é claro que eu participei de um programa de mentoria que eles designam um aluno português para te inserir, para te ajudar e essa pessoa, né, esse aluno foi maravilhoso, tentou me ajudar com o que podia, com o que não podia, mas eu sei que teve outras pessoas que não tiveram a sorte que eu tive.

***JABARI* 2 referências codificadas**

1 E é isso, enquanto questão dá recepção, aqui acho que é normal para mim, acho. E também talvez, muitas das vezes a culpa pode ser a minha, porque eu sou um pouco tímido ao conhecer novas pessoas. Demoro ao abrir-se – ah! não posso queixar dos professores daqui. Por quê, desde que eu cheguei a estive cá

2 Mas que talvez gostaria que me informasse mais, gostaria, tipo, acho que estavam a esperar que eu pergunte de alguma coisa, mas às vezes torna difícil perguntar daquilo que você não sabe. Por exemplo, não poderia perguntar de muitas coisas quando cheguei cá no ano passado, porque eu não sei como as coisas funcionavam, e eu gostaria que, se fosse possível, quando os estudados internacionais chegam cá, vindo principalmente da África, que sejam dadas as informações principais, por exemplo, de como funciona a faculdade, e sabendo também, uma das coisas também — sabendo que os alunos internacionais têm a tendência de chegar um pouco atrasado, não devem ser incluídos, tipo, nas aberturas solenes, os que chegaram tudo bem — mas os que não chegaram, por exemplo, os kits que eles tinham, que tinham direito por ser estudantes no primeiro ano na Universidade de Porto, seria bom se a direção da faculdade pudesse separar os kits que esses alunos têm direito. Mas, por uma razão ou outra, não conseguirem estar no dia, e quando chegarem e virem apresentar na faculdade, ou o dia a seguir, que tenham uma conversa com o pessoal das relações de estudantes e receberem o que têm por direito. Porque, chegando cá pela primeira vez, torna difícil a mobilidade, porque você não conhece a cidade, você não sabe como as coisas funcionam, e eventualmente, quando você vem de uma realidade totalmente distinta do que se vive aqui, então torna ainda muito mais difícil a sua mobilidade. Então, acho que é uma das coisas que podiam fazer para os estudantes internacionais. Quando, no momento das candidaturas e das matrículas, a faculdade já tem, por meio de base de dados, o número e o nome das pessoas que escreverem, foram aceitos, que já fizeram as matrículas, as respetivas matrículas, e que não chegaram, talvez por uma razão ou outra, e que esses alunos, como uma parte de motivação de serem apresentados, por exemplo, quando chegam, em dezembro, sei lá, ou antes de dezembro, ou depois, se decidirem vir estudar, recebem um dos kits que devem receber, acho, para mim, seria uma motivação extra. Seria também uma parte de se sentirem valorizados e apresentados pela faculdade.

***KIONI* 0 referências codificadas**

Nota explicativa: nas falas de Kioni, igualmente não emergiram menções explícitas a práticas de acolhimento por parte da Universidade do Porto. A ausência pode estar ligada ao facto de a sua experiência ter sido marcada sobretudo por processos de adaptação académica, choques ideológicos e a crítica ao carácter colonial e conservador da instituição, mais do que por memórias de acolhimento formal. A sua narrativa enfatiza trocas entre colegas internacionais, tensões político-identitárias em sala de aula e a construção de redes próprias de pertença (grupos de mulheres negras, coletivos ativistas e comunidade de brasileiros), o que sugere que o acolhimento institucional não foi percebido como significativo ou mesmo existente na sua trajetória.

***NANTH* 1 referências codificadas**

1 Mentores, exato. Eu acho que esse serviço tem que alastrar mais. Tipo... Tentar ter mais pessoas no serviço. Que é para ir encontro às pessoas que chegam. Porque há sempre dificuldade. A realidade é diferente. Mas essa é uma forma de acolher essas pessoas que estão a chegar. De estar com eles ... Qualquer dúvida. Ajuda a pessoa. E há unidades também curricular. Tipo, no caso de estatística. Essas práticas. Já há pessoas que vêm de humanidade e não têm lidado assim com práticas. E acabam por deixar essas unidades curricular. Mas se há uma forma de ter uma explicação extra para essas pessoas. Eu acho que é uma forma de ajudar bastante. De dar explicação. Fora das aulas.

***TANASHA* 1 referências codificadas**

1 Eu fui bem acolhida pelos brasileiros aqui na faculdade. E são um povo muito aberto, então conheces um, conheces outro, conheces outro. E fui criando a minha rede assim.

1.3. Aprendizagens Acadêmicas

Arquivos e Textos

***ANGELINA* 4 referências codificadas**

1 o ensino superior na universidade de Cabo Verde é mais fácil do que aqui em Portugal. Que o sistema de ensino em Portugal é bastante exigente e tem uma abordagem mais teórica. Enquanto em Cabo Verde tem um pouco da teórica, tem também mais da prática.

Aqui eles puxam mais do que em Cabo Verde. Em Cabo Verde é mais leve, mais relaxado. E em termos de adaptação exigiu também muito esforço

2 Eu acho que refletir sobre a minha experiência e adquirir ao longo da minha vida vai impactar na minha trajetória, na minha vida pessoal e profissional de uma maneira poderosa onde eu possa entender o meu crescimento e definir os meus próximos passos

3 Percebo também mais claramente a desigualdade, mas também vejo a importância da ocupação do espaço e buscar mudança profissional onde espero que a minha experiência possa me ajudar a abrir uma porta, ou seja, abrir uma porta aqui em Portugal como em outros países, em outros lugares.

4 Também eu acho que a minha experiência pode ter trazido a possibilidade de enxergar o mundo, ou seja, de ver o mundo de uma perspectiva mais ampla. Ter vivenciado diversas coisas, ter vivido em diferentes lugares como em Cabo Verde e aqui, a cultura é diferente. É, acho também já no impacto da minha vida profissional posso também adquirir a experiência, adquirida ao longo da minha vida que vai impactar diretamente na minha habilidade profissional onde posso desenvolver as minhas competências, liderança, resolução do problema, trabalhar em equipa e adaptação. Também as habilidades são altamente valorizadas no mercado do trabalho.

***AYO* 4 referências codificadas**

1 não dá para comparar a educação da África, a educação africana, o sistema do ensino com o sistema europeu. **Claro que cá há melhores oportunidades e o sistema de ensino é melhor. Embora há países africanos com o ensino de qualidade.** Mas a Guiné ainda temos essa dificuldade, há muita coisa para melhorar na Guiné na questão do ensino.

2 Até hoje estou aprendendo muitas coisas e nas aulas, nos primeiros momentos, não entendia nada. Acabei de falar do quão fraco é o nosso sistema de ensino. Imagina uma mudança não só do país, mas do sistema do ensino e para o ensino superior

3 Mas quando cheguei aqui, precisei adaptar umas coisas. Não tive grande dificuldade nesse sentido. Precisei só conhecer um sistema novo e começar a usar. Já tinha tido aulas de informática na INE e tudo, portanto não tive grandes dificuldades nessa área. A maior dificuldade foi mesmo a questão do acompanhamento e o entendimento do conteúdo. Adaptar a questão de ler. Aqui talvez seja, mas cobrado. Em guiné, o professor vem, dá um conteúdo, faz uma exposição e é isso.

4 Tanto a questão do ensino em si. Forma do ensino, organização e tudo. Como é que as coisas devem funcionar. Na Guiné-Bissau a realidade das universidades é outra. Lá os professores às vezes querem parecer imperadores, reis. Tão distantes dos alunos. Querem é que os alunos tirem negativas e tal. Porque assim se sentem bons professores. **Aqui a realidade é diferente. E acho que está a ser uma boa experiência. Eu estou a gostar muito de estar cá.**

***BARAKA* 2 referências codificadas**

1 Até então o pessoal tem sido, do professor aos alunos tem sido muito simpático, alunos brasileiros e portugueses, e tem sido muito, para mim é uma experiência nova, diferente

2 Estudar é bacana, eu acho que o conhecimento cá em Portugal, as universidades são bacanas, boas, o nível de conhecimento, você cresce bastante, eu acho que nunca é demais. Eu acho que vale a pena, independente que seja em Portugal ou em qualquer outro país, estudar sempre vai valer a pena, independente do desafio que a pessoa passa, venha a passar na vida

***BEA* 1 referência codificada**

1 Não de forma rude, mas eu não acato o que os professores me dizem. Mas eu sinto que às vezes os professores têm preguiça de desenvolver algum assunto. Então, eu não aceito só uma afirmação. Sempre fui assim desde a universidade. Por exemplo, eu lembro que eu arrumei uma briga gigantesca com uma professora na universidade, que ela afirmou que existia racismo reverso. Que brancos sofriam racismo, sim, por serem brancos. E aí, pronto,

eu comecei uma guerra com essa professora. E eu acho que eu só não fui reprovada na matéria dela, porque a coordenadora interveio. E eu achava um absurdo uma professora universitária não compreender a raiz do racismo, para poder falar que racismo reverso existe. Mas eu acho que discussões saudáveis são importantes. Até porque nunca faltei com respeito com nenhum deles, mas sempre questionei.

***JABARI* 1 referência codificada**

1 Positiva é que, muitas coisas, um novo modelo, uma nova forma de organização, de funcionamento da faculdade, que é totalmente diferente do que eu sabia e eu gostei, porque sou uma pessoa que gosta de aprender novas coisas, de poder observar outras pessoas a trabalhar e aprender-se, então, **são uma das experiências positivas.** Os professores, também, a forma como os professores trabalham, para mim, acho que é muito diferente do meu país, por exemplo, então, posso considerar isso uma experiência positiva.

***KIONI* 3 referências codificadas**

1 Depois eu terminei a licenciatura e fiquei quatro anos, cinco anos, cinco anos só trabalhando. Eu não via muita forma de continuar na universidade, a minha universidade no Brasil era muito tecnicista, então tinha uma abordagem bastante mercadológica

2 Foi bastante diferente da licenciatura, porque aqui era bastante voltado para pesquisa. ficou assim para uma vida mais acadêmica, menos mercadológica.

3 Mestrado em estudos africanos em Portugal é um pouco polêmico, porque tem uma carga colonial forte. Eu era, junto com mais, tinha mais dois ou três brasileiros, era uma turma bastante heterogênea, na verdade, tinham pessoas africanas de vários dos países de língua portuguesa, tinha um africano da África do Sul, era uma turma, assim, com culturas bem diferentes, tinham portugueses, tinham os brasileiros, por isso, em termos de troca, era bastante rico, assim, entre os colegas, essa coisa da troca entre os colegas. Alguns professores eram, eu considerava, bons no sentido de didática, de ensinar coisas que, pronto, eu nunca tinha ouvido falar, que para mim era uma novidade, de ter uma abertura para o debate, outros eram mais fechados, mais conservadores, no sentido de tentar manter uma hierarquia entre o professor e o aluno, é quase que de poder, no sentido de

tipo, o meu conhecimento é mais importante que o seu conhecimento. As trocas eram bastante ricas. Tiveram algumas aulas polêmicas, assim, no sentido de que a gente, como brasileiros, a gente vê, em geral, brasileiros negros, especialmente, vê, em geral, do Brasil, com uma carga política ideológica muito forte. Para nós, o conhecimento não está separado da política. E eu acho que aqui, eu percebi que a maioria das pessoas portuguesas, e mesmo os professores, não encaram as coisas juntas. **Então, tiveram ali alguns embates, ideológicos, de identidade também. Mas foi uma experiência ok, no geral, assim.**

***NANTH* 2 referências codificadas**

1 Portanto uma das dificuldades também que sempre deparamos é o ensino, porque o **nosso ensino é mais fraco, de que aqui**. É isso que nos leva a ir procurar o melhor. Por isso que eu vim cá. E até se o ensino era também de uma qualidade tão elevada, eu não ia vir para cá.

2 Eu acho que eu também cresci muito em termos de estar a estudar aqui em Portugal. Porque há coisas que lá eu não tinha conhecimento. Mas aqui estou até, devido a estudar ... Tipo, lá a gente não estuda no módulo, é tudo escrito, aquelas coisas antigas. Nem ter acesso à rede, à internet, é com dificuldade. Porque lá não é barato como aqui. Portanto, essas pesquisas, essas coisas, eu estou a evoluir bastante, a experiência aqui. Eu acho que terminando também esse curso, indo lá, sim, vou ir mais capacitado, com mais experiências e mais conhecimento. E isso lá pode me ajudar a conseguir trabalho o mais rápido possível, assim. E trabalho também de qualidade lá. **Porque quem estuda aqui e volta para lá, sempre tem tendência de ter um trabalho mais digno, um trabalho, sim, de topo.**

***TANASHA* 3 referências codificadas**

1 Eu gosto das aulas. Acho que pessoalmente não tenho muita abertura para fazer perguntas em aula, porque estamos num auditório muito grande, e é uma coisa mais pessoal mesmo, tenho vergonha. Mas falo com meus professores, acho que tenho muita abertura para falar com os professores, acho que uns mais que os outros. Tenho essa energia mais convidativa. Os colegas têm ajudado muito também. Eu fui bem acolhida pelos

brasileiros aqui na faculdade. E são um povo muito aberto, então conheces um, conheces outro, conheces outro. E fui criando a minha rede assim. Estudamos juntos todos, e foi bom.

2 Acho que tem poucos palopas aqui na faculdade. Os que eu conheço estão todos fora. Também fui fazendo minhas amizades assim, fora. Mas os colegas brasileiros têm ajudado muito. Acho que o primeiro semestre foi muito expositivo para mim

3 **Eu acho que começamos a meter a mão na massa, participar mais, ter que pensar mais**, a partir do segundo semestre do primeiro ano.

Categoria 2. Experiências — Tecendo o presente e futuro

2.1. (Re) Conhecimento de Aprendizagens ao longo da vida

Arquivos e Textos

***ANGELINA* 1 referência codificada**

1 Aqui em Portugal, ainda não. Aqui, por exemplo, se eu quisesse atuar como professora aqui, tenho que ir fazer uma equivalência para poder dar aula aqui. Difícil. **A minha experiência não é reconhecida, pode ser uma sensação frustrante e desmotivadora.** Quando você dedica ao seu trabalho e busca melhorar, quando você percebe que a sua trajetória profissional ou acadêmica não é valorizada da maneira que você quer ou como você merece, isso também gera uma série de sentimentos como desanimo, insegurança ou até questionamento da própria capacidade.

***AYO* 0 referência codificada**

Nota explicativa: Na entrevista de Ayo, não foram identificadas falas diretamente relacionadas à subcategoria “(Re)Conhecimento de Aprendizagens ao Longo da Vida”. Embora mencione desafios e aprendizagens na adaptação acadêmica, não aborda processos de reconhecimento formal ou valorização de saberes prévios. Por isso, não houve codificação nesta subcategoria, mantendo-se o rigor e a coerência dos critérios analíticos definidos.

***BARAKA* 1 referência codificada**

1 Não, porque a experiência que eu tinha do Brasil é parte da área da saúde. A parte técnica de saúde. Aqui em Portugal não há técnico de enfermagem. Só há enfermeiro e médico. Então eu tive oportunidade de trabalhar como auxiliar da ação direta. Porque tinha um curso técnico e já tinha uma vasta experiência. Lá, nós como técnico de enfermagem, fazemos o que enfermeiro faz aqui. Então todo conhecimento é útil, né? Todo conhecimento é útil, é de servir em qualquer país que você vá. O conhecimento é a única coisa que você leva. **Pode tomar sua casa, pode tirar sua casa, seu carro, mas o conhecimento vai com você para onde você for. E você vai recomeçar em outro lugar com aquilo que você já tem acumulado dentro de si.**

***BEA* 4 referências codificadas**

1 Olha, reconhecida as minhas atividades profissionais anteriores, só foi reconhecida para eu entrar no mestrado, para o meu coordenador foi muito interessante, essa menina aqui trabalha numa ONG, e fala sobre audiovisual, que pertence às indústrias criativas, muito bacana, ela palestrou em eventos grandes no Brasil, sobre indústria criativa, isso é interessante, e eu acho que foi isso que fez com que eu entrasse no mestrado, mas aqui mesmo, **em Portugal, eu não trabalho na área, e essas minhas, o que no Brasil para mim era um currículo bom, aqui para eles não é nada, então, acho que só funcionou mesmo para eu entrar para a universidade, não está sendo aproveitado**

2 eu estou neste momento em um Part-time na Y, né, como vendedora e agora sim eu posso dizer que eu estou em uma empresa que me respeita como estrangeira, que respeita meus horários, que respeita para eu poder continuar estudando, né, tipo, a estudar, porque antes eu estava no X e eu não só sofri xenofobia como assédio moral, como meus horários na faculdade não eram respeitados, eu tinha que suplicar, olha, eu preciso que minha folga seja terça e quinta para eu poder ir para a faculdade, mas aí de que adianta eu ter a folga terça e quinta se na segunda e na quarta eu trabalhava até três horas da manhã. Ou seja, fazendo hora extra sem receber, uma alimentação, o ambiente não era agradável tipo, olha, você tem muito trabalho, bate no ombrinho, que pena, não, trabalho todo mundo tem, seja qual for a profissão, a gente tem que trabalhar, ok, isso não está ali para ganhar dinheiro de graça, mas você precisa se respeitado, você precisa poder ir ao banheiro, você precisa

ter dignidade e eu digo isso tendo dignidade que eu não tinha. Eu vinha trabalhando apertada para ir ao banheiro

3 se eu pudesse gritar para o mundo, o nome da empresa X, vamos fazer esse lugar falir, eu gritava, mas eu não posso porque eu não tenho dinheiro para advogado. Infelizmente.

4 agora pronto, eu estou na empresa Y só que a Y tem esse regime part.-time e o regime Part-time não me paga o suficiente para eu me manter em Portugal, arrendamento, comida, transporte, faculdade que a gente paga, então não consigo me manter, eu preciso de uma renda extra,

***JABARI* 3 referências codificadas**

1 Atualmente, eu estou a trabalhar como servente de pedreiro, é o que me deu para poder pagar as contas e a faculdade, é isso. Desde que cheguei, estou por conta própria a estudar. **As experiências profissionais que eu tenho aqui, é a experiência de sobrevivência**, tenho que aceitar fazer esse trabalho para poder sobreviver, não é questão de menosprezar o trabalho e as pessoas o que se fazem, mas no meu país eu não faria isso. Sim, eu tinha o meu trabalho que eu fazia e tinha muito mais, o mercado do trabalho era muito mais favorável para mim do que aqui, **porque não tenho nenhuma experiência aqui de trabalho**, acho que é um fator já eliminador para as candidaturas de emprego e uma das coisas também que limita isso é, muitas vezes, os empregos pedem uma experiência na tal área específica e também, às vezes, eu lembro-me que quando cheguei ano passado, eu estava para ir para uma entrevista, mas quando me ligaram e me perguntaram se eu não tenho viatura própria, eu disse que não tenho, disseram que é um fator eliminatório, já não precisa vir para entrevista. É isso. Às vezes, tem que aceitar fazer muitas coisas para sobreviver.

2 Vindo de um contexto diferente, na África, principalmente, e das organizações que são desconhecidas aqui em Portugal, já é um fator de não serem reconhecidas, porque não conhecem essas organizações. **Se eu tivesse de trabalhar, por exemplo, mesmo vindo da Guiné, uma experiência de trabalho em França, numa organização que é conhecida aqui em Portugal, teria outras vantagens, mas, geralmente, organizações pequenas, principalmente na África, em Guiné-Bissau, que as pessoas não conhecem aqui.** Então, isso já não nos pode culpar por não conhecerem as organizações e isso já gera uma dúvida para as pessoas se realmente essas organizações existem, se existem, como funcionam? Certas pessoas dizem que trabalhou ali, o que fazia ali, como fazia as coisas e é isso.

3 porque a questão de validação dos documentos, dos exames, não sei quanto tempo tem que levar para esperar, e como eu não estou a pensar em ficar aqui por muitos anos, acho que não valia a pena ficar à espera da validação do diploma para depois encontrar o trabalho na minha área de formação, é uma das coisas, e outra coisa também, quando eu estou à espera, vou ter necessidade, vou precisar pagar faculdade, vou precisar pagar o arrendamento, vou precisar de ter dinheiro para a comidaria, então eu não podia ficar à espera da validação da minha diploma aqui para depois procurar o trabalho na minha área de formação.

***KIONI* 1 referência codificada**

1 Eu demorei cinco ou seis meses para conseguir um trabalho na minha área, que era dentro da produção escrita, de produção de conteúdo, redação etc. Foi uma exceção, todos os meus outros colegas trabalharam em outras coisas, os trabalhos comuns, restauração, limpeza etc. Eu realmente fui uma exceção nesse aspecto. Consegui um trabalho na minha área que não era precário ou era. Os brasileiros, era uma empresa que contratava muitos brasileiros para escrever artigos para a internet e, obviamente, o valor hora era baixíssimo, as pessoas eram precarizadas, não tinham direito, porque era por recibos verdes, então não tinha direito às questões trabalhistas que uma pessoa com contrato tinha, ou seja, ainda era um trabalho precarizado, mas era fazendo algo que eu já estava acostumada a fazer no Brasil. Então, nesse sentido, foi reconhecido, mas pronto, continua tendo ali uma carga de exploração que é muito própria do capitalismo global no geral, mas **eu acho que essa empresa também se aproveitava do fato de que os brasileiros vinham para cá e muitos não queriam, pronto, com formações, com experiência profissional sólida e que se sujeitavam a trabalhar nas condições que essa empresa oferecia só para não ir para outros empregos como restauração, limpeza, etc.** Então, não tinha ali um jogo de poder, claro, óbvio, mas que pronto, eu senti que naquela época, hoje eu já penso diferente, mas naquela época eu senti que era menos pior do que tá em outros empregos

***NANTH* 5 referências codificadas**

1 na Guiné-Bissau, portanto lá eu estive a fazer um curso técnico superior de farmácia, onde estudei também dois anos e meio, e aos três anos eu consegui vaga para vir estudar cá, e dali deixei de terminar e vim cá para vir fazer a licenciatura

2 na área de farmácia eu nunca trabalhei. Eu já fiz também um curso aqui online, mas só para conseguir estágio, que é um curso mesmo também de farmácia, mas técnico assim.

Porque eu queria mesmo continuar essa área aqui, mas só que não consegui vaga. E fiz esse curso online, que é quase um ano. Mas mesmo para conseguir estágio nas farmácias, que são nós que devemos ir procurar do estágio. **Eu fiz o currículo todo e expliquei que eu já fiz um curso técnico superior lá. Certo. Mas não consegui. Não consegui e fiz esse módulo todo online e terminei. Mas me faltava estágio, que era para estagiar e depois para ter certificado. E ainda não tenho certificado**

3 Não consegui estágio. Na área de farmácia não consegui. Porque é uma experiência que eu tenho lá e aqui não.

4 Talvez na obra. Porque lá na Guiné também eu fiz um curso técnico de canalização e de construção. Sim, um curso técnico também de três meses. Mas nunca andei lá a trabalhar nessa área. Mas hoje eu estou a trabalhar dois dias na obra. Eu acho que era por causa dessa experiência que eu já tinha lá na Guiné.

5 a obra de cá é diferente de lá. As nossas casas, típico, é diferente. Aqui leva mais coisas. Isso me ajudou também a enquadrar, tipo, a trabalhar. Porque há muitos que se for para trabalhar dois dias, só dois dias, há muitos que vão rejeitar.

***TANASHA* 1 referência codificada**

1 eu trabalhei assim, freelancer, a gerir um Instagram de uma marca local, e vendia em feiras, vendia se a pessoa ligava, eu ia lá e vendia o produto, mas não chegou a ter nenhuma influência aqui em Portugal.

2.2. Transformações subjetivas e desenvolvimento Pessoal

Arquivos e Textos

***ANGELINA* 4 referências codificadas**

1 Aprendizado e fortalecimento da minha identidade acho eu, percebo mais claramente a desigualdade, mas também vejo a importância da ocupação. Mas afirmo que, profissionalmente, **espero que essa experiência me ajude a abrir a porta, tanto aqui em Portugal quanto internacionalmente.**

2 Eu acho que refletir sobre a minha experiência e adquirir ao longo da minha vida vai impactar na minha trajetória, na minha vida pessoal e profissional de uma maneira poderosa onde eu possa entender o meu crescimento e definir os meus próximos passos

3 Também refletir sobre o que eu vivi, eu posso ganhar também mais clareza sobre a minha paixão, valor e prioridade. Isso também influencia a forma como eu posso tomar a minha decisão, como uma escolha de um caminho e também como construir um relacionamento pessoal e familiar e tanto profissional.

4 **No mercado do trabalho e pode-se colocar em uma posição de destaque.**

***AYO* 5 referências codificadas**

1 Acho que passei muita vergonha. Muitas vergonhas em determinados momentos. Coisas que eu não sabia. Coisas que eu tive de aprender e tal. Mas isso ajudou-me muito. Ajudou-me muito. **Hoje, não digo a 100%, mas a 80, 70% já consigo me posicionar e saber onde é o meu lugar e como me comportar em certos lugares.**

2 **eu aprendi muito. Aprendi muito nesta faculdade com pessoas bem-intencionadas. Assim como com mal-intencionadas.** Aprendi muito hoje. Eu vim de uma realidade que suponho que não será assim tão diferente do Brasil que é. Nos conhecemos hoje e já somos amigos para o resto da vida. Em Portugal, não. Conheço pessoas. Podemos até fazer trabalhos de grupo e ter momentos ali. Aquele trabalho acaba. A pessoa, no dia seguinte, nem olha para ti. E eu tive muita dificuldade para aprender isso. Mas hoje em dia é tranquilo. Mas muitas outras coisas boas e más também. Que eu aprendi a lição neste caso. Claro

que não vou levar coisas más para a minha vida. Mas aprendi a lição. E aquelas que são boas acho que vou levar.

3 Ainda tenho muitas dificuldades em várias outras áreas. Mas está a ser uma experiência boa. Espero continuar a superar as minhas dificuldades. **E poder levar tudo o que aprendi para onde for que eu vá um dia.**

4 Mas pelo menos já não me sinto, houve momentos, por exemplo, que eu me sentia muito sozinho. Meio deprimido às vezes até, às vezes estava em casa. Não estava nem com vontade de estar em casa. Mas não tinha aonde ir. Não tinha com quem sair e tal. Hoje em dia, olha, se tiver alguém, tudo bem. Se não tiver, estou em casa e às vezes até prefiro assim. E isso me ajudou muito. Muito mesmo. **E por isso eu digo, hoje consigo ir para qualquer lado e viver em qualquer país.** Acho que passando por este processo hoje não tenho dificuldade de estar em qualquer lugar. Ah, esta experiência me ajudou muito a perceber.

5 Mas isto me faz ainda querer ser uma boa pessoa para os outros. Tratar os outros, se calhar, de uma forma diferente da forma como eu fui tratado. Ajudar os outros da forma que eu não fui ajudado. Acho que estas coisas são boas. Daí tirar lições das coisas mais. **Portanto, está a ser uma boa experiência, tanto a nível académico assim como a nível social.**

***BARAKA* 2 referência codificada**

1 Então eu acho que esse curso que estou, esse segundo mestrado, ele apenas fortalece mais aquilo que eu já tenho. **A nível de conhecimento, de competência, aquilo que eu já faço profissionalmente.**

2 Então, o impacto pessoal é que hoje eu me conheço mais áreas por detalhes da minha vida, me conheço melhor, que para mim é a parte melhor. Posso enxergar o outro de formas diferentes. Então, é um impacto que me tornou uma pessoa melhor e me deu uma visão melhor de mim mesmo, do outro e da própria vida. Profissional também é isso, eu posso fazer psicologia, posso ter o meu sustento dali, porque o conhecimento, a profissão é uma moeda de troca, você troca o seu conhecimento por um atendimento aonde vai vir a recompensa, que é o dinheiro para você pagar as suas contas e viver a sua vida. Então, de uma forma geral, o conhecimento nos transforma em um ser humano diferente.

***BEA* 1 referência codificada**

1 Eu vejo como positivo a experiência num todo. Eu acredito que por mais que a experiência num todo não esteja sendo 100% agradável, até porque se tudo fosse o morango, como que a gente ia ser forte, como que a gente ia crescer para enfrentar um desafio? E quando alguém fala para mim, você acha que a vida é um morango? Eu falo, morango é muito gostoso, mas você sabia que morango é azedo? **Ou seja, não vai ser tudo 100% bom, 100% alegre, 100% feliz, mas nós vamos sair disso fortes ou vamos aprender alguma coisa. E se a gente conseguir sair disso já é uma vitória, porque tem gente que entra numa empreitada e não sai.** E isso não é uma coisa positiva. Porque nós estamos falando de pessoas que vem para o estrangeiro fazer alguma coisa e não aguentam, e se matam, e morrem, enfim. A gente está falando aí de psicológico, então eu penso em tudo isso.

***JABARI* 2 referências codificadas**

1 Bom, como eu disse, aqui eu aprendi muitas coisas, a nova forma de fazer as coisas, fazer as coisas de outra maneira, e aprendi muito com os professores, a questão também organizacional, base de dados, a gestão de base de dados, principalmente na base de dados dos estudantes dos estudantes, uma coisa que não se verifica no meu país, eu acho que é uma das coisas que eu poderia, se eu tiver oportunidade de trabalhar numa escola — não importa o tamanho da escola ou o nível da escola, mas eu adotaria também uma outra forma de gestão de dados dos estudantes.

2 E também aprendi aqui muitas coisas que eu guardaria comigo o resto da minha vida, e que eu poderia também falar com as pessoas que futuramente podem vir a pensar em vir por cá a fazer mestrado, e eu poderia conversar com mais as pessoas, se me procurarem, ou se eu souber, mesmo não me procurando, eu ia dar a minha opinião, é o que eu aprendi aqui, e como isso poderia ajudá-los a organizar-se melhor antes de chegar cá para fazer o trabalho. Então, eu acho que é uma boa aprendizagem, tem sido uma boa aprendizagem até aqui, e eu espero poder usar isso no meu país, no meu futuro local de trabalho.

***KIONI* 1 referência codificada**

1 eu acho que a educação superior em Portugal é bastante precária, para quem quer viver de pesquisa, ou quer ser pesquisador, ou mesmo dar aulas, não é algum futuro garantido. Então, eu acho que eu tendo a acreditar que vai continuar impactando positivamente, que eu não perco, eu não perco em estar na universidade, continuar na universidade, especialmente porque a nível pessoal me interessa, adquirir conhecimento, produzir conhecimento etc., mas é bastante frustrante quando a gente olha para as carreiras acadêmicas em Portugal, ou mesmo para saídas profissionais, o quanto não é certo. Tipo, não é garantia de nada você ter feito uma licença tudo, você ter feito mestrado, você ter feito um doutorado. Eu acho que não é só Portugal, globalmente isso é uma questão, mas pronto, **se a gente tá falando do contexto daqui, é isso que eu tenho para dizer.**

***NANTH* 2 referências codificadas**

1 Eu acho que eu também cresci muito em termos de estar a estudar aqui em Portugal. Porque há coisas que lá eu não tinha conhecimento.

2 Eu acho que terminando também esse curso, indo lá, sim, vou ir mais capacitado, com mais experiências e mais conhecimento. E isso lá pode me ajudar a conseguir trabalho o mais rápido possível, assim. E trabalho também de qualidade lá. **Porque quem estuda aqui e volta para lá, sempre tem tendência de ter um trabalho mais digno, um trabalho, sim, de topo.**

***TANASHA* 1 referência codificada**

1 Eu acho que daqui estou a tirar muitas riquezas, assim, no âmbito socioemocional. Os meus amigos da faculdade são muito importantes, vou levar para toda a vida, eu acho que isso é muito importante para mim. O ensino em si, a faculdade, acho que tem muita coisa. Acho que falta a exposição disso, que todo mundo entra, quer fazer psicologia clínica, é isso. Mas tem muita coisa acontecendo, tem muitos laboratórios, tem muitos estudos, estou a gostar de ver isso exposto nas paredes da faculdade, parar para ler e ver o que tem para mim, porque é um mundo muito grande. E vi que eu sou muito pequenina, mas não fico assustada, fico motivada, ok, então posso fazer muita coisa. E eu acho que

tem muita oportunidade mesmo, e estou muito grata por estar aqui. **Quero sair daqui com novas ideias, sinto que a faculdade vai proporcionar isso. Estou a ser desafiada também, como eu disse anteriormente, a ler mais, a pesquisar mais, a fomentar mais esse pensamento crítico.** Aprofundar todo esse conhecimento aí. Porque tem muita coisa, estudamos para o exame, eu estou ali às vezes na pressa, estou a estudar, estou a ler para poder responder essas perguntas, mas eu quero ler mesmo para ser útil. Sobre as coisas, e por lá. Então, acho que a faculdade vai ser muito importante para a pessoa que eu vou me tornar. Porque aqui também estou a plantar dos meus interesses também. Porque a psicologia é meu interesse, mas tem toda a parte social sobre isso. Tem toda a parte de comunidade sobre isso. E talvez tenha optativas para isso, e tem professores a dispor.

Categoria 3. Sentindo na Pele o Reflexo da minha cor

3.1. Presença ou Ausência de Inclusão

1 Esta subcategoria reúne três perguntas centrais e destina-se a apresentar os fragmentos de fala relacionados às percepções dos entrevistados sobre os modos de inclusão e exclusão vivenciados no contexto universitário. As respostas aqui organizadas refletem diferentes nuances discursivas — desde experiências explícitas de inclusão ou exclusão, marcadas pela presença ou ausência de integração. Esta breve introdução tem apenas o propósito de contextualizar a leitura das codificações apresentadas a seguir.

Entrevistadora:

*Acredita que a cor da sua pele, junto a possíveis experiências de discriminação, racismo ou falta de reconhecimento da sua identidade, já foi um fator decisivo para sua exclusão social ou acadêmica?

*Sente-se incluído na comunidade mais alargada da cidade do Porto? Por quê?

*Poderia nos falar sobre seus sentimentos de pertença social na faculdade? Houve momentos em que você se sentiu menos incluído ou até excluído?

***ANGELINA* 5 referências codificadas**

1 Já sofri, aqui na universidade. Por exemplo, estão a fazer grupos, **preferem fazer grupos mais com os brancos, do que com nós negros, porque eu mesmo, eu sinto, porque eu sou negra.**

2 Isso teve a ver também na aula, de uma cadeira, porque normalmente quando fazíamos os grupos, mesmo esse ano, eles escolhiam mais as cores brancas não juntavam com nós negros. E como eu estava a dizer, eu já sofri bullying muitas vezes, isso impacta também na nossa autoestima.

3 No Trabalho nunca e acho que na comunidade do Porto nunca. Também há uma situação fora do académico. Em um café, fui eu e meu marido. O senhor serviu, ele com delicadeza e me atirou as coisas. Aí eu fiquei assim, eu disse, talvez seja impressão minha. Mas só que não aconteceu, nem primeiro, nem segundo. Foi três vezes que aconteceu isso. Aí eu disse, afinal, isso é racismo. E eles te servem bem e a mim não. É, porque na primeira vez eu nem dei importância. Eu disse, não era nada, é coisa da minha cabeça. Já dá segunda vez fiquei assim, agora já dá terceira vez. Até quando eu vou aí, eu digo, logo, eu não quero ser atendido pelo senhor.

4 Mas sim já me senti excluída na faculdade. Na faculdade ao criar os grupos em várias disciplinas.

5 Tem momento que eu sinto e tem momento que eu não me sinto integrado na faculdade

***AYO* 6 referências codificadas**

1 **Há pessoas que de vez em quando tentam evitar dizer que nós somos negros ou pretos, achando que não, mas é o que nós somos**

2 De uma forma sutil, sim. Às vezes, até inconsciente da parte da pessoa, ou das pessoas. Mas sim, de uma forma sutil, já passei por muitas diferenças, e eu acabo por perceber. E se calhar, já foram coisas que aconteceram muitas vezes, e eu nem reparei, porque eu não ligo a isso, não tento levar isso muito a peito. Mas das poucas vezes que eu reparei, acabo por perceber, sim, que é por eu ser. Porque acabo por ver logo outras pessoas a serem tratadas de forma diferente. E tu consegues fazer essa comparação. Já aconteceu, por exemplo, aqui na faculdade. Não coisas assim tão graves, mas coisas muito sutis, e que uma pessoa vai percebendo, mas vai deixando por trás, porque às vezes a pessoa, como

eu acabei de dizer, a pessoa faz de uma forma inconsciente e nem sabe. E eu tento sempre dizer isto. Estamos numa realidade diferente, e é normal que estas coisas, normal, entre aspas, que estas coisas vão acontecendo de vez em quando, porque estamos numa sociedade com predominância de pessoas brancas.

3 Já percebi isso, muitas vezes. Às vezes, nos trabalhos, por exemplo, de grupo, percebo uma certa exclusão. E na turma, às vezes, já aconteceu muitas vezes, **eu chego na turma, ninguém quer fazer trabalho comigo**, depois o professor ou a professora tem de andar a perguntar, olha, que grupo.

4 **E muitas vezes, somos logo catalogados. Com a questão de ah, os negros nunca querem esforçar ou não fazem nada.** E pronto. As pessoas querem logo uma distância, não querem ter por perto. Um preconceito, que depois já aconteceu várias vezes, e depois acho que essas pessoas vão se desconstruindo, porque chega ao final do semestre, o fim do trabalho e tudo, as pessoas já mudam a forma de tratar, e acabam por perceber que, ah, afinal, este burrinho aqui sabe alguma coisa.

5 Nunca me deixei ser incluído, digamos assim. Portanto, acho que esta questão é indiferente para mim.

6 Chego e são turmas de 100 e tal pessoas. E ninguém quer olhar para ti. **E amizades são feitas com base nas cores da pele.** Eu me senti muito sozinho muitas vezes naquele auditório. Não sei se já viste aquele auditório, sinto-me sozinho.

***BARAKA* 1 referência codificada**

1 Na minha primeira licenciatura e mestrado, no caso, eu me sentia meio que dividido. Fazendo parte ou não. Porque havia muitos abusos relativamente, eu acho. Relativamente a racismo e essas coisas. Mas pronto, já foi ultrapassado. **Nessa agora eu me sinto mais... Estou muito mais à vontade. Me sinto mais incluído. Nesse sentido. Eu acho que há um respeito maior nessa universidade que eu estou agora.** Há um respeito maior também. As pessoas são pessoas mais... São seres humanos melhores.

Nota explicativa: A primeira licenciatura e mestrado do Baraka foi realizado e um instituição Superior portuguesa em Portugal.

“Nessa agora”, ele se refere a U. Porto.

***BEA* 4 referências codificadas**

1 Quando eu cheguei aqui em Portugal, eu vi diretamente essa dificuldade, eu já tive quatro disciplinas aqui, quatro cadeiras. Três foram com homens. Eu só tive uma professora mulher e eu sinto que ela era esmagada ali, próximo daqueles homens. Eu acho que o machismo ali, tipo assim, é a soberania. E quando eu questionava algum professor aqui, basicamente a resposta era, é isso porque eu estou falando que é porque eu sou o professor. Eu que sou doutor, eu que estou em pós-doc, eu que fui para Stanford, eu que fiz não sei o que, eu que fui para Harvard.

2 **na verdade eu acredito com todas as minhas forças que se eu sofri, 80% foram por conta da cor da minha pele.** Mas também, tudo que eu..., e para exemplificar, por onde eu passei eu acho que não teve um local onde eu recebesse um olhar esquisito, um mercado onde eu não fosse perseguida para ver se não ia roubar, ou que duvidassem da minha capacidade por conta da minha cor, talvez eu não fosse mais qualificada para uma vaga de emprego e tudo mais.

3 Embora ainda existam pessoas que acreditem que já não existe mais racismo. Tem pessoas falando hoje a gente vê preto em qualquer lugar, tem preto rico, tem preto famoso, tem preto isso, tem preto aquilo, eu vejo no meu meio acadêmico que parte das pessoas acreditam nisso. **Mas eu sou a pessoa que tem que ficar implorando por lugar no trabalho. Tem vaga aí no teu grupo? Porque nunca ninguém para e fala assim, “olha, Beatriz, o professor passou um trabalho aqui e eu quero você no meu grupo.** Ou então tu podes vir aqui pro meu grupo?”

4 Eu sempre sou a pessoa que fica assim na sua aula, o pessoal tá se reunindo nos grupos, se não for o grupo dos brasileiros, se me perguntarem, quando é que vocês vão se misturar com os outros alunos? Eu vou falar, quantos outros alunos querem se misturar comigo?

***JABARI* 4 referências codificadas**

1 às vezes eu sinto que talvez queiram me fazer uma coisa só por ser entre aspas, um africano, negro, pra eu não se sentir a ser tratado, pra eu não sentir ser vítima de racismo. Mas as vezes eu não ligo para isso.

2 Os colegas que eu conheço daqui são negros majoritariamente, são da minha idade.

3 Acho que a questão da cor da pele aqui na faculdade, não consigo detectar isso. Mas talvez na rua, por exemplo, é muito comum quando uma pessoa olha para mim, pode

pensar em duas possibilidades. Primeiro, uns, depende da pessoa, pode pensar que eu sou português, nasci aqui ou a outra já é fácil dizer que não sou daqui, sou da África, porque a minha cor de pele é preta. Se eu fosse um, se eu tinha outra cor de pele, por exemplo, se alguém não me escutasse falar, poderia sentir-se um pouco dificuldade de identificar, de ligar-me a algo, mas já a minha cor de pele é uma representação que, geralmente, majoritariamente é africana. Então, já olhando para mim, acho que também a situação de cor de pele e a língua também pode ser uma das coisas que ajudam à exclusão, **mas eu não sofri isso aqui na faculdade, mas às vezes, sinto isso um pouco. Porque as pessoas tendem, às vezes, a querer tratar-me de uma forma especial e eu não gosto disso.** Porque, quando as pessoas fazem isso, eu penso, talvez, porque eu sou preto, é por isso que estão a fazer aquilo, porque eu não sou especial, não me sinto especial, então, eu gosto de ser tratado como qualquer um.

4 Talvez uma coisa que eu posso fazer nessa questão de inclusão e exclusão, ah! na faculdade, por exemplo, num momento de organização de trabalhos, de pesquisa em grupo. **Nós, os estudantes internacionais que não são daqui de Portugal, muitas das vezes costumamos ser nós mesmos a formar um grupo, sou raramente convidado para integrar um grupo de pessoas daqui.** Isso já me aconteceu no ano passado quando cheguei, no trabalho de algumas unidades curriculares, e acho isso também é um pouco a questão de exclusão,

***KIONI* 4 referências codificadas**

1 eu sinto que como pessoa negra brasileira, mulher negra brasileira aqui, eu criei uma bolha, eu vivo aqui há sete anos, e eu vivo dentro de uma bolha, muito formada por pessoas negras brasileiras, assim, uma bolha de pessoas negras brasileiras, foram criando, a gente foi criando comunidade, seja através do ativismo, seja através da arte, seja através da questão do gênero, por exemplo, eu faço parte de grupos de mulheres negras brasileiras, e faço parte de um grupo que é o Quilombo Porto, que é só de pessoas negras de vários lugares, mas maioria por brasileiros. **Então, a minha comunidade alargada é uma bolha. Eu não sinto que eu tô integrada, por exemplo, na comunidade portuguesa.** Mas também nem sinto falta e nem faço questão, porque eu acho que é um lugar de muita violência, de muito silenciamento e tal. Então, quando eu tenho que fazer essa integração, eu escolho, em geral, escolho pessoas que eu sei que estão minimamente abertas para minha pessoa, para minha experiência, como uma pessoa, entre aspas, vista como

diferente. Em geral, as pessoas pardas e as pessoas pretas têm uma experiência de racismo parecida. Em questão de acessibilidade a trabalho, aquele pulo social, a sensação social etc. A experiência estruturalmente é muito parecida. Mas, quando a gente fala do racismo cotidiano, do dia a dia, é óbvio que as pessoas de pele negra têm uma experiência um pouco menos violenta do que as pessoas negras de pele escura, não é?

2 Então, acho que, sim, em Portugal, que isso é um pouco mais exacerbado. Porque tem aqui um colonialismo forte, uma continuidade, uma continuidade do colonialismo, da mentalidade colonial muito forte, entruncada, assim, na própria identidade do país como um todo. Como portugueses, os portugueses, é quase como se não houvesse portugueses negros, quase como se a identidade portuguesa tentasse se colar uma branquitude, assim, que é falsa, completamente falsa. Porque a gente sabe que as pessoas negras e portuguesas existem e que o país tem muitas comunidades não só afrodescendentes, mas que realmente nasceram e cresceram em Portugal e que são negras.

3 Então, aqui eu percebi, por exemplo, na chegada, né, na integração, encontrar casa **dentro da própria universidade, pessoas querendo encostar no meu cabelo, falando coisas, assim, que não faziam sentido, que elas próprias não se tocavam do quão racista e colonial era aquilo e que são várias experiências**, acho que não vale a pena exemplificar aqui uma por uma, porque é uma experiência dolorosa também de contar, mas, assim, foram várias as situações e eu tive que, de alguma forma, me adaptar, eu descobri como é que eu ia conseguir.

4 Então, por exemplo, para arranjar a casa, eu, na época, tinha um companheiro que era branco, brasileiro, com dupla nacionalidade. Então, ele era sempre a pessoa que fazia as negociações. Eu ficava por trás, nos bastidores, tentando usá-lo como ali uma ferramenta. A gente já tinha ali um acordo tácito entre nós de que era ele que ia fazer negociações que ia fazer visitas etc., para tentar evitar qualquer tipo de atrito, que já tinha acontecido. Por exemplo, quando eu ligava, era um tratamento. Quando ele ligava, era um outro tratamento. E aí a pessoa não tinha, necessariamente, a visão de mim como pessoa negra. Mas tinha como mulher brasileira. Na hora de procurar emprego aqui, também era uma questão. Tipo, eu ficava sempre preocupada como é que eu ia com o meu cabelo, como é que eu ia vestida, enfim quais são esses traços, esses códigos culturais que eu precisava me adaptar para ter o máximo de aproveitamento possível, com o mínimo de violência possível. Já ouvi, assim, coisas absurdas, não só direcionadas a mim, a vários outros colegas. Porque, como eu disse, eu faço parte de várias comunidades negras em Portugal. E são muito mesmo reveladoras dos traços de colonialidade, do poder, do saber, do ser, que permanecem,

assim, absolutamente presentes. Na sociedade, no dia a dia, sem dúvida, as pessoas negras em Portugal experienciam uma vivência completamente diferente de outras pessoas que não são, entre aspas, racializadas. Porque a branquitude se entende como universal e neutra. Tipo, como se não tivesse identidade. Por isso, sim.

***NANTH* 3 referências codificadas**

1 Não é assim tão incluído também. Porque se eu for comparar a inclusão que eu tive lá na Guiné, em sociedade, em minha comunidade, é enorme. Mas aqui é cada qual no seu canto. Às vezes eu vivo com pessoas que nem sequer se conhecem. É só, olá! Não é como a minha realidade. Lá as pessoas é uma diversidade enorme.

2 Houve momentos, tipo na escolha de grupos. Isso é um momento que me marcou bastante, porque eu vi os outros a construíram. E eu, por que é que eu não posso estar lá incluído? Portanto, isso é um dos momentos que me marcou. Eles dizem, fazem entre vós. Mas nós queremos partilha. Porque vemos de uma realidade. Há dificuldades que sempre temos, mas com ele podemos desenvolver essas dificuldades. Mas se eles não estão a nos incluir, significa que vamos ficar na nossa. É por isso que sempre a gente procura interagir com ele, buscando interagir com ele na medida possível.

3 Tipo aqui, porque quando eu dizia que eu queria desistir no primeiro ano, são um dos fatores que eu acho, sim, porque eu não fui bem incluído aqui na faculdade. Tanto pelos amigos e há trabalhos de grupo que às vezes o professor manda fazer. **Mas para conseguir um grupo é um problema. Mas eles, entre eles, conseguem. Um chega e encaixa no grupo. Mas quando for nós, é uma separação que às vezes a pessoa não compreende.** Isso até me deixa pensar, que é necessário eu continuar a estar nesse lugar, porque eu não estou a ser bem incluído. Mas há uma coisa também que me diz, você tem esse objetivo, e tens que te deparar com dificuldade que é para cumprir com seus objetivos. É isso que me motiva a estar nesse meio.

***TANASHA* 3 referências codificadas**

1 Eu acho que nunca senti assim. Por nunca ter estado, meu primeiro contato todos os dias com pessoas não pretas, é muito difícil ver o que é, o que não é racismo e discriminação. Então, há certas coisas que, certos olhares que eu vejo, assim, eu sou, não, o português é assim, eles são antipáticos de frio, mas há coisas que talvez são racismo que eu não saiba. Acho que exclusão, acho que sim, pelos portugueses sim, porque nunca consegui me conectar assim a fundo. Então, eu acho que existe esse tipo de exclusão, mas é muito difícil para mim discernir se é de racismo, porque eles não têm curiosidade mesmo. E já tentei sentar com umas meninas, até almoçamos juntas, e depois no dia seguinte a cara trancou outra vez. Então, não sei se é justo dizer que é racismo.

2 Excluída, senti-me muito no início, estava muito perdida. Ah, fiz trabalho com pessoas que hoje já não conversamos, porque eram colegas, estava a faltar um elemento no grupo. Fui lá, achei que tinha encontrado amigas, mas agora não são. Mas está tudo bem, criei outras amizades. É isso, eu sinto que sem os meus amigos, que a maioria, até vai de Erasmo no próximo ano, e eu estou aqui a pensar o que eu vou fazer comigo. Que, sim, não sei, estou a ver fazer mais amizades, outras amizades, ou só ficar acomodada aí, que talvez não vou ter assim tantos amigos na faculdade, tem fora. Está tudo bem.

3 Eu, para além de ser negra, sou bissexual também, e só aqui, é que encontrei esse espaço para poder ficar à vontade com a minha sexualidade e tal. **Tem muitas festas, muitos coletivos que eu vou caçando nas redes sociais, eu vejo o anúncio e vou, em que os espaços são muito seguros para estarmos. O Porto é uma cidade muito branca, mas onde tem os negros, sente-se esse calor e unimo-nos muito.** Então, tem várias festas que tem lá música de negros, pra negros, desde um pouco até Lisboa, também tem muitos programas. Acho que este sábado vai vir um programa com música angolana, que o Moçambique também escuta as músicas deles. E tem um coletivo que chamam-se Quilombo do Porto, que foram seguir-me até, e fiquei muito lisonjeada ao convidarem-me para um quilombo. E, sim, sim, sinto-me bem acolhida, acho que é isso que me faz gostar da cidade, são as pessoas.

3.2. Sentimentos (ou não) de Pertencimento e Representatividade

Entrevistadora:

**Você se sente representado (a) no ambiente universitário, seja por colegas, professores ou pela forma como a universidade se apresenta (como marketing, por exemplo)? Poderia compartilhar como percebe essa representatividade?*

Arquivos e Textos

***ANGELINA* 1 Referência codificada**

1 Tem momento que eu sinto e tem momento que eu não me sinto integrado na faculdade

***AYO* 3 referências codificadas**

1 É normal e é aceitável que muitas campanhas, muitas representatividades que vão se acontecendo sejam com pessoas brancas, porque é a maioria cá. Agora, se calhar podia ser diferente? Podia. Mas isso não invalida o facto de ser normal a representatividade que temos hoje na faculdade, na Universidade, que é, na maioria dos casos, com os brancos. E eu digo isto. Para questões, por exemplo, como lugares de destaque, que exigem, por exemplo, um esforço para se estar lá, nós não devemos ser colocados só porque, ah, são negros. Não. Se vamos estar lá, deve ser porque merecemos e esforçamos para isso. Se não o fizemos, também não temos o direito de lá estar porque somos negros. Negros. E acho que é isto. Outras coisas. Quando, por exemplo, não exigem questão de esforço ou mérito ou competitividade, negros podem ser escolhidos para representar. Sim, podem, mas se também não forem escolhidos. Para mim é indiferente porque estamos num meio com muitos brancos, na sua maioria, e poucos negros. Por exemplo, nesta faculdade, somos muito, hoje em dia,

2 não vou esperar que a Universidade faça campanhas com muitos negros,

3 Eu me sentia sempre um peixe fora d'água. Acho que eles até esforçaram. Disse isso a bocado e voltou a repetir. Muitas vezes é mesmo uma questão minha. Às vezes não me dou o melhor, não me dou às pessoas o benefício de dúvida para me incluírem. Às vezes, fico louco ou receio. Não, isto aqui não vai dar certo para mim. Portanto, já participei em algumas atividades que a faculdade organizou e tal. Às vezes, uma vez aconteceu, eu percebi que é por eu ser negro, no dia aberto da faculdade, o responsável me viu aqui no corredor. Eu estava a entrar na casa de banho e ele estava a sair. Ele olhou assim para mim. Olha, tu querias vir fazer parte da organização, não sei o que. Ok sim, tudo bem. Foi porque só estavam brancos. E vinham alunos das escolas para ver como é que não estava ninguém na organização que era negro. E depois, uma outra atividade também aconteceu. Foi no ano seguinte. Mas eu não sinto, não sinto mal por causa disso. Acho normal, não é? Eles querem demonstrar que a faculdade também acolhe pessoas, Só que lá no fundo, na realidade, não funciona bem assim.

***BARAKA* 2 referências codificadas**

1 Eu me sinto representado por mim mesmo. Eu não me limito por nada. O único limite sou eu mesmo. Que posso colocar. Mas ninguém. O único que pode me limitar sou eu mesmo. São as minhas escolhas que determinam onde eu vou chegar.

2 Eu não me sinto imigrante, cara. Já há muitos anos. Eu me sinto da terra.

***BEA* 1 referência codificada**

1 Não, **eu não me sinto representada**, nem um pouco. Primeiro, pronto, eu vou falar da equipe acadêmica. Eu ainda não tive contato com professor negro. Não tive, não conheço. Não tô dizendo que não existe. Talvez eu não conheça em outros cursos. Não sei. Quanto ao marketing da universidade, assim ..., eu tô rindo pra não chorar. Chega a ser engraçado, parece até que é a cota. Vai fazendo uma foto aqui, aí tem um negro, tem um preto. Aqui também tem gente preta, aqui na Universidade de Portugal. Eu acho, pronto. E nos alunos, óbvio, é o que menos, eu vou criticar, porque sim, eu vejo uma galera preta. Não só brasileiros, mas uma moçada. Mas eu ainda acredito que não, como é que eu vou dizer? Como eu disse na fala anterior, que tem pessoas que acham que não existe mais racismo. Que os negros estão totalmente inseridos na sociedade e vivem livremente. Eu ainda acredito que a galera tem essa dificuldade. Nós, galera preta, tem ainda dificuldade de se

inserir, de acreditar que pode vir, que pode conseguir, que pode entrar, que pode estudar. Então, ainda acho que nós somos... .. Somos nem representada, nem no marketing, nem na equipe de professores. Agora, nos alunos é onde eu consigo me enxergar mais um pouquinho. Que é o que dá um 1% de felicidade.

***JABARI* 4 referências codificadas**

- 1 Porque as pessoas tendem, às vezes, a querer tratar-me de uma forma especial e eu não gosto disso. Porque, quando as pessoas fazem isso, eu penso, talvez, porque eu sou preto, é por isso que estão a fazer aquilo, porque eu não sou especial, não me sinto especial, então, eu gosto de ser tratado como qualquer um.
- 2 como eu disse, eu cheguei cá no meio do ano letivo passado, quando cheguei, dirigi-me para a faculdade, me apresentei-me e entreguei as papeladas que eu devia entregar e falta a informação, eu lembro que um dia fui ter com um pessoal de relações exteriores, só que, na minha percepção, sinto-me que fui tratado como uma pessoa que já viveu cá há muito tempo, que já tem toda a informação.
- 3 Acho que uma das coisas poderia ser feita é os estudantes aqui poderiam fazer mais misturas com estudantes internacionais para nos ajudar a nos adaptar muito bem aqui.
- 4 Normalmente você está sozinho, mais tarde tem que se adaptar se quer ficar aqui por muito tempo, mas só que essa questão da adaptação é um processo, não é algo que acontece de uma hora para outra, de imediato, é por isso que muitas das conversas das pessoas, sai essa frase, “nós lá, da minha terra, fazemos assim”, isso é mostrar o quê? Eu saí da minha terra, estando cá, mas ainda, no meu pensar, tudo é relacionado ao quê? A minha terra.

Nota explicativa: Na entrevista de Jabari, observo uma ausência quase total de referência à representatividade no contexto universitário. Ele concentra o discurso em aspectos práticos de integração, acolhimento, adaptação à instituição, sem mencionar identificação simbólica com pessoas ou espaços negros. Embora expresse orgulho em ser preto e guineense, esse reconhecimento pessoal não se transforma em reflexão sobre a visibilidade racial na universidade. Esse silêncio sobre representatividade indica que o seu sentimento de pertencimento se constrói sobretudo pelo esforço individual de adaptação, e não por meio de ações institucionais que promovam reconhecimento e inclusão simbólica.

***KIONI* 9 referências codificadas**

1 Bom, a resposta simples é não. Eu acho que tanto no Brasil quanto aqui, a questão da representatividade ainda está muito embrionária, por assim dizer.

2 Então essa questão da representatividade não existia quase. Na publicidade, ou seja, na divulgação da própria universidade, eventualmente aparecia uma pessoa negra, o que dava um pouco a sensação de tokenismo ali, tipo, precisa ter uma pessoa negra para não ficar feio. A questão do tokenismo, que é um debate também muito presente quando a gente fala de as questões identitárias. E eu acho que aqui em Portugal é a mesma coisa. Por acaso, há as exceções. As exceções, em geral, comprovam a regra. Por exemplo, eu tive uma amiga que trabalhou no Porto, que é uma mulher negra, que foi minha colega de mestrado, e que ela foi uma das pessoas fotografadas para divulgar os cursos do Porto num dos anos que a gente estava fazendo o mestrado. De novo, é sempre uma exceção, não é a maioria. Tipo, o número de participantes de pessoas brancas que a gente vê nas publicidades do que as pessoas negras. Então, pronto. Eu, por acaso, estudei numa sala, num curso de mestrado entre os africanos, em que o primeiro ano tinham bastante até pessoas negras. Acho que era metade e metade, assim, porque tinham vários alunos vindos dos países africanos de língua oficial portuguesa. Os brasileiros, acho que dois eram negros, incluindo eu, por isso tinha ali um equilíbrio. Entre os professores, zero. Não tinha professores negros. E no doutorado, também não. Não tem professores negros. Eu era, tinha eu e mais um aluno negro no doutorado. Ou seja, são sempre, assim, pessoas espalhadas. E que, pronto, não estão ali, não dá para falar de representatividade negra na universidade, nem no Brasil, nem aqui. Acho que no Brasil é um pouco melhor do que aqui, ou menos pior, se a gente quiser dizer, mas aqui é menos. Entretanto, tem ali faixa de esperança, não é? Por exemplo, eu tenho uma orientadora que é uma mulher negra, o que é raro. E que é uma mulher negra que fez parte de toda a minha trajetória desde que eu cheguei aqui e que agora eu tenho a sorte de ser orientada por ela. E tenho mais outras, sei lá, três, pelo menos consigo pensar aqui muito rapidamente, de três mulheres negras professoras universitárias, mais a minha orientadora, por exemplo, e outra mulher negra, que são muito relevantes para o estudo de ensino superior em Portugal, mas que, de novo, são exceções, não é? Porque a academia é uma coisa de marfim, muito fechada na sua própria branquitude, nas suas próprias referências europeias e tal. Então, acho que a resposta curta para essa pergunta é não.

3 Eu não diria que tinha uma boa quantidade de autores negros. Tinham autores negros, até porque alguns eram incontornáveis para pensar a questão da situação nos vários países africanos etc. Então, acho que a bibliografia tinha ali muitos autores negros, muitos no lugar de exemplo, tipo, por exemplo, literaturas africanas eram, óbvio, muito focadas em pessoas negras, embora tinha lá, por exemplo, o Miyakoto, que era um nome, um dos nomes que a gente deve ter feito pelo menos duas aulas e que não é uma pessoa negra, não é? Ou seja, eu lembro de ter olhado para esse currículo e ter identificado ali muitas pessoas negras, mas acho que a maioria ainda era branca. Especialmente quando a gente estava falando de teorias acerca da própria, de epistemologias, assim, sabe? Então, quem são as pessoas que estão sendo usadas para pensar o que a gente está discutindo, não é? Tipo, que teorias que estão por trás disso? Não são pessoas que são exemplos daquilo que a gente está estudando, mas as pessoas que realmente fundamentam a epistemologia sobre aquele determinado assunto. E aí, em geral, eram pensadores brancos, assim, europeus, a maioria europeus. Por isso, eu acho que a descolonização do currículo ainda é algo muito importante para se pensar. Especialmente em cursos, por exemplo, como estudos africanos, não é? Eu acho que já existe ali, eu notei que existiu ali um esforço de fazer isso, mas ainda existe, acho que ainda o caminho ainda não está feito, né? Ainda precisa ter um caminho aí para ser perseguido nisso.

[Intervenção da entrevistadora]

*Essas perguntas que eu estou te fazendo agora, elas não estão no roteiro, mas como o teu mestrado é muito importante para eu compreender algumas coisas e inserir na investigação, vou fazê-las. Mas se você não quiser responder, você pode pular. Por exemplo, no mestrado de um curso de estudos africanos, vocês receberam convites para fazer palestras em outras faculdades dentro da UP? levar esses estudos, esse conhecimento para discutir esses assuntos dentro de outras faculdades?

4 Não, eu não lembro disso ter acontecido. A gente teve uma semana que também é engraçada, essa coisa da Semana da África, que é em maio, né? No dia 25 de maio, a Semana da África, mas foi uma iniciativa dos próprios alunos, de fazer rodas de conversa, de trazer alunos do ensino secundário para dentro da universidade e tal, mas nada, ou seja, nada para, de alguma forma, convidar os alunos de estudos africanos ou as cadeiras de

estudos africanos para integrarem com outras cursos. Não lembro disso ter acontecido. Enquanto eu estava lá, pelo menos não.

[Intervenção da entrevistadora]

**Era isso a minha curiosidade. Vamos continuar... você falou que tinha no teu curso de mestrado, muitos africanos, brasileiros, mas também falou que tinha portugueses. Esses portugueses, se você lembrar, eram todos brancos ou tinha algum português negro no curso?*

5 Eram todos brancos.

[Intervenção da entrevistadora]

**E incluindo os professores, mas o(a) diretor(a) do domínio de vocês também eram brancos?*

6 Todos brancos, a diretora do curso era uma mulher branca, todos os professores eram brancos, tinham três mulheres, eu acho, e para três, cinco homens, mais ou menos, por aí. Sim, eram todos brancos, sim.

7 A experiência no mestrado, em termos de pertencimento, foi um mix de duas coisas. Por um lado, eu me sentia que eu era exatamente o tipo de aluna que o curso queria atrair, uma aluna estrangeira que dava mais dinheiro para a universidade, pagava mais propina, uma aluna que tinha com background político, de negritude etc., forte, que alguma forma contribuía para os debates do curso, que enriqueciam as aulas. Uma aluna que era dedicada, assim, tipo uma aluna modelo, entre aspas, de tipo entrega de trabalho, era a delegada de classe etc. Então, de alguma forma, eu me sentia, não sei se necessariamente querida, mas benquista pelos professores de forma geral. Mas a experiência toda do mestrado, como eu disse, eu não tinha aquela visão acadêmica, aquela experiência acadêmica, não vinha com isso do Brasil, então era um pouco esquisito. E a própria universidade não é um lugar em que eu me enxergava, a Universidade do Porto, essa questão da representatividade não é um lugar em que eu me enxergava e que eu sentia que eu fazia parte do corpo acadêmico como um todo, não fiz parte, por exemplo, de centro de investigação, essa informação é uma informação que raramente chega nos alunos,

assim, tipo é quase que tem ali, parece que, conferências secretas dentro da universidade, em que você não sabe muito bem como é que você pode se integrar, quais caminhos que você pode seguir a partir dali, por isso, tinha essa questão, era uma vivência assim de pertença complexa, acho que tinha ali um lado positivo e tinha um outro que é mais no sentido de tipo, é quase como se aqui não pudesse ser, tipo a universidade, a curso, etc., quase que não pudesse nunca ser o meu lugar, assim, sabe, porque tem muito ligado com essa coisa da tradição, da pesquisa acadêmica, dos grandes nomes, dos cânones, etc., e que é algo que eu não me encontro, não me vejo, né, por isso, é meio, era uma coisa mista assim, dupla.

[Intervenção da entrevistadora]

*Você falou que a X foi escolhida para representar o seu domínio quando você estudava estudos africanos, não é isso? Eu queria saber, a cor da pele dela era uma cor de pele mais negra ou era uma cor de pele mais clara?

8 Ela era mais escura, era uma cabo-verdiana de uma pele mais escura. Pronto, mas ela era uma funcionária da universidade, e ela era responsável, de alguma forma, pelo marketing acadêmico, por isso acho que isso facilitou um pouco as coisas.

[Intervenção da entrevistadora]

*Dentro do teu domínio, quando você estudava mestrado, não tinha nenhum laboratório antirracista, ou um centro, ou um grupo de estudantes? Nenhum programa antirracista? nenhum movimento antirracista?

9 Não, nada político.

***NANTH* 2 referências codificadas**

1 Não é assim tão incluído também. Porque se eu for comparar a inclusão que eu tive lá na Guiné, em sociedade, em minha comunidade, é enorme. Mas aqui é cada qual no seu

canto. Às vezes eu vivo com pessoas que nem sequer se conhecem. É só, olá. Não é como a minha realidade. Lá as pessoas é uma diversidade enorme.

2 Houve momentos, tipo na escolha de grupos. Isso é um momento que me marcou bastante, porque eu vi os outros a construíram. E eu, por que é que eu não posso estar lá incluído? Portanto, isso é um dos momentos que me marcou. Eles dizem, fazem entre vós. Mas nós queremos partilha. Porque vemos de uma realidade. Há dificuldades que sempre temos, mas com ele podemos desenvolver essas dificuldades. Mas se eles não estão a nos incluir, significa que vamos ficar na nossa. É por isso que sempre a gente procura interagir com ele, buscando interagir com ele na medida possível.

***TANASHA* 3 referências codificadas**

1 Não me sinto representada. Tenho professores que têm um carinho, porque eles procuram saber e procuram trazer certas coisas, certos assuntos para frente. Tive uma professora que trouxe uma convidada de Cabo Verde para falar e eles tentam criar esses espaços, só que são professores de disciplinas optativas, que é necessário haver uma vontade dos alunos para que aquela disciplina sequer exista e vá para frente.

2 Nós falamos com a nossa professora, não posso dizer nomes aqui? Falamos com uma professora de Psicologia, Diversidade e Sociocultural, que disse-nos, nós estávamos à procura de investigadores que saíram daqui da faculdade, que sejam negros. E a professora disse, da parte dela, ela não sabe. Então, acho que é algo que me tocou e eu disse, tem importância para mim.

3 Níveis socioeconômicos, diferenças culturais, sempre utilizamos nossos trabalhos para trazer isso, trazer essa representatividade, talvez por um outro colega. Mas a faculdade em si, os posts que saem, houve o seminário de raça, racismo e gênero, não houve divulgação disso, houve divulgação num story que desaparece depois de 24 horas, mas é um dia de Feira do Livro, que não deixa de ser importante, eles vão criar um post que está lá eternizado. Então, eu acho que a faculdade em si, como instituição, não cria representatividade.

4.1. Obstáculos e Desafios na Trajetória Acadêmica

Arquivos e Textos

***ANGELINA* 7 referências codificadas**

1 Aqui eles puxam mais do que em Cabo Verde. Em Cabo Verde é mais leve, mais relaxado. E em termos de adaptação exigiu também muito esforço, porque também eu queria desistir do curso.

2 Quando eu cheguei, cheguei já atrasada e não estava adaptada a entender bem as matérias

3 habitação também, que era difícil.

4 e quando cheguei cá, eu quis voltar para casa, porque eu tinha saudade da minha casa, saudade da minha mãe, de tudo mesmo, que às vezes a gente brigava, mas eu senti muita saudade dela.

5 Eu acho que os desafios variam, mas incluem também barreiras acadêmicas, como a diferença nos métodos de ensino e avaliação, desafios sociais como a adaptação ao ambiente universitário

6 a dificuldade econômica, especialmente para nós estudantes internacionais, muitas vezes precisamos conciliar os estudos e o trabalho.

7 Normalmente o meu tempo para estudar, é só fim de semana, só sábado e domingo. Porque, tipo, na segunda eu chego em casa tarde, porque tem aula. Na terça também tenho aula e às vezes chego cansada. Nos outros dias só tenho tempo, mas é sábado e domingo. Impacto negativo, falta de tempo para eu estudar. Faz muita diferença nas minhas notas. Porque, normalmente, o meu trabalho exige muitas horas. Ou também fico cansada. Eu só quero chegar em casa, relaxar. Estudo, nem penso no estudo.

***AYO* 11 referências codificadas**

1 Primeiro foi um choque cultural drástico. Foi muito difícil adaptar, principalmente nos primeiros tempos.

2 Cheguei perdendo logo o primeiro semestre, pronto por causa de burocracias, questões de visto. Cheguei a atrasar, passei aqueles primeiros momentos tentando fazer alguns

exames que não deram nada. Depois fiz o segundo semestre, mas também nada e decidi repetir o ano. Repetir o primeiro ano, porque a bolsa dava essa possibilidade.

3 tanto a questão cultural como já mencionei, assim como a questão, por exemplo, da língua.

4 Até hoje não consigo ir ao ritmo dos meus colegas, porque eles tiveram uma preparação diferente que a minha. Claro que hoje consigo fazer as coisas, mas não no ritmo deles.

5 Não só na questão da língua. Embora já era uma pessoa que mexia muito com a questão de informática, essas coisas. Conhecia bem, já tinha computador.

6 Mas quando cheguei aqui, precisei adaptar umas coisas. Não tive grande dificuldade nesse sentido. Precisei só conhecer um sistema novo e começar a usar. Já tinha tido aulas de informática na INE e tudo, portanto não tive grandes dificuldades nessa área. A maior dificuldade foi mesmo a questão do acompanhamento e o entendimento do conteúdo. Adaptar a questão de ler. Aqui talvez seja, mas cobrado. Em guiné, o professor vem, dá um conteúdo, faz uma exposição e é isso.

7 E eu até hoje tenho problemas com ler bibliografias, cá são sempre em inglês, que é um outro fator.

8 No início, não tinha amigos principalmente cá na faculdade. Até hoje. E lá está. Quando depois nos afastamos, mexeu muito comigo

9 Se calhar os brasileiros podem não ter tanta dificuldade na questão de língua assim como o ensino. O ensino brasileiro é melhor, muito melhor que o ensino da maior parte dos países africanos. Mas, mesmo assim, também é uma opção para quem quiser porque eu já conheci brasileiros que tiveram a mesma dificuldade que eu. A mesma dificuldade. Lá está, o Brasil é grande.

10 relacionamento interpessoal cá é muito diferente. Há uma questão que sei que aliás pode ser importante. Na Guiné, eu sempre estudei com vários colegas, competições e tal. Conhecíamos todos na turma. Eram turmas pequenas e pronto.

11 Chego e são turmas de 100 e tal pessoas. E ninguém quer olhar para ti. E amizades são feitas com base nas cores da pele. Eu me senti muito sozinho muitas vezes naquele auditório. Não sei se já viste aquele auditório, sinto-me sozinho. Está todo mundo ali a rir com o amigo, com a amiga e tal. É assim, eu sinto que essas coisas aconteceram ou ainda estão a acontecer. Primeiro, moldar o meu carácter. Porque hoje eu sinto que vou passar por essas coisas ainda no futuro. Mas pelo menos já não me sinto, houve momentos, por exemplo, que eu me sentia muito sozinho. Meio deprimido às vezes até, às vezes estava

em casa. Não estava nem com vontade de estar em casa. Mas não tinha aonde ir. Não tinha com quem sair e tal.

***BARAKA* 2 referências codificadas**

1 Então, como trabalhador e estudante na faculdade, eu posso falar que eu tive muitas barreiras

2 Você trabalha, tem que ter aquele tempo de você, o tempo que às vezes a gente está descansando, ou de folga você vem para a faculdade. Eu gosto de estar crescendo sempre. Então é isso. É sempre difícil conciliar o trabalho do estudante nem só para o estrangeiro, mas também para os portugueses. É sempre um pouco complicado. Você tem que ter muita força de vontade e querer fazer as coisas.

***BEA* 2 referências codificadas**

1 Como eu disse na fala anterior, que tem pessoas que acham que não existe mais racismo. Nós, galera preta, tem ainda dificuldade de se inserir, de acreditar que pode vir, que pode conseguir, que pode entrar, que pode estudar.

2 desde que eu cheguei aqui, eu me isolei. Porque eu tive dificuldade para arrumar trabalho, então eu não podia gastar aquele dinheiro, então eu não saía muito. Aliás, eu quase não saio. A minha vida é casa, trabalho e faculdade. Raramente são os momentos que eu tenho de relaxar, de sair. Eu consigo contar nos dedos as vezes que eu saí aqui. Em um ano. E eu só viajei uma vez. Então, eu não me sinto apta para responder porque pronto.

*** JABARI* 9 referências codificadas**

1 No contexto daqui esse assunto da Universidade do Porto, uma reclamação que eu tenho é que, devido a atraso de visto, perdi o primeiro semestre do meu primeiro ano, então, as dificuldades econômicas que eu tenho, veio só a piorar, porque eu tenho que pagar mais, paguei toda a propina completa do primeiro ano, e eu tenho que pagar mais para este ano, em tempo parcial, para poder completar o primeiro ano. Uma das coisas que pesou-me muito quando eu cheguei, até pensei em mudar da Universidade, porque o meu plano inicial era fazer cá somente dois anos, terminar tudo e voltar para o meu país, mas agora eu tenho que ficar mais anos do que eu esperava, e isso às vezes faz-me sentir um pouco triste e

um pouco desanimado, porque eu tinha feito um plano, agora esse plano, vou ter que refazer isso para poder se adaptar à realidade atual, é isso, é uma das coisas que afeta, afetou e continua a afetar, né, muito.

2 Então daí fui procurar trabalho, muitas das vezes, as perguntas – era se eu tinha transporte próprio, se eu tinha a residência e por aí. Mas, eu não consegui. Então, depois de tantas procuras, sem sucesso. Então decidi qualquer trabalho, é trabalho, menos matar as pessoas. Onde eu vou poder ganhar algo para meu sustento e pagar a faculdade. É, então fui assim, trabalhei como servente, comecei praticamente no dia, no mês que o meu estoque estava vazio – era o mês de maio e comecei na segunda quinzena.

3 Trabalho de servente, de pedreiro, nas obras, são trabalhos pesados, geralmente. Quando você chega em casa cansado, tens que por exemplo, esse ano, eu entro às seis e muitas vezes chego atrasado para as aulas e eu, geralmente, só tenho tempo para ler no final de semana, sábado e domingo. Há momentos que eu chego a sair da cama às cinco para poder ir. Não tenho o sono completo. Chegar de casa às cinco, ir para as aulas às seis, às vezes não dá, mas tem que vir, porque é uma responsabilidade e é preciso fazer isso. Então, isso influencia muito, influência muito mesmo na questão do tempo, do cansaço e, às vezes, psicologicamente, você é ferido no local onde você trabalha, porque é uma nova aprendizagem, é uma nova aprendizagem para mim e eu não tinha muita experiência nessa área. Então, às vezes, as pessoas andam contigo por pensar que devia aprender tudo aquilo que elas passaram muito tempo a aprender num dia ou numa semana. Sim. Então, isso tudo influencia muito, muito, muito nos estudos

4 O primeiro pensamento que veio na minha cabeça foi desistir do ano, trabalhar para ganhar os o fundo para este ano letivo. Mas depois decidir que vou arriscar, eu fiz as contas, o dinheiro estava quase para acabar.

5 O problema era a questão do alojamento,

6 Muitos colegas têm dificuldades de entender como esse sistema aqui que muitas das vezes é uma barreira, não é que pode ser uma barreira para nós viemos de um país subdesenvolvido onde as questões de digitalizações de documentos é uma maravilha e tudo é analógico e muitas vezes em versão papel, então, mas aqui é tudo contrário, então é uma das barreiras. Talvez se eu soubesse, por exemplo, eu podia acessar, ó, acessar se Cigarra no meu país. Eu tinha internet, no meu trabalho. Internet é muito caro, para uso pessoal. Mas no meu trabalho eu podia acessar para fazer muitas coisas, mas não sabia. Só tive essa informação quando cheguei a cá

7 Da burocracia aqui. Fazem por marcação, mas no meu país não tem que ser por marcação. Basta você pensar hoje, preciso desse serviço, você vai. Mais tarde ou mais cedo, pode não ser atendido, às vezes depende do tipo de serviço e onde. Às vezes pode não ser atendido naquele mesmo dia, pode ser outro dia ou dois ou três dias depois, mas não tem que ser, provavelmente, por marcação. Mas aqui, tem que ser por marcação. Uma pessoa saindo da minha realidade, principalmente com baixo nível acadêmico, como posso falar, é muito mais difícil adaptar-se a essa realidade.

8 Imaginem-se os estudantes internacionais formando um grupo para um trabalho de pesquisa, para mim acho que é um pouco difícil, porque, primeiro, não conhecem muitos locais, têm dificuldade propriamente nas questões linguísticas, falo isso, sem reservas, e sendo isso, às vezes, entrar em contato com instituições pra poder realizar o trabalho, seria, pra mim, acho que seria um bocado difícil, não que as instituições não vão aceitar, mas já às vezes essa questão de pensar que as coisas não vão dar como eu quero, você se exclui logo mesmo, isso acontece muito.

9 Questão económica

***KIONI* 4 referências codificadas**

1 Então, eu tive alguma dificuldade para me adaptar, no começo, para voltar, também já fazia muitos anos que eu estava fora da universidade. Então, ritmo de leitura, aquelas práticas todas que a gente tem que fazer no mestrado, eu já estava assim um pouco fora, mas eu considero que deu certo, acho que me adaptei com alguma facilidade.

2 Então, por exemplo, para arranjar a casa, eu, na época, tinha um companheiro que era branco, brasileiro, com dupla nacionalidade. Então, ele era sempre a pessoa que fazia as negociações. Eu ficava por trás, nos bastidores, tentando usá-lo como ali uma ferramenta. A gente já tinha ali um acordo tácito entre nós de que era ele que ia fazer negociações que ia fazer visitas etc., para tentar evitar qualquer tipo de atrito, que já tinha acontecido. Por exemplo, quando eu ligava, era um tratamento. Quando ele ligava, era um outro tratamento. E aí a pessoa não tinha, necessariamente, a visão de mim como pessoa negra. Mas tinha como mulher brasileira. Na hora de procurar emprego aqui, também era uma questão. Tipo, eu ficava sempre preocupada como é que eu ia com o meu cabelo, como é que eu ia vestida, enfim quais são esses traços, esses códigos culturais que eu precisava me adaptar para ter o máximo de aproveitamento possível, com o mínimo de violência possível.

3 Quando eu cheguei aqui, eu ainda não trabalhava, então eu migrei sem um trabalho, para procurar trabalho aqui. Os primeiros seis meses do mestrado, eu estava só estudando, o que foi algo inédito para mim, eu nunca tinha feito isso, eu estava me sustentando com o dinheiro que eu juntei, não é, para vir. E aí, no quinto mês do mestrado, no final do primeiro semestre do mestrado, eu consegui um trabalho. Então, o meu segundo semestre do mestrado já foi bem mais difícil, porque eu estava trabalhando full time e fazendo mestrado. E aí, no segundo ano do mestrado, que era a da escrita da dissertação, foi também, assim, delicado, porque, de novo, eu estava trabalhando, eu tinha um cargo de responsabilidade, eu era coordenadora de uma equipe de produção de conteúdo, por isso me demandava muito trabalho, e o trabalho de pesquisa de escrita de uma dissertação também exige para caramba, não é, tanto disciplina, autonomia, então foi bem difícil. Eu não consegui, justamente por não conseguir integrar as duas coisas, o que eu senti muito sobrecarregada, também as questões de migração, família no Brasil, assim, a experiência de uma pessoa migrante, ela não é só, pronto, você está trabalhando e estudando, você tem que lidar com o fato de você ser uma pessoa migrante, com a questão da documentação, com a questão de, tipo, família no Brasil, sem rede de apoio, enfim, integração social, 500 milhões de questões que uma pessoa portuguesa, provavelmente, não vai enfrentar, não é, ou que tem uma experiência mínima, talvez um pouco mais leve do que nós, por isso, foi bem difícil o segundo ano,

4 eu não queria desistir, eu queria terminar o meu curso, então, eu tive que fazer ali uma manobra, né, um esforço maior financeiro para conseguir terminar, concluir o curso, eu usei mais um ano, então, eu paguei mais um ano para poder conseguir entregar a tese no ano seguinte, né, tanto tive um burnout, fiquei muito sobrecarregada e consegui uma baixa médica, que foi que me ajudou a ter, eu fiquei para ir entre idas e vindas, deve ter ficado uns dois meses sem trabalhar e trabalhando só na tese, o que também, em condições psicológicas, eu já estava, de alguma forma, vulnerável psicologicamente, não foi a melhor dos cenários, mas pronto, consegui entregar, consegui defender, deu tudo certo, entre aspas, né, no final, tipo, concluir esse processo, por isso, foi, assim, muito estressante, muito difícil e, de novo, com pouquíssimas informações sobre bolsa de estudo, sobre financiamento, não tinha, assim, um apoio muito claro sobre como que a gente poderia, talvez, só estudar, não é, tipo, não fazia ideia de como conseguir uma bolsa, se eu tinha direito ou não tinha direito, então, institucionalmente também, institucionalmente, as informações eram muito precárias e, ou, reduzidas, por isso, é quase como se a gente não falasse a mesma língua, assim, sabe, tipo, eu não sei quais os caminhos que eu posso

traçar para tornar a minha experiência acadêmica dentro da Universidade do Porto mais, menos custosa possível, então, foi bem difícil, mas pronto, consegui no final.

***NANTH* 5 referências codificadas**

1 a dificuldade financeira era um problema enorme

2 dificuldades também que sempre deparamos é o ensino, porque o nosso ensino é mais fraco, de que aqui quando a gente chega, a dificuldade de língua, a dificuldade de compreender aquilo que os professores dizem, a dificuldade de integração, que os portugueses nem sempre são assim abertos, de acolher pessoas novas, eles sempre afastam, isso nos deixa também isolados.

3 de segunda à sexta-feira à noite, eu trabalho numa casa, tipo segurança, porque eu fiz também esse curso de segurança. É curso de segurança privado. É de quarta-feira à quinta. Não, de quarta, sim, a sábado, eu trabalho nas obras.

4 **Mas perdo também tempo de estar a estudar, portanto, a fazer esse trabalho.** Tipo, no dia que eu fico sem dormir, chego de manhã com cara de sono e é bem complicado. Portanto, às vezes, estando nas aulas, só fico a explicar, eu sei nem estar lá, porque tenho sono. E acabas estourando só o teu corpo à meia. Só o corpo à meia. Boto o telefone a gravar, que é para vir estourar em casa. Portanto, isso tendo a influenciar muito.

5 É um pouco difícil, mas estou tentando lutar. Tipo, trabalhar à noite, ir às obras, com faculdade, é complicado.

***TANASHA* 3 referências codificadas**

1 Os resultados do regime especial saem muito tarde. Cheguei aqui com duas semanas de atraso. Até era uma das sortudas que fizeram parte desse regime. Cheguei aqui e estava meio perdida. Perdi semana de orientação, perdi as primeiras duas aulas de estatística,

2 Acho que pessoalmente não tenho muita abertura para fazer perguntas em aula, porque estamos num auditório muito grande, e é uma coisa mais pessoal mesmo, tenho vergonha.

3 Acho que eu tenho que adaptar mesmo a essa vergonha de expor e falar.

4.2. Construção da Identidade Racial

Entrevistadora:

*Para si, a cor da sua pele é um elemento importante da sua identidade pessoal e social? Por quê?

ARQUIVOS e TEXTOS

***ANGELINA* 1 referência codificada**

1 a cor da minha pele, eu acho que é importante na minha identidade pessoal. Eu tenho muito orgulho da cor da minha pele, da minha origem, a cor da minha pele é um símbolo de resistência, conexão com as minhas raízes. Também há muitos lugares que existem construções sociais ligadas à raça e à cor da pele, que influenciam oportunidades, desafios e experiências.

***AYO* 3 referências codificadas**

1 Eu sinto orgulho por ser negro, e eu não trocaria o ser negro por outra coisa.

2 Claro que há toda uma história, há todo um contexto à volta disso, mas, se alguém me ouvir a falar, pode até confundir a minha identidade. Se alguém me ouvir só a falar, só a minha voz, pode até confundir. Mas alguém me vendo consegue logo saber que eu sou afrodescendente. E isso é motivo de orgulho.

3 Claro que muitas vezes somos tratados de uma forma diferente, eu já passei por isso. Mas isso não me faz querer ter uma outra cor diferente da que eu tenho. Portanto, eu sinto que sim, isto é algo identitário, e é algo que é especial, por mais que algumas pessoas podem não reparar nisso, é algo especial, é algo que todos nós devemos nos orgulhar. Claro que há muitos, como disse, muitos fatores que estão por detrás da forma como as pessoas se comportam em relação a isso. Mas, ao mesmo tempo, nós é que temos a responsabilidade de fazer as pessoas perceberem que, ao nos tratar mal por causa disto, estão errados ou erradas. E é isso, acho que na nossa cor é tudo para nós. Nada nos identifica mais do que a nossa cor. E acho que é algo que transmite logo aquilo que é a nossa cultura. E acho que é isso.

***BARAKA* 1 referência codificada**

1 É de onde a gente veio, é a nossa origem, a gente não pode mudar isso. É aquilo que somos, né? Não tem muito o que falar sobre isso. É aquilo que somos. Você tem que se amar da forma que você é. A cor da sua pele não fala só sobre você. Fala da sua história, da sua origem. Fala da sua cultura.

***BEA* 1 referência codificada**

1 Sim, eu acho que, eu acho não, na verdade eu acredito com todas as minhas forças que se eu sofri, 80% foram por conta da cor da minha pele. Mas também, tudo que eu..., e para exemplificar, por onde eu passei eu acho que não teve um local onde eu recebesse um olhar esquisito, um mercado onde eu não fosse perseguida para ver se não ia roubar, ou que duvidassem da minha capacidade por conta da minha cor, talvez eu não fosse mais qualificada para uma vaga de emprego e tudo mais. **Mas também foi isso que me deu força, porque eu penso o seguinte, imagina, eu vou ter filhos e os meus filhos vão carregar a minha cor. E eu não quero que no futuro eles passem por isso. Então, um dia lutaram por liberdade e hoje eu estou lutando por outro tipo de liberdade.** Hoje eu não sou escravizada, não ando com correntes presas nos pés e nas mãos, mas estou presa de outras formas. Então, eu continuo lutando por liberdade. **Então, eu acho que minha cor fez com que eu decidisse tudo isso. Eu sofri por ela, mas eu também luto por ela.**

***JABARI* 1 referência**

1 Claro, para mim é muito importante e eu sinto muito orgulho disso. Pra onde quer que seja, para onde quer que eu estou, sinto-me orgulhoso de ser preto, de ser da Guiné-Bissau e eu não trocaria isso com nada, com nada mesmo.

***KIONI* 4 referências codificadas**

1 Eu cresci, pronto, num bairro periférico de São Paulo com muitas pessoas negras. Entretanto, eu sou uma pessoa negra, pronto, quem não está me vendo. Mas eu sou uma pessoa negra de pele clara, o que chamam de pardo no Brasil. Pelo censo do IBGE. Então, eu venho de uma família mestiça, meu pai tem origens indígenas, a minha mãe é uma mulher negra de pele escura. Então, eu cresci sendo uma mulher negra de pele clara. Eu cresci muito, mas tentando negar os meus traços, indo mais para um lado, tentando me

adaptar à branquitude, enfim, o cabelo crespo não era um motivo de orgulho na minha adolescência,

2 Entretanto, no começo de em 2010, na década de 2010, teve uma nova fase do movimento negro brasileiro, muito focado na questão da valorização das raízes negras, na questão estética também.

3 E eu fui um pouco filha desse movimento, passei a me entender como uma mulher negra e me orgulhar disso quando eu já tinha para ir 22, 22, 23 anos, e aí eu fiz aquele processo de assumir o cabelo natural, de me envolver com as questões de mulheres negras, de pesquisar sobre o assunto, de entender a minha experiência como mulher negra no Brasil etc. Então, me acompanho até hoje, tema da minha pesquisa. **Eu faço parte de vários movimentos ativistas aqui em Portugal, movimentos ativistas antirracistas em Portugal. Por isso, é algo que realmente é muito importante para a minha vivência, para a minha experiência, não só na universidade, mas na vida, né! Como um todo, assim.**

4 Mas, eu sou uma mulher negra, pronto, com cabelo crespo, os traços, a coisa do nariz, da boca etc. Por isso, eu sempre soube que eu não era uma pessoa branca.

***NANTH* 1 referência codificada**

1 sou africano e essa cor de pele é da minha raça. Eu me sinto identificado com a cor que eu tenho. Nunca me fiz algo para mudar a cor, não. Eu sempre estou na minha e gosto de estar também assim. Porque eu nasci assim e me sinto bem assim.

***TANASHA* 1 referência codificada**

1 estou em evidência e há várias coisas que eu já fiz, que eu fazia em casa. Quando eu faço aqui eu percebo que é um statement que é importante, não sei se é importante a palavra, mas eu tenho uma peruca de afro, assim. Eu pujo um dia, estou a sair com a minha peruca e eu vejo, as pessoas estão a olhar, as pessoas querem tocar e não sei o que. Eu entendo que é ter um afro aqui, ter um afro lá em Maputo, são coisas diferentes. Pinte o cabelo agora também, percebo que as coisas que eu faço aqui tem um peso diferente. Não mexe muito comigo na minha autoestima, mas percebo que estou em evidência e é importante para mim no curso que eu estou a fazer também. Sim, percebo que é necessário.

4.3. Estratégias de Resistência e Superação

Neste ponto, apresento uma codificação exibida diretamente a partir do NVivo, mantida em seu formato original. Optei por incluir este espelho exatamente como foi gerado pelo software para demonstrar a estrutura automática de categorização criada durante o processo analítico. Diferente dos outros quadros que foram ajustados e reorganizados manualmente, este exemplo preserva o modo como o NVivo agrupa os elementos de cada subcategoria.

Escolhi deixar este espelho nesta parte do Apêndice, mesmo estando inserido na terceira subcategoria da quarta categoria, porque ele segue a ordem natural de apresentação e ajuda a evidenciar a diversidade de procedimentos utilizados no processo de codificação. A intenção é tornar visível tanto o funcionamento técnico do NVivo quanto as decisões interpretativas que realizei ao longo da sistematização.

Nota: Os Quadros 26a a 26i têm como fonte o software NVivo (2025), responsável pela organização e codificação das referências apresentadas.

Figura 42

Espelho de codificação



TIPO	Código
COR	
AGREGADO?	Não
DESCRIÇÃO	Regista táticas pessoais e coletivas para resistir ao racismo, garantir permanência e conquistar espaço na academia, incluindo ressignificações de falas e atitudes racistas. Inclui: redes de pares/tutorias, bolsas e serviços, gestão estudo-trabalho, autocuidado/terapia, reinterpretação de ofensas, excelência acadêmica, militância e uso estratégico de normas institucionais. Exclui os atos discriminatórios em si (Dinâmicas de Exclusão) e reivindicações político-institucionais (Justiça Social)

ARQUIVO E LOCAL	REFERÊNCIAS	COBERTURA	
Arquivos\ANGELINA	2	3,99%	exibir detalhes
Arquivos\AYO	4	5,32%	exibir detalhes
Arquivos\TANASHA	1	3,27%	exibir detalhes
Arquivos\BARAKA	3	3,63%	exibir detalhes
Arquivos\BEA	3	9,00%	exibir detalhes
Arquivos\JABARI	1	0,95%	exibir detalhes
Arquivos\KIONI	1	2,50%	exibir detalhes
Arquivos\NANTH	2	16,60%	exibir detalhes

Figura 43

Angelina

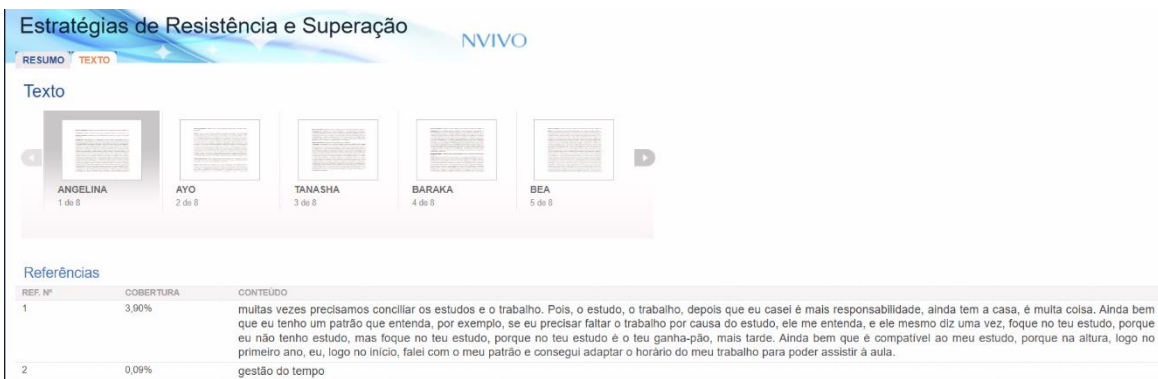


Figura 44

Ayo



Figura 45

Baraka



Figura 46

Bea



Figura 47

Jabari

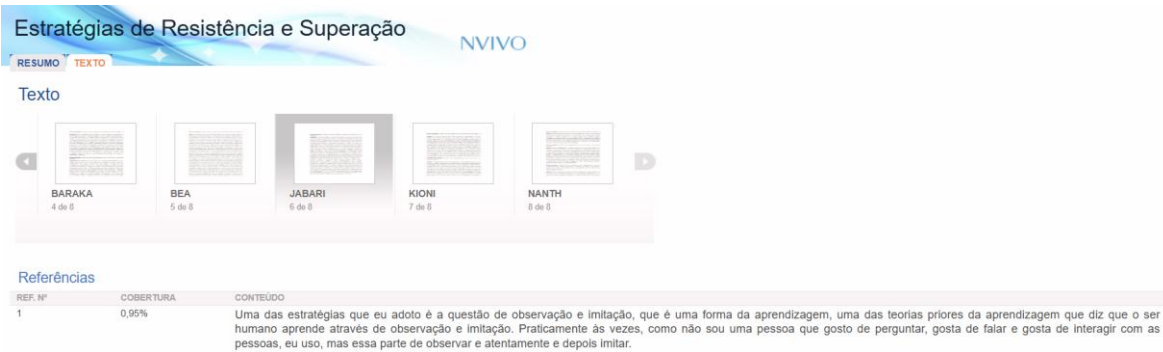


Figura 48

Kioni



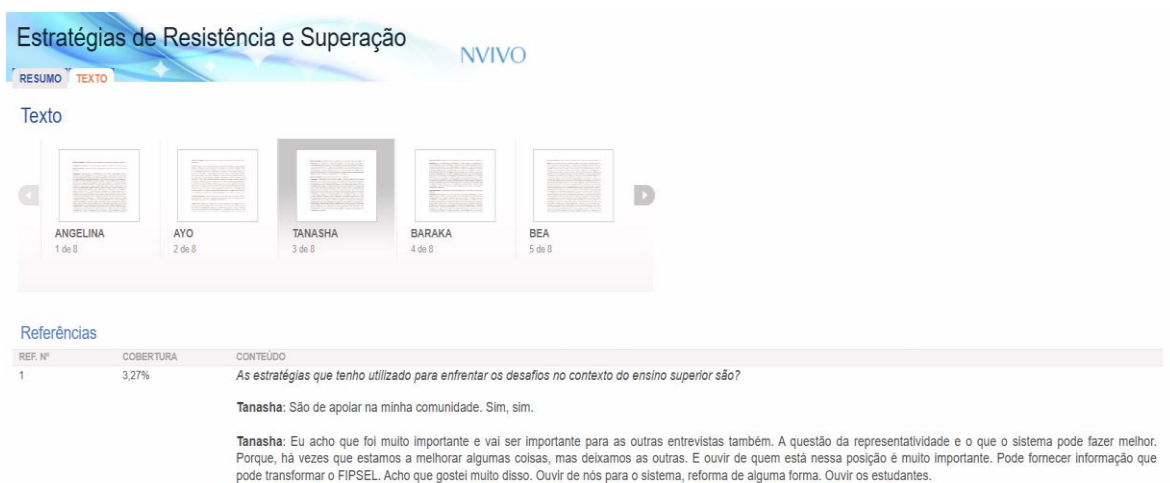
Figura 49

Nanth



Figura 50

TANASHA



Categoria 5 — Agenda Estudantil Afro – Vozes que projetam.

5.1. Visão de Educação

ARQUIVOS e TEXTOS

1 referência codificada de cada entrevistado(a)

Angelina

1 O sistema de ensino em Portugal é bastante exigente e tem uma abordagem mais teórica. Enquanto em Cabo Verde... tem também mais da prática.

Ayo

1 Não dá para comparar a educação da África... o sistema de ensino com o sistema europeu. A Guiné ainda temos essa dificuldade.

Baraka

1 Você tem que encontrar força para enxergar a dificuldade como oportunidade de você crescer um pouco mais.

Bea

1 Eu sempre disse que quando eu saísse da escola ...ninguém mais ia me calar, e foi por isso que eu escolhi o jornalismo”.

Jabari

1 Mesmo sem condições, eu poupei, trabalhei, porque queria estudar e melhorar minha vida, sintetizando o papel da educação como projeto de transformação individual e familiar.

Kioni

1 Minha universidade no Brasil era mercadológica... aqui é mais voltada para a pesquisa, produção de saberes.

Nanth

1 Porque eu é que cuido da faculdade, eu é que pago, eu é que faço tudo [...] é um objetivo que eu tenho para realizar.

Tanasha

1 Sempre quis psicologia porque via filmes, né! Que dava pra sentar e conversar e ajudar as pessoas.

5.2. Efetiva Justiça Social

**Entrevistadora: Se tu pudesses mudar alguma coisa, o que era que você faria? O que tu consideras que pode ser feito institucionalmente para promover esse processo de inclusão e equidade? Quais são as mudanças que você acha que favoreciam esse processo de inclusão?*

***ANGELINA* 3 referências codificadas**

1 Meu objetivo seria eliminar as barreiras da inclusão, criando um ambiente educacional mais aconselhador, igual a todos, para todos os alunos, independentemente da sua característica, origem, habilidade etc. Como professor, a minha responsabilidade era promover a inclusão na escola. E, significaria trabalhar para que todos os alunos sentissem

parte do mesmo ambiente de aprendizagem, sem que tenha a necessidade de ser excluída. Também tinha que ter a inclusão específica, onde tinha que ter tanto respeito, aceitação.

2 Em termos também da cultura e respeito à empatia, também deveria fomentar um ambiente onde as diferenças são celebradas e respeitadas, não só apenas toleradas. As atividades também deveriam ter promovido a empatia, com debates sobre diversidade e respeito. Isso também é fundamental, criar uma cultura de respeito mútuo.

3 Poderia também trabalhar para garantir que o currículo escolar tenha uma representação diversa, mostrando histórias da cultura e perspectivas de diferentes grupos, éticos, sociais e de gênero. Ou seja, eu como professora, também poderia promover um treinamento em termos metodológicos, onde ia facilitar a integração de todos os alunos, com um foco na colaboração entre estudantes com diferentes habilidades e necessidades. Eu acho também que a formação dos professores não deveria ser limitada ao conhecimento pedagógico. Ou seja, eu, por exemplo incentivaria uma formação mais profunda em temas como racismo, discriminação, preconceito, para que todos os alunos ou os educadores possam atuar de maneira inclusiva em toda a área. Ou em toda a prática diária.

***AYO* 2 referências codificadas**

1 Na Universidade do Porto, em todas as faculdades, e acho que em Portugal todo, o Conselho Pedagógico é composto por uma secção do pessoal da direção, e depois docentes, e alunos. É sempre assim. Foi no ano passado. Eu vi o e-mail de candidaturas, mas pronto, não ia ter tempo para isso. Mas se calhar, sim, incluir estudantes. Por exemplo, hoje em dia, que já estamos a ganhar um certo número cá, incluir estudantes nisso também. Não sei quais são critérios de inclusão. Mas se calhar, pode ser tomado em atenção, em consideração. Claro que se o critério, por exemplo, for a questão do desempenho dos alunos durante os anos curriculares durante o período estudantil e tal, essas coisas, as notas, não haverá possibilidade de nós entrarmos lá. E, eu fiquei, principalmente nos primeiros momentos, eu me sentia muito mal, porque não conseguia tirar boas notas. Às vezes eu estudava, parecia que eu entendia a matéria, mas depois chego no exame, eu chegava no exame e nada. E isso acontece até hoje. Há coisas que eu preciso, às vezes, parar e ler duas, três vezes. Porque essa questão da língua é muito fundamental, muito importante. Por um lado, isso também tem a ver comigo, porque eu até hoje tenho muita dificuldade em ler coisas que não são da faculdade, ou seja, cultivar o hábito da leitura. Mas também, por outro lado, acho que primeiro, tem a ver com o nosso sistema de ensino, que

precisa ser mudado lá. Mas também, cá, tendo conhecimento da realidade africana e, por exemplo, daquilo que é o meu contexto da realidade guineense. Eu sei que isso pode custar muito à faculdade ou universidade, mas seria uma forma de ajudar. Porque fazendo isso, pressupõe-se que esses estudantes tenham a bagagem suficiente para enfrentar o ensino superior, enquanto, na realidade, não tem. Se calhar. Alguma estratégia que os docentes poderiam criar.

2 Mas acho que há... Principalmente esta questão da integração não nas atividades extracurriculares, mas nas atividades mesmo no contexto mesmo acadêmico da faculdade. No principal, neste caso, acho que devia haver iniciativa para integrar pôr ao pé de igualdade os estudantes estrangeiros que vêm cá estudar. Ao pé de igualdade com os que já estão cá. Principalmente nós, os africanos. Se calhar os brasileiros podem não ter tanta dificuldade na questão de língua assim como o ensino. O ensino brasileiro é melhor, muito melhor que o ensino da maior parte dos países africanos. Mas, mesmo assim, também é uma opção para quem quiser porque eu já conheci brasileiros que tiveram a mesma dificuldade que eu. A mesma dificuldade. Lá está, o Brasil é grande.

***BARAKA* 0 referências codificadas**

Nota explicativa: Esta pergunta não foi abordada com este interlocutor, uma vez que o guião de entrevista foi utilizado de forma flexível, ajustando-se ao contexto e à dinâmica específica de cada conversa.

***BEA* 1 referência codificada**

1 Pronto, eu sempre começo com o que eu acho, mas isso é uma afirmação. Eu acredito que se eu pudesse, se eu tivesse voz, se eu tivesse mãos, se eu tivesse capacidade de mudar alguma coisa dentro da universidade, seria a integração dos alunos estrangeiros. Porque não basta você fazer um jantarzinho, se reunir ali no barzinho e falar, olha, sejam bem-vindos, vou te mostrar a universidade. Não, isso não basta. **Quando a gente fala de integração, é saber se a pessoa está conseguindo trabalho para se manter aqui em Portugal, ou se, qual é a bolsa que esse aluno pode se inscrever. Olha, já que você não é português e a gente sabe que com esses problemas que a AIMA enfrenta, você só vai ter lá o título de igualdade daqui a 3, 4 anos, já vai ter terminado o mestrado,**

não vai precisar disso para nada. Que bolsa você como estrangeiro pode se inscrever? Olha, é assim que se inscreve, é assim que faz, é assim que isso. O excelente é fazer uma integração consistente.

***JABARI* 6 referências codificadas**

1 Talvez se eu soubesse, por exemplo, eu podia acessar o Cigarra no meu país. Eu tinha internet.

2 Ia facilitar, porque eu ia poder ter acesso aos conteúdos, começar a estudar. E quando eu cheguei cá, podia fazer alguns trabalhos, porque cheguei em dezembro, eu ia estudando, de qualquer maneira, eu ia enviar mensagens aos professores. Já quando cheguei cá, se eu não pudesse entregar trabalhos, na época normal, eu podia entregar os trabalhos na época do recurso. Cheguei em dezembro, e a entrega dos trabalhos é em janeiro. Se eu conseguisse ter sucesso em todos - mas eu juro que eu conseguiria. E, aí eu não teria que estudar primeiro ano 2 vezes.

3 Quando os estudados internacionais chegam cá, vindo principalmente da África, que sejam dadas as informações principais, por exemplo, de como funciona a faculdade, e sabendo também, que os alunos internacionais têm a tendência de chegar um pouco atrasado, não devem ser incluídos, tipo, nas aberturas solenes, os que chegaram tudo bem. Mas os que não chegaram? por exemplo, os kits que eles tinham, que tinham direito por ser estudantes no primeiro ano na Universidade de Porto, seria bom se a direção da faculdade pudesse separar os kits que esses alunos têm direito.

4 Então, acho que é uma das coisas que podiam fazer para os estudantes internacionais. Quando, no momento das candidaturas e das matrículas, a faculdade já tem, por meio de base de dados, o número e o nome das pessoas que escreverem, foram aceitos, que já fizeram as matrículas, as respectivas matrículas, e que não chegaram, talvez por uma razão ou outra, e que esses alunos, como uma parte de motivação de serem apresentados, por exemplo, quando chegam, em dezembro, sei lá, ou antes de dezembro, ou depois, se decidirem vir estudar, recebem um dos kits que devem receber, acho, para mim, seria uma motivação extra. Seria também uma parte de se sentirem valorizados e apresentados pela faculdade. Exatamente, pode não ser uma dimensão, uma organização com a mesma dimensão, mas uma vez que já chegue, porque não vão chegar todos uma vez, mas uma vez que vão chegando, que seja feito esse gesto de se conversar com eles, de dizer, “olha, você não chegou a tempo, mas chegou, aqui estão os kits que têm o direito como um

estudante pela primeira vez da faculdade”, para mim, acho que isso seria uma motivação extra.

5 Acho que uma das coisas poderia ser feita é os estudantes aqui poderiam fazer mais misturas com estudantes internacionais para nos ajudar a nos adaptar muito bem aqui.

6 provavelmente as pessoas que costumam formar um grupo dentro dos seus trabalhos são as pessoas que se conhecem bem, que já teve uma relação, mas sendo numa turma com estudantes que não são daqui, fazendo uma mistura com estudantes daqui, para mim, faria muito mais sentido. Porque ali seria muito mais enriquecedor, cada um poderia passar as experiências da realidade e também ajudaria muito mais os estudantes internacionais a poderem se adaptar a conhecer-se bem a realidade portuguesa

***KIONI* 1 referência codificada**

1 do currículo ainda é algo muito importante para se pensar. Especialmente em cursos, por exemplo, como estudos africanos. Eu acho que já existe ali, eu notei que existiu ali um esforço de fazer isso, mas ainda existe, acho que ainda o caminho ainda não está feito. Ainda precisa ter um caminho aí para ser perseguido nisso.

***NANTH* 1 referência codificada**

1 convite para estudantes participarem. Isso também traz tipo a união. Eu acho que até poderia ser, tipo, duas pessoas passarem nas turmas. Porque há estudantes que chegam, que chegam no primeiro ano. Essas coisas não sempre têm uma ligação com ir ver aquilo, ir ver aquilo. Eles se preocupam com outras coisas. Mas se formos falar com eles, se passamos nas salas de aulas, às vezes, de vez em quando. Avisar aquelas atividades mais grandes. E eles vão mais a participar. Ou informar alguns professores depois das aulas, pode dizer que vai ter essa atividade para os estudantes não esquecerem. Porque nem todos os estudantes vão ao e-mail para ver as coisas. Mentores, eu acho que esse serviço tem que alastrar mais. Tentar ter mais pessoas no serviço. Que é para ir encontro às pessoas que chegam. Porque há sempre dificuldade. A realidade é diferente. Mas essa é uma forma de acolher essas pessoas que estão a chegar. De estar com eles. E há unidades também curricular. Tipo, no caso de estatística. Já há pessoas que vêm de humanidade e não têm lidado assim com práticas. E acabam por deixar essas unidades curricular. Mas se

há uma forma de ter uma explicação extra para essas pessoas. Eu acho que é uma forma de ajudar bastante. De dar explicação fora das aulas.

***TANASHA* 1 referências codificadas**

1 Eu acho que, não sei, atividades. Aqui na faculdade, aqui nos uno, sentarmos todos e assistirmos um filme, ter noites de filme. Às vezes tem, às vezes até tem, mas os filmes selecionados são para uma demografia. Depois, as festas, as músicas que vão tocar, nós já sabemos que não gostamos, então não vamos aparecer. Acho que um dia cada qual traz uma comida da sua cultura, pode nos unir a todos. E eu acho que falta curiosidade, porque eu conversei com uma menina que estudou em Coimbra, e Coimbra é uma cidade universitária, nem muita gente vive lá. Eles procuram as pessoas, realmente tentam conhecer pessoas novas, porque ninguém é de lá. Enquanto, que aqui no Porto, muita gente já vive aqui há muito tempo, vieram aqui com os amigos do secundário, então só vêm para a escola, vão para casa. E não tem essa curiosidade para conhecer os colegas. Tem colegas que vêm da Guiné, que é um sítio que eu quero visitar, tem colegas do Cabo Verde, um sítio muito bonito, e ninguém sabe nada sobre essas coisas. Perguntaram uma vez, qual é o seu sítio de sonho para viajar, e nenhum país em África é o sonho de muitos portugueses ou de muitos brasileiros de ver. Então, eu acho que falta exposição destas pessoas, e falta curiosidade para conhecer.

Reflexões Pessoais — Exemplo de um dos blocos de questionamentos presentes no guião de entrevista

Entrevistadora:

*Que recomendações você daria a alguém que esteja pensando em viver e/ou estudar em Portugal?

***ANGELINA* 1 referência codificada**

1 Que ficasse na terra deles, que estudasse na terra deles, que é bem melhor.

***AYO* 1 referência codificada**

1 Primeiro, ser resiliente e persistente. Não se importar com erros e exclusão, por exemplo. Mas ter o foco sempre no objetivo. Lembrar sempre. Pergunto a mim mesmo, o que é que me trouxe cá? É estudar, portanto, vamos lá. E não ver as coisas tanto no hoje, mas sim no amanhã. E isso não quer dizer pensar mal de outras pessoas. Mas eu digo assim, se me tratares mal hoje, quem sabe, este mundo é tão pequeno, amanhã poderás precisar de mim. E isso vai ser, portanto, não ver tantas coisas no hoje assim como no amanhã. Tanto a questão das dificuldades e tudo, acho que para aprendermos precisamos passar por estas coisas. E é preciso ser resiliente, ser persistente, perseverar, isto é uma palavra mais cristã. Mas sim, acho que encaixa também nesta vida social. Perseverar mesmo em meio às dificuldades. Eu já desanimei muitas vezes.

***BARAKA* 1 referência codificada**

1 viver... Ou estudar. Eu acho que... Estudar é bacana, eu acho que o conhecimento cá em Portugal, as universidades são bacanas, boas, o nível de conhecimento, você cresce bastante, eu acho que nunca é demais. Eu acho que vale a pena, independente que seja em Portugal ou em qualquer outro país, estudar sempre vai valer a pena, independente do desafio que a pessoa passa, venha a passar na vida. E morar é assim, é um país bom para se viver, mas a pessoa tem que realmente ter uma estrutura, porque a vida na Europa é uma vida cara. É uma vida cara. Então você tem hoje, já há algum tempo, um Portugal que

está em uma crise imobiliária, como uma boa parte da Europa, onde você já consegue ver pessoas morando em barracos na rua. Você vê pessoas que saem do trabalho, ganham os seus 870 euros, saem do trabalho, não conseguem pagar uma casa, mas compram uma barraquinha na Leroy e vão dormir ali para no outro dia ir para o trabalho. Então eu acho que aquilo que a Constituição fala, a Constituição portuguesa, que aquilo que a pessoa ganha tem que dar para suprir a necessidade da família e tudo, não está dando para isso realmente. 95% da sociedade portuguesa ganha o ordenado mínimo. O ordenado mínimo é 870 euros, vou falar que desconta 11% de segurança social, a pessoa está pagando T1, T0, 800 euros. Então o que essa pessoa come? Como que essa pessoa vive? Então eu acho que para morar em Portugal tem que ter uma estrutura financeira, não é emigrar e saber que vai chegar aqui, não é assim, tem que ter uma estrutura. Porque hoje você fala em 600 euros, é uma casa em uma ilha. Hoje o estudante deslocado português, deslocado que vem de Lisboa, que vem para estudar no Porto, vem de outras regiões para estudar no Porto, paga em um quarto 500 euros. Então o custo de vida na Europa está bastante elevado, então quem quer ficar para viver aqui, tem que ver se realmente você tem um trabalho que dê condições de fazer a vida, tem um trabalho que dê condições de fazer a vida, se o que você ganha dá condição de pagar uma moradia, ou uma casa para você viver, ou senão você vai fazer que nem muitos fazem aí, aluga uma casa, coloca 10, 15 pessoas dentro de uma casa, dormindo no chão, isso, aquilo, para poder dividir, para poder conseguir pagar o aluguel na qual não é uma vivência muito agradável, mas as pessoas fazem isso porque não tem uma outra alternativa. Eu espero ter ajudado!

***BEA* 1 referência codificada**

1 Análise mais o currículo da universidade, o currículo do curso, para ver se é isso mesmo que você quer, se é isso mesmo que você busca. Tenha em mente o que você está disposto a passar. Prepare-se psicologicamente, quando você achar que está preparado, você ainda não está, coloque aí no teu orçamento, que com certeza a pessoa faz orçamento, eu vou precisar de dinheiro para transporte, dinheiro para pagar para a faculdade, dinheiro para alimentação, mas já coloca aí dinheiro para o psicólogo, para o psiquiatra, para remédio, infelizmente é isso, eu acho que eu não conheço um brasileiro que esteja bem psicologicamente aqui, eu ainda não conheci um, se você me apresentar um que esteja bem, eu já fico satisfeita, mas eu ainda não conheci um que estivesse bem psicologicamente aqui, com as coisas que passam, e aquela frase clichê, você vai ter medo,

mas vem com medo mesmo, porque algum tipo de aprendizado você vai tirar, se der certo você vai tirar um ótimo aprendizado, você lutou, você alcançou teu objetivo, e se por acaso você vier a desistir, não é problema nenhum, você tentou, é melhor tentar do que não tentar, é isso que eu tento carregar comigo, eu tentei, estou tentando, se der certo eu tentei pelo menos.

***JABARI* 1 referência codificada**

1 E também aprendi aqui muitas coisas que eu guardaria comigo o resto da minha vida, e que eu poderia também falar com as pessoas que futuramente podem vir a pensar em vir por cá a fazer mestrado, e eu poderia conversar com mais as pessoas, se me procurarem, ou se eu souber, mesmo não me procurando, eu ia dar a minha opinião, é o que eu aprendi aqui, e como isso poderia ajudá-los a organizar-se melhor antes de chegar cá para fazer o trabalho

***KIONI* 1 referência codificada**

1 Eu diria para a pessoa conversar com outras pessoas que já vieram, para ouvir experiências diferentes, assim, para tentar pensar em como que essa vivência como migrante em Portugal pode afetá-la de diferentes perspectivas, e também em que estilo de vida que ela está planejando, porque é isso, cada pessoa é uma pessoa. E tem formas diferentes de vivenciar. Por isso, quando as pessoas me perguntam, ah, eu deveria fazer, eu deveria ir para Portugal, eu deveria tentar um mestrado, eu falo, depende, o que você está buscando, o que você quer, qual que é o seu objetivo. Então, depende muito, eu acho que conversar com outras pessoas ajuda bastante, pesquisar na internet em fontes mais confiáveis ajuda bastante, e tentar, pronto, tentar de alguma forma ir construindo já uma rede, se a pessoa decidiu vir, e ir construindo uma rede de contatos, que no fundo é o que salva a gente aqui, ter outras pessoas que podem contribuir para tornar a sua experiência menos solitária, menos precária e tal.

***NANTH* 2 referências codificadas**

1 Eu acho que eu vou explicar a minha experiência.

2 Que não é fácil. Faculdade, dá estresse, há um momento que a pessoa, se não concentrar, vai se acabando por desistir. Mas é preciso termos objetivo e queremos cumprir com esse objetivo. Se queremos estudar, vamos em frente. É só enfrentando que podemos superar. Se não enfrentamos, nunca vamos conseguir realizar. Portanto, a dificuldade vai aparecer. Mas com a dificuldade, a pessoa vence. Se os outros conseguirem, eu também posso conseguir.

***TANASHA* 1 referência codificada**

1 Tem que sair da zona de conforto. Eu sou uma pessoa muito tímida, mas de alguma forma tive que fazer amigos, tive que fazer contatos, me conectar com as pessoas. E tive que sair da zona de conforto. A pessoa vai ter que sair da zona de conforto. Encontrar pessoas com quem se identifique, e cultivar as amizades. Porque vais criando a tua família, vais criando o teu círculo, e acho que isso é muito importante aqui. Estudar, manter o foco, mas também descansar é muito importante. Porque aqui nos perdemos muito. Chega maio, está tudo ao avesso, ninguém mais dorme, ninguém mais come. Só acordamos e queremos estudar. É muito importante descansar também. Fazer perguntas, colocar-se, mostrar posicionamento em sala de aulas, ir atrás dos professores, ir atrás desses programinhas, criar tempo para essas coisas, e se divertir também. É bom. Tem muita coisa boa para fazer, muitas pessoas boas que vamos conhecer nesses passos. E é isso, não é fácil porque é muito bom ser independente, ter essa independência, mas vem com muita responsabilidade também.

Entrevistadora:

Sentimentos e perspectivas — complete as frases, eu início e você finaliza *1 a 4*

1. Eu me sinto incluída na universidade quando ...

AYO

1 Isto é difícil! Quando, por exemplo, sou convidado para fazer parte de alguma atividade. Ou sou incluído num grupo de trabalho. Coisas assim. Ou sou incluído na turma, consigo estar ali a participar das coisas da faculdade, de uma forma direta, né? Sabendo qual é a minha presença cá é mesmo importante.

BARAKA

1 A partir do momento que eu não dou importância para o que pensam de mim e seja aquilo que eu sou, e seja eu mesmo no contexto.

BEA

1 Quando ... os meus professores utilizam exemplos do Brasil de forma respeitosa, do meu país de forma respeitosa, ou me perguntam se um fato é verdade ou não, sem tomarem a verdade deles como absoluta.

KIONI

1 Eu me sinto incluída na universidade quando as minhas referências e as minhas experiências são valorizadas, enquanto conhecimento também, enquanto produção de conhecimento, e quando eu sou ouvida, é isso.

NANTH

1 Quando os professores também aceitam dar explicação. Tipo, daquilo que eles dão nas aulas. Além das aulas, quem não percebe vai ter a ele e ele dá a explicação. Então, me

sinto incluído também naquele momento. E mais algumas atividades também que a faculdade. Tipo, aquela atividade acadêmica — Palestra, essas coisas.

TANASHA

1 Quando me chamam para sentar no relvado e apanhar sol!

Entrevistadora:

1. Gostaria de ver mais representatividade na universidade por meio de...

ANGELINA

1 Professores!

AYO

1 Se calhar por meio de apoios aos estudantes africanos. Ou negros afrodescendentes, né? Porque não adianta só essa questão da representatividade dos estudantes afrodescendentes virem cá estudar. Ou seja, somos uma universidade inclusiva porque temos estudantes cá a estudar. Mas quem acompanha estes estudantes? Quem os dá apoio? Acho que essa questão é fundamental. Não quer dizer que os portugueses também não têm apoio. Têm, mas ao menos na maioria têm família. Famílias cá. Muitos estudantes moram com os pais. E lá está. Eu sempre tentei comparar muitas vezes, mas não dá. Quem está com os seus ... Eu também quando estava com os meus pais tirava boas notas. Não tinha nada para fazer. Mas cá, tenho que cozinhar para mim, tenho que fazer compras. Às vezes tenho que ir aqui, acolá, trabalhar. Preciso de dinheiro, preciso disto. Às vezes não é só questão de ter tanto tempo para estudar. Às vezes posso até ter tempo, mas não tenho psicológico para... Não me sinto motivado às vezes porque tenho de preocupar ainda com outras coisas. Por mais que o estudo aqui é fundamental. Mas não posso deixar de comer, não posso deixar de vestir, não posso deixar de cuidar das outras coisas também. E lá está. A minha vida não é só estudo. Tenho outras coisas. Acho que nós devíamos ter esse apoio acrescido. Isso fazia com que a representatividade seja completa.

BARAKA

1 Se fosse mais... Tivesse professores mais capazes de ser esse multicultural, receber pessoas de culturas diferentes mantendo sempre a serenidade e o respeito.

BEA

1 Programas específicos para estudantes estrangeiros.

KIONI

1 Por meio de políticas de inclusão de professores e de diretores de centro e de alunos negros, e que têm alguma experiência como pessoa racializada e também sociais. Por isso, essa era uma forma, acredito, que a criação de políticas públicas para inclusão e integração de pessoas negras na universidade era uma forma de combater um pouquinho os problemas causados pelo racismo estrutural em Portugal, OK.

NANTH

1 Por meio de inclusão dos imigrantes, dos estrangeiros. Sim. Porque só assim é que podemos nos sentir mais incluído. Ou mais representado na faculdade.

2 Por meio de inclusão dos imigrantes, dos estrangeiros. Sim. Porque só assim é que podemos nos sentir mais incluído. Ou mais representado na faculdade.

3 Qualquer atividade. Os marketings. Portanto, participar também na coisa. No serviço de algumas atividades da faculdade.

TANASHA

1 Por meio de exposição de autores, de psicólogos, de acadêmicos pretos também.

Entrevistadora:

3. A integração social entre estudantes de diferentes origens pode ser fortalecida através de...

ANGELINA

1 Iniciativas que promovem o respeito, acho que é só.

AYO

1 Através de momentos de partilha entre esses estudantes. Acho que muitos estudantes cá, nacionais, não conhecem, não sabem a realidade daquilo que é o nosso background, digamos assim. Estou a falar nisto agora porque lembrei de uma cadeira que tive no terceiro ano sobre dinâmica de grupos. Onde a aula era expositiva, mas ao mesmo tempo laboratorial. Ou seja, nós falávamos de como é uma dinâmica de grupo, ao mesmo tempo nós mesmos estávamos a participar ou estávamos a participar de uma dinâmica de grupo. As aulas eram feitas assim, numa roda. E pronto, com atividades reais, digamos assim. E pronto, acho que momentos de... Muitas pessoas passaram a conhecer-me, até fiz algumas amizades por causa daquela aula. Muitas pessoas passaram a conhecer-me assim porque houve, por exemplo, momentos de partilha coisas assim mais pessoais, que a pessoa se sentisse à vontade. A vontade de falar, né? E acho que isso falta. Muitos não sabem da nossa realidade, só sabem, ah, eu negro não quero saber nada ou não sabe nada ou não faz nada. Mas a pessoa não sabe, por exemplo, da minha realidade ou o que eu estou a passar no mundo. E pronto. Acho que havendo conversações e partilhas, mais informação... Hoje em dia até acho que estão alguém para dizer, não, não é falta de informação porque há muitas notícias, há muitas informações nas redes sociais e às vezes é ignorância de algumas pessoas. Mas havendo partilhas mais reais, mais físicas, neste caso. Porque assim, eu posso até ser consciente. Posso passar a ter consciência sobre determinado assunto nas redes sociais e na internet, sim. Mas é diferente quando eu vivo isso de perto. Sim. E acho que a partilha de uma pessoa que vive isso de perto é mais real e muito mais próxima à realidade em relação a eu aprender só na internet ou ver só as notícias. De uma certa forma, muitos têm alguma sensibilidade. Mas muitas vezes falta essa partilha, esse conhecimento da realidade, da origem e pronto. Acho que sim, acho que isto podia ser.

BARAKA

1 Eu acho que... Eu acho que eles deveriam se encontrar mais, ter grupos de apoio, conversar mais em grupos de apoio criado talvez pela própria universidade ou talvez por lugares que eles frequentam, seja igrejas, seja o que for. Poder se comunicar mais. Uma via interessante seria os da associação de estudantes, ter esses pequenos debates de inclusão social.

BEA

1 Pode ... ser através de ações e integrações, ação em conjunto, comunidade.

KIONI

1 Através de criação de redes de contato entre as pessoas, porque eu acho que uma vez que as pessoas estão apresentadas, estão numa mesma sala, estão no mesmo grupo de estudo, estão no mesmo ambiente, de alguma forma, elas tendem a se darem muito bem, se complementarem muito bem. Mas eu acho que essa é uma coisa que a universidade, em geral, peca em fazer, que é justamente criar as condições para que as pessoas possam se reunir, para que as pessoas possam trocar experiências etc. Eu acho que a universidade falha em criar as condições materiais, até, para que as pessoas possam exercer a sua cultura e se integrar com outras.

NANTH

1 Eu acho que através de comissão de estudo. Se as pessoas unem diferentes nacionalidades para estudar em conjunto, os alunos, isso fortalece a amizade. E atividades também a nível de coisa, de associação dos estudantes. Portanto, de darem coisa, convite para estudantes participarem. Isso também traz tipo a união.

Para mim, não é. Eu acho que até poderia ser, tipo, duas pessoas passarem nas turmas e... Porque há estudantes que chegam, que chegam no primeiro ano. Essas coisas não sempre têm uma ligação com ir ver aquilo, ir ver aquilo. Eles se preocupam com outras coisas. Mas se formos falar com eles, se passamos nas salas de aulas, às vezes, de vez em quando. Avisar aquelas atividades mais grandes. E eles vão mais a participar. Ou

informar alguns professores depois das aulas, pode dizer que vai ter essa atividade para os estudantes não esquecerem. Porque nem todos os estudantes vão ao e-mail para ver as coisas.

TANASHA

1 Através de atividades lúdicas na faculdade.

Entrevistadora:

4. As estratégias que tenho utilizado para enfrentar os desafios no contexto do ensino superior são...

ANGELINA

1 No meu caso o maior desafio, é a gestão do tempo. Eu acho que é isso.

E consigo hora do meu trabalho, ainda bem que é compatível ao meu estudo, porque na altura, logo no primeiro ano, eu, logo no início, falei com o meu patrão e consegui adaptar o horário do meu trabalho para poder assistir à aula.

AYO

1 É para pedir ajuda sempre quando for preciso. Às vezes, mesmo quando custa muito. Essa questão de ter a humildade de se abaixar e aprender com os outros. E quando não saber de algo, procurar saber. Quando eu não sei como fazer o trabalho, vou a um colega ou uma colega e pergunto. Neste caso, uma colega, porque são só mulheres. E pergunto. E é isso. Lembro-me que ..., mas pronto, isto é uma história longa, se calhar não vamos sair daqui. Mas foi basicamente isto. Eu não sabia como fazer algo. Foi nos meus primeiros tempos e tentei fazer, depois não saiu bem. E pronto, a partir dali, disse a mim mesmo. Não, quando não sabes de algo, vais e perguntas. E isso é importante muito. Sermos humildes e admitir que não sabemos. “Só sei que nada sei”, não é? E perguntamos. Acho que isto é muito importante.

BARAKA

1 Estratégia é o que? Força, determinação, confiança em mim mesmo, coragem, mesmo dedicação, nunca desistir daquilo que quer, sonhar sempre. Não delirar, mas sonhar. E é isso, né? Focar naquelas pessoas que por vezes eu acho que fazem algum sentido e são vencedores também e que me colocam pra frente, é isso.

BEA

1 Tô... pensando quais são as estratégias... Não deixar que a falha ou o medo dos outros interfiram na minha trajetória. Pensar que o modo como eu ajo pode inspirar outras pessoas, ou seja, se eu mostro que isso tá sendo 100% ruim, quando eu exalto só o lado 100% ruim e não falo também do 1% bom ou das poucas coisas boas, eu desanimo outras pessoas, então eu tento pensar que tem pessoas que estão se inspirando em mim. Isso é uma estratégia que eu uso para que eu não desista. Certo... me focar no que de fato eu quero, que é concluir esse curso, tentar tirar o que de bom eu consegui dele, né? E usar isso no futuro a meu favor, ou seja, tentar me inserir no mercado de trabalho com o que eu aprendi e é isso.

JABARI

1 Uma das estratégias que eu adoto é a questão de observação e imitação, que é uma forma da aprendizagem, uma das teorias anteriores da aprendizagem que diz que o ser humano aprende através de observação e imitação. Ah! Principalmente essa questão de ... mesmo na vida das crianças, acho que observam, (notei que praticamente às vezes, como não sou uma pessoa que gosto de perguntar, gosta de falar e gosta de interagir com as pessoas, eu uso, mas essa parte de observar e atentamente e depois imitar. É isso.

KIONI

1 Eu tenho conversado com pessoas, eu tenho criado redes de apoio, que são muito úteis não só para a produção de conhecimento de uma forma mais colaborativa e menos individualista, menos centralizada, mas culturalmente rica também, mas também para esses momentos em que a gente é, de alguma forma, atravessado ou até esmagado pelo

capitalismo global e pelas questões de racismo estrutural, etc., e que a gente precisa de outras pessoas para se reerguer em termos psicológicos, de segurança de saúde mental, etc. E mesmo de segurança física, porque com a escalada da política em Portugal para a extrema direita, mesmo a segurança física não é uma garantia, não é? Então, o que eu tenho feito, a universidade não é um espaço seguro, não considero que a universidade é um espaço seguro para mim, então o que eu tenho feito é confiado nas pessoas, tenho criado redes, e essas redes são o que me permitem continuar dentro da universidade e continuar a minha trajetória acadêmica, eu acho que essa é a minha estratégia principal.

NANTH

1 A mim eu sempre procuro, mesmo não vendo para aquele lado negativo, eu sempre procuro aproximar à medida possível. Porque é só assim que podemos mostrar que precisamos dele, precisamos de estar com eles para podermos evoluir. Certo. Sim, porque eles estudaram aqui, de jardim até ao décimo segundo e já sabem como é que é a realidade. Portanto, nós é que precisamos, nós é que devemos ir atrás. Eu sempre, também, se há oportunidade de aproximar deles, de falar com eles, eu procuro essa ocasião para ter essa mais aproximação entre nós e eles. Há alguns que já são os meus amigos, assim, da faculdade. Eu acho que isso também é porque eu fui encontro a eles. Olha, tu achas que a tua motivação é tão grande que a tua motivação pode ser ou não pode ser uma das estratégias? Eu acho que pode, eu acho que pode. Porque eu também, há alguns dos meus concidadãos, as pessoas da mesma nacionalidade comigo, eu sempre falo com eles, alguns que eu tenho idade mais do que eles. Há uma menina que, há um mês que ela não foi incluída no grupo e ficou assim em casa e não queria vir mais para a faculdade. Eu fui ter com ela, falei com ela que isso é uma coisa que ela tem que ver como uma coisa, assim, passageiro. Ela tem que lutar por aquilo que é positivo, porque ela tem um objetivo e quer alcançar esse objetivo. Portanto, vendo por esses aspectos negativos, não vai lhe ajudar. Aquelas pessoas que se excluem, que diz que não quer juntar grupo consigo, procura os outros que vão querer. Portanto, com os outros também podes aprender. E ela, há um dia que, há um conteúdo que o professor estava a dar, era de motivação também, e a professora perguntou qual é a motivação que nos faz acordar para vir à faculdade. E ela (a minha amiga) disse que eu sou a motivação.

TANASHA

1 São de apoiar na minha comunidade.

Entrevistadora:

Quer acrescentar mais ... Qualquer coisa que você quiser, que de repente eu deveria ter perguntado e não perguntei, que você acha que é importante colocar na tua entrevista, algo marcou, algo que tu queiras te expressar:

TANASHA

Eu acho que foi muito importante e vai ser importante para as outras entrevistas também. A questão da representatividade e o que o sistema pode fazer melhor. Porque... Há vezes que estamos a melhorar algumas coisas, mas deixamos as outras. E ouvir de quem está nessa posição é muito importante. Pode fornecer informação que pode transformar o FIPSEL. Acho que gostei muito disso... Ouvir de nós para o sistema ... Reformar de alguma forma. Isso. Ouvir os estudantes.

Ruth Valadares [Entrevistadora]

Eu agradeço! Porque é difícil a pessoa compartilhar coisas pessoais suas com uma pessoa que ela nem conhece, não tem afinidade, não pertence ao círculo de amizades. Então, muito obrigada por estar partilhando esse momento, essa tua história comigo. Muito obrigada! É muito importante para minha pesquisa. Sem essas entrevistas, eu teria que mudar a investigação — E ficar só conversando com os livros. Perguntando para os livros... então, muito obrigada!

Apêndice 9. Devolutiva aos Entrevistados: Envio das Transcrições Individuais

Este Apêndice apresenta o formato utilizado para a devolutiva das entrevistas aos participantes da investigação. Após a transcrição integral das entrevistas, cada entrevistado recebeu um arquivo individual em formato Word, contendo a transcrição completa e uma capa personalizada com identificação codificada (nome simbólico africano), contextualização do entrevistado e declaração de uso da entrevista.

O envio foi realizado por meio digital, assegurando a confidencialidade e o respeito à autonomia de cada participante. A devolutiva teve como propósito reconhecer a colaboração de cada um, garantir transparência quanto ao uso das falas e oferecer a oportunidade de leitura e eventual correção de eventuais imprecisões textuais.

Ressalta-se que **uma das entrevistadas recebeu a transcrição antes da elaboração do modelo de capa**, razão pela qual o documento correspondente foi enviado sem esse elemento gráfico.

Esta etapa reforça o compromisso ético da pesquisa, pautado nos princípios da escuta, da reciprocidade e do reconhecimento dos sujeitos como coautores simbólicos do processo investigativo.

Figura 51

Exemplo de envio on-line do consentimento informado e devolutiva

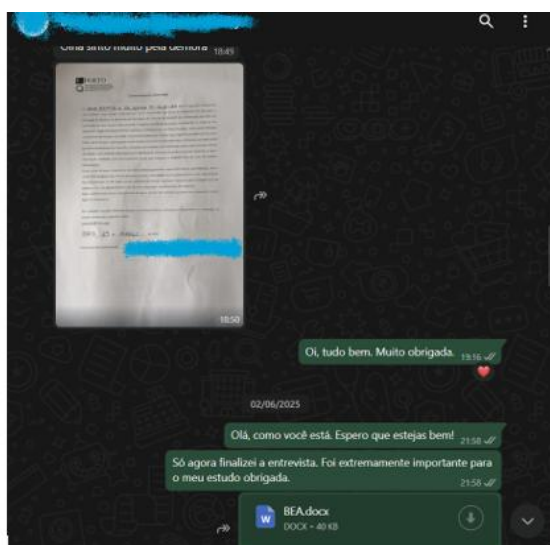


Figura 52

Exemplo de devolutiva

Educação e Formação de Adultos (MEFA)

Título:

Transcrição da entrevista presencial

Entrevistadora - Ruth Valadares:

Mestranda na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – domínio do MEFA.

Entrevistada – Tanasha:

Estudante da UP. Licenciatura XX. Faculdade XX. | Nacionalidade (Moçambique).

Identificação na dissertação: estudante na área da Saúde Mental e Ciências Humanas.

Portugal: vivência 2 anos

Codinome: Tanasha, origem (África Oriental), significa essencialmente “Ambição; Firmeza” – reflete determinação e foco.

Declaração de Uso:

A entrevista aqui apresentada foi cedida para ser utilizada única e exclusivamente como sustentáculo da investigação científica que culminará na dissertação de mestrado. Ressalto que os dados obtidos serão empregados apenas para fins académicos, garantindo o sigilo e a confidencialidade das informações prestadas. Esta transcrição foi apreciada pelo entrevistado antes do processo de análise, a fim de corrigir eventuais falhas cometidas na transcrição, sem que haja alteração na narrativa, seja por parte da entrevistadora ou do entrevistado, garantindo assim a fidelidade da narrativa da entrevista.

Agradeço profundamente a sua generosa participação e partilha nesta entrevista.

Figura 53

Exemplo do consentimento de uso de fotografias e imagens



CONSENTIMENTO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM EM TRABALHO ACADÊMICO

Eu, ,
declaro estar de acordo em colaborar no estudo conduzido por **Ruth Valadares**,
estudante do Mestrado em **Educação e Formação de Adultos** da **Faculdade de
Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP)**, sob
orientação do Prof. Doutor **João Caramelo**.

O estudo tem como objetivo compreender as experiências e trajetórias de estudantes
negros afrodescendentes, nacionais e internacionais, no Ensino Superior, com especial
atenção aos processos de inclusão, equidade e representatividade que marcam as suas
vivências académicas e sociais.

Estou ciente de que a minha colaboração consistirá em conceder o uso da minha
imagem (fotografia ou outro registo visual), que será utilizada **exclusivamente para
fins académicos e científicos**, podendo constar no corpo do trabalho e/ou nos anexos,
de forma **ética e respeitosa**, sem fins lucrativos ou comerciais.

Tenho conhecimento de que posso, a qualquer momento, solicitar a retirada da imagem,
sem que isso implique qualquer prejuízo à autora do estudo. Declaro ainda que esta
autorização é concedida de forma livre e esclarecida, e que o trabalho não envolve
qualquer risco de natureza pessoal, social, legal ou financeira.

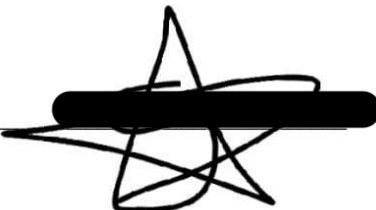
Para qualquer questão adicional, poderei, em qualquer altura, contactar a investigadora
responsável ou o orientador do estudo, através dos seguintes meios:

caramelo@fpce.up.pt

barrosnan@hotmail.com

Outubro de 2025

Assinatura do/a participante:



Apêndice 10. Representatividade Negra em Portugal

As imagens a seguir registam obras e fotos dos(as) poetas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), expostas no Parque dos poetas, simbolizando a presença afrodescendente no espaço académico e cultural português.

Nota: Todas as imagens deste Apêndice são de autoria do Parque dos Poetas (Oeiras, Portugal) com exceção da imagem Figura 58, cuja autoria é distinta.

Figura 54

Parque dos Poetas - Oeiras, Lisboa, Portugal



Figura 55 e 56

Alda do Espírito Santo - São Tomé e Príncipe



Figura 57 e 58

Alda Lara - angolana



Fonte.

<https://www.lusofoniapoetica.com/angola/alda-lara>

Figura 59 e 60

Jorge Barbosa - Cabo-verdiano

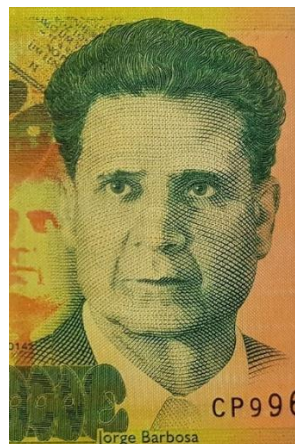
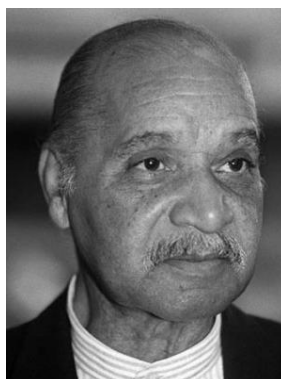


Figura 61 e 62

José Craveirinha – moçambicano



Apêndice 11. Memórias Partilhadas

Registo pessoal realizado no espaço universitário da Universidade do Porto e na comunidade.

Figura 63 e 64

Encontros de convivência (Comunidade do Porto)



Fonte: Saphie Ribeiro

Figura 65 e 66

Encontro de Construção Coletiva (Estudantes da FPCEUP)



Figura 67 e 68

Autora



Este Apêndice traduz fragmentos de uma trajetória partilhada, marcada por encontros, afetos e aprendizagens coletivas. Representam não apenas o espaço físico da universidade, mas também os laços construídos com membros da comunidade, revelando o sentido de pertença, resistência e partilha que atravessou todo o meu processo formativo.